



A alegria de ler e aprender

A alegria de ler e aprender

TP5

TP5

PRALER



Ministério da Educação



Presidência da República

Ministério da Educação

Secretaria de Educação Básica

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

Diretoria de Assistência a Programas Especiais

**PROGRAMA DE APOIO A
LEITURA E ESCRITA
PRALER**

CADERNO DE TEORIA E PRÁTICA 5

A ALEGRIA DE LER E APRENDER

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ASSISTÊNCIA A PROGRAMAS ESPECIAIS**

**PROGRAMA DE APOIO A
LEITURA E ESCRITA
PRALER**

**CADERNO DE TEORIA E PRÁTICA 5
A ALEGRIA DE LER E APRENDER**

BRASÍLIA
2007

© 2007 FNDE/MEC

Todos os direitos reservados ao Ministério da Educação - MEC.
Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida desde que citada a fonte.

DIPRO/FNDE/MEC

Via N1 Leste - Pavilhão das Metas
70.150-900 - Brasília - DF
Telefone (61) 3966-5902 / 5907
Página na Internet: www.mec.gov.br

IMPRESSO NO BRASIL

Apresentação

Amigo(a) Professor(a)

Neste caderno de Teoria e Prática 5 – A Alegria de Ler e Aprender –, Você vai ter oportunidade de refletir sobre os aspectos mais prazerosos do domínio da leitura e da escrita. Ler e escrever, além de serem atividades essenciais para o exercício da cidadania e da vida profissional, constituem fontes inesgotáveis de alegria e prazer. Nas séries iniciais, a aquisição dessas habilidades deve estar associada ao lúdico, ao mágico, à fantasia, ao imaginário...

Com o trabalho proposto nas três unidades do caderno de Teoria e Prática, aprofundaremos a reflexão relativa às articulações entre o trabalho cognitivo e intelectual, o afeto, a emoção, a motivação e o jogo na construção das habilidades de leitura, escrita, compreensão da linguagem oral e expressão.

Neste caderno, apresentamos a construção das estratégias mentais e de leitura que levam à compreensão de textos orais e escritos. Esses procedimentos começam a ser desenvolvidos muito antes que a criança saiba ler de forma independente, quando ela ouve histórias lidas ou contadas espontaneamente por outra pessoa e quando participa de jogos e brincadeiras.

Na Unidade 14, vamos refletir a respeito do que fazemos com nossa mente quando lemos, e como os objetivos da leitura interferem na forma como lemos textos de diversos gêneros.

Na Unidade 15, focalizamos o maravilhoso mundo da leitura para crianças. Distinguimos os textos literários dos textos não-literários e comentamos a rica produção brasileira disponível para nossos alunos, além de sugerir oportunidades de criação de novas estratégias pedagógicas de trabalho com a literatura. Nessa Unidade ressaltamos a necessidade de trabalhar com as artes plásticas, desenvolvendo habilidades de observação e apreciação das ilustrações, ou seja, de leitura da imagem..

Na Unidade 16, voltamos a ressaltar a importância de que as séries iniciais, e a alfabetização em especial, sejam períodos em que a criança tenha a oportunidade de aprender brincando, com prazer, de forma participativa.

Lembramos novamente que as atividades sugeridas para a sua sala de aula no caderno de Teoria e Prática e no caderno de Atividades de Apoio à Aprendizagem têm um caráter flexível, aberto, e dependem de sua contribuição imprescindível para que o trabalho pedagógico seja agradável e produtivo, tanto para Você como para seus alunos.

Contamos com sua criatividade e entusiasmo de sempre.

Bom trabalho!

ÍNDICE

UNIDADE 14 - ESTRATÉGIAS DE LEITURA	09
SEÇÃO 1 - O que é leitura	13
Atividade de estudo 01	13
Atividade de estudo 02	16
SEÇÃO 2 - Os objetivos da leitura	21
Atividade de estudo 03	23
SEÇÃO 3 - A construção dos sentidos da leitura	32
Atividade de estudo 04	32
Atividade de estudo 05	36
Atividade de estudo 06	37
Leitura sugerida	39
Texto complementar	40
Bibliografia	42
Respostas das atividades de estudo	42
Investigação da prática 14	46
Sessão presencial coletiva 14	49
UNIDADE 15 - LITERATURA INFANTIL	51
SEÇÃO 1 - O que é literatura	55
Atividade de estudo 01	56
Atividade de estudo 02	58
Atividade de estudo 03	59
Atividade de estudo 04	61
Atividade de estudo 05	62
Atividade de estudo 06	62
SEÇÃO 2 - A literatura infantil brasileira	65
Atividade de estudo 07	74
Atividade de estudo 08	78
SEÇÃO 3 - As atividades com a leitura infantil	81
Atividade de estudo 09	85
Leitura sugerida	88
Texto complementar	88
Bibliografia	93
Respostas das atividades de estudo	93
Investigação da prática 15	96
Sessão presencial coletiva 15	96

UNIDADE 16 - O LÚDICO NO PROCESSO EDUCACIONAL	99
SEÇÃO 1 - O lúdico como recurso pedagógico no processo educacional	103
Atividade de estudo 01	104
Atividade de estudo 02	110
Atividade de estudo 03	110
Atividade de estudo 04	111
SEÇÃO 2 - Atividades lúdicas na ação de educar	113
Atividade de estudo 05	114
Atividade de estudo 06	117
Atividade de estudo 07	120
SEÇÃO 3 - Atividades lúdicas no processo de educar em língua materna	125
Atividade de estudo 08	125
Atividade de estudo 09	128
Leitura sugerida	134
Texto complementar	134
Bibliografia	137
Respostas das atividades de estudo	137
Investigação da prática 16	140
Sessão presencial coletiva 16	141

Estratégias de leitura

Iniciando a nossa conversa

Amigo(a) Professor(a)

Como leitor, Você tem a experiência de que a leitura é uma atividade muito complexa e que exige diversas habilidades. Sabe também que é um instrumento essencial na nossa vida. Por isso estamos construindo com nossos alunos tantas estratégias de leitura no decorrer das diversas unidades. Vamos, nesta Unidade, retomar, aprofundar e ampliar muito do que temos visto.



Como Você já percebeu, leitura e escrita são atividades interligadas, e não temos uma linha divisória absoluta que as separe. Quando realizamos um trabalho pedagógico em que o objetivo é a escrita, estamos também desenvolvendo a leitura e vice-versa. Ao lermos, refazemos o percurso da escrita do autor do texto e, ao escrevermos, lemos nosso texto e pensamos no nosso leitor. A leitura influencia a nossa fala e a nossa escrita, porque o contato com a língua escrita da forma convencional nos mostra como as palavras devem ser pronunciadas e também nos mostra a grafia correta delas.

Mas vamos tentar focalizar a atenção nos aspectos próprios da leitura, porque é importante conhecer profundamente os detalhes dessa atividade para planejar de forma adequada nosso trabalho, estabelecendo objetivos coerentes com o desenvolvimento do nosso aluno.

Sabemos que um dos grandes problemas da educação brasileira é que muitos alunos chegam à vida adulta sem compreender adequadamente o que lêem. Os resultados das avaliações oficiais (SAEB) confirmam as dificuldades de leitura de nossos alunos. Temos que vencer esse desafio. Vamos, então, refletir sobre questões conceituais, que nos auxiliem a esclarecer o que fazemos quando lemos na busca da compreensão do texto, e sobre questões pedagógicas, que nos apoiem na condução do processo educacional.

Nosso trabalho está organizado em três seções:

NA SEÇÃO 1,

veremos o que é a leitura, quais as suas funções, quais as oportunidades de exercício da leitura e como os nossos procedimentos variam de acordo com o objetivo.

NA SEÇÃO 2,

vamos discutir o trabalho com a leitura, a diferença entre os diversos procedimentos pedagógicos, que vão desde a simples decodificação à compreensão de informações implícitas no texto escrito.

NA SEÇÃO 3,

estudaremos as estratégias mentais que são utilizadas pelos leitores de forma a tornar a leitura mais eficiente e produtiva.

Nas três seções desta unidade, vamos sugerir que Você observe seus próprios procedimentos de leitura para consolidar seus conhecimentos a respeito dessa atividade. Vamos propor também que Você crie atividades que levem seus alunos a se tornarem leitores ativos e estratégicos, ou seja, que ultrapassem a mera decodificação dos signos que constituem a escrita e avancem no processo de construção dos sentidos do texto.

Nosso horizonte

Com o trabalho desta unidade, nós vamos:

- 1** Identificar o funcionamento, as funções e as oportunidades de desenvolvimento da leitura na vida e na escola.
- 2** Distinguir as diversas formas de trabalho com a leitura, de acordo com os objetivos estabelecidos previamente.
- 3** Conhecer as estratégias que tornam a leitura um processo mais eficiente de construção de sentidos.

SEÇÃO 1

O que é leitura

Objetivo: Identificar o funcionamento, as funções e as oportunidades de desenvolvimento da leitura na vida e na escola.

Você já pensou quanto a leitura é importante na sua vida pessoal e na sua profissão? E já observou quantas habilidades Você utiliza para ler um texto e compreendê-lo bem? Vamos começar nossa reflexão sobre procedimentos e estratégias de leitura indo ao dicionário.



Atividade de estudo-1

Procure no Dicionário as diversas acepções para as palavras:



LEITURA

LEITOR

Você viu como há uma grande amplitude de sentidos para essas palavras? Nosso interesse no PRALER é a formação do leitor, daquele que lê com fluência, entende qualquer tipo de texto, usa sua leitura como instrumento de emancipação e crescimento, e gosta de ler. A leitura em que estamos interessados para nossos alunos é muito mais que a simples decifração de um código, muito mais que simples decodificação. A leitura que buscamos é compreensão, produção de sentido, atribuição de sentido, e depende da necessidade, do interesse, do envolvimento em situações sociais significativas, em resposta a uma busca. Por isso falamos hoje em leitura de um filme, leitura de uma imagem, leitura do cenário político, leitura do mundo.

Nossa experiência nos mostra todos os dias que a leitura da linguagem verbal escrita nem sempre é um procedimento fácil. Ela faz inúmeras solicitações simultâneas ao cérebro. É necessário desenvolver, consolidar e automatizar

habilidades que vão desde a decodificação de signos e interpretação de itens lexicais, gramaticais e semânticos, até à reorientação dos próprios procedimentos mentais para a compreensão ativa, efetiva e responsiva.

Veja como um texto dirigido a estudantes de Letras em níveis avançados, para ser bem compreendido e interpretado, exige essas habilidades:

*“Muitos modelos lingüísticos e de uso de língua, tanto na lingüística quanto na psicologia, consideram objetos lingüísticos em termos de níveis morfológico, sintático, semântico e pragmático. Embora tal descrição de nível por nível seja relevante em uma análise mais abstrata, o mesmo não ocorre do ponto de vista de modelos processadores. Um dos principais pressupostos tem sido aquele de que, em um modelo cognitivo de compreensão e produção de discurso, as informações provindas desses vários níveis interagem de forma complexa. Assim a interpretação semântica não segue simplesmente uma análise sintática completa, mas já pode ocorrer com uma informação incompleta da estrutura de superfície, enquanto que a análise sintática subsequente pode usar de informações dos níveis semântico e pragmático.” Teun A. Van Dijk, *Cognição, discurso e interação*. São Paulo, Contexto, 1992, pág.22.*

Trata-se de um texto muito difícil, não é? Você conseguiria resumi-lo em um período?



Para compreender esse texto, temos antes de tudo que compreender que estamos lendo um texto técnico, devemos estar familiarizados com o vocabulário especializado, com as construções abstratas próprias da lingüística e com as estruturas sintáticas que nos permitem perceber as ligações entre as idéias. Normalmente um estudante lê devagar e mais de uma vez cada parcela de texto desse tipo, e confere seus conhecimentos sobre os conceitos utilizados, fazendo paráfrases mentais que simplificam e traduzem as idéias mais importantes.

Assim, a idéia principal do fragmento apresentado é, de forma simplificada: *no modelo de compreensão de textos que vai ser apresentado pelo autor, todos os níveis da linguagem articulam-se e contribuem simultaneamente para a interpretação.*

Quando Você lê textos de estudo, aplica esses procedimentos, não é? Nossos alunos devem ser preparados desde cedo para chegarem a lerem assim: cuidadosamente e de forma produtiva.

Como temos visto, no processo inicial de alfabetização, quando a criança convive com vários gêneros de texto, não aprende apenas a simples decodificação: escrita/som= significado. Aprende também outros procedimentos necessários para o desenvolvimento de estratégias mais amplas e abrangentes de leitura, ou seja, de produção de significados e de sentidos. Aprende que um texto tem uma função social, um objetivo, e que existem várias formas de leitura, de acordo com os diversos objetivos.

Pesquisando Evidências 1

Quando estiver lendo junto com seus alunos, observe como as respostas que dão às suas perguntas revelam que eles estão fazendo associações muito mais amplas que a simples decodificação. Anote suas observações, pois elas podem esclarecer muito sobre o processo de leitura dos alunos.

Quais são as perguntas que Você faz nessas ocasiões?

Se pensarmos nos objetivos de leitura podemos reconhecer que nós, adultos, lemos, em momentos diferentes, com objetivos diferentes. Quando recebemos uma



conta de luz, por exemplo, o que buscamos? Lemos essa conta buscando informações objetivas (como o valor, a data de pagamento) e desprezamos muitas partes do texto. Quando recebemos uma carta familiar ou de amor, lemos de forma completamente diferente, não é? Lemos devagar para usufruir a alegria da comunicação.

Nas diversas situações de leitura, diante de textos de gêneros diferentes, lemos com objetivos diferentes: para aprender, para obter informações, para seguir instruções, para ganhar tempo,

para revisar, para nos distrairmos, para refletir, para conservar a memória do passado, para esclarecer nosso presente, para aproveitar as experiências anteriores, para não repetir os nossos erros e os dos nossos ancestrais, para nos evadirmos, para buscar um sentido para a vida, para exercermos a nossa religião, para compreender os fundamentos da nossa civilização, para alimentar nossa curiosidade, para vivenciar emoções alheias ao nosso cotidiano, para nos cultivarmos, para exercer nosso espírito crítico, para usufruir um prazer estético com a linguagem...



Atividade de estudo-2

Analise e indique os objetivos para as seguintes situações de leitura:

Situação e objeto de leitura	Objetivo
Antes de sair para uma festa, confiro o endereço e consulto o mapa da cidade.	
Ao escrever uma crônica para o jornal, consulto um livro de história universal para tirar uma dúvida.	
Nas férias, leio o romance de Machado de Assis, Dom Casmurro.	
Enquanto espero o dentista, leio poemas de Carlos Drummond de Andrade.	
Estou fazendo o almoço e leio o manual de funcionamento do liquidificador.	
No ônibus, de volta do trabalho, leio uma revista: "Fofocas dos astros da TV"	

No processo educacional, queremos que a criança tenha uma iniciação a todas essas experiências, que vão se desenvolvendo e se ampliando no decorrer da vida. Entretanto, temos também objetivos mais específicos e imediatos para a leitura de uma criança em formação. Queremos que ela desenvolva suas potencialidades mentais, como:



- ✓ atenção voluntária;
- ✓ observação; pensamento abstrato;
- ✓ generalização;
- ✓ planejamento;
- ✓ memorização;
- ✓ utilização de conhecimentos anteriores para compreensão;
- ✓ associação e comparação de idéias;
- ✓ antecipação e previsão de informações e acontecimentos do texto;
- ✓ distinção entre realidade e ficção;
- ✓ reavaliação de hipóteses para confirmação ou rejeição;
- ✓ avaliação do processo realizado;
- ✓ apreciação estética e emocional.

Observe que Você, enquanto lê este Caderno de Teoria e Prática, está utilizando muitas dessas habilidades mentais listadas. Tente identificá-las durante sua leitura para torná-las mais conscientes e controláveis, pois, normalmente as usamos de forma automática, sem perceber o que estamos fazendo com a mente e o pensamento.

Muitas dessas funções mentais necessárias ao bom leitor podem ser desenvolvidas por meio de outras atividades escolares e recreativas, além da leitura propriamente dita.

Avançando na Prática 1

Vamos rever os jogos que utilizamos como recreação, para analisá-los sob o ponto de vista das habilidades mentais que desenvolvem. Continue a preencher o quadro de acordo com sua prática pedagógica:

Jogos	Habilidades Mentais
Uma criança faz mímica de uma profissão para os colegas descobrirem qual é.	Atenção voluntária; observação; utilização de conhecimentos prévios; formulação de hipóteses; avaliação do processo realizado.
A partir de um quadro famoso apresentado pelo professor, de costas para o quadro, descrever detalhes memorizados.	

Como temos visto nas outras unidades, além do desenvolvimento das habilidades mentais, procuramos também que nosso aluno, por meio da leitura, consolide seus conhecimentos de linguagem pelo domínio progressivo de:

- ✓ vocabulário; estruturas sintáticas; estruturas textuais;
- agrupamento de palavras em blocos conceituais; identificação de palavras-chave; seleção e hierarquização de idéias; tipologias; aspectos diferenciais entre prosa e verso; gêneros; aspecto formal/visual de cada gênero.



São esses conhecimentos que progressivamente vão ampliando o universo lingüístico do aluno e permitindo que ele fale, leia e escreva melhor a cada dia.

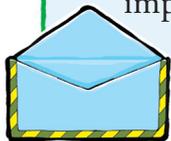
Sabemos que é o convívio intenso e freqüente com textos de diversos gêneros que vai permitir o domínio de conhecimentos sobre a língua. Quem aprende a decodificar e não expande seu universo de leitura vai se transformar em um “analfabeto funcional”: aquele que sabe decodificar, mas não entende o que lê e não usa a leitura nas práticas sociais em que está inserido.

indo à sala de Aula 1

Para que Você explore com as crianças o aspecto visual/formal de cada gênero de texto, desenvolva a seguinte atividade.

- Leve para a sala de aula textos de diversos gêneros em que o aspecto formal seja importante e que circulem na comunidade:

Certidão de idade, cheque, conta de luz, conta de água, carta, folder, carteira de identidade, convite de casamento, mapa, cartão de natal, recibo em formulário padronizado, encarte com formulário para assinatura de revistas...



- Apresente um dos documentos e converse com as crianças para que tentem antecipar o que é, antes que você diga.
- Apresente um documento de cada vez.
- Converse sobre suas características físicas, sua função e a situação em que existe, quem produz e quem recebe ou usa.
- Leia as partes mais importantes de cada documento para as crianças.
- Coloque-os em cima da mesa ou pendure-os em um varal.
- Peça a um aluno sorteado que venha identificar onde está determinado documento.

Peça que explique o que o levou a identificar o documento.

Faça isso sucessivamente, até que todos tenham tido a oportunidade de reconhecer documentos.

Como vimos, há muitos aspectos que podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades de leitura. Por isso, é importante que o ambiente escolar, principalmente a sala de aula, seja estimulante à leitura e ofereça oportunidades de exercícios reais de busca de informação.

No decorrer das unidades anteriores vimos como podemos criar situações de leitura independente, colocando na sala de aula: alfabeto ilustrado, calendário, agenda, quadro de ajudantes, jornal mural, quadro de aniversariantes, avisos, cartazes, textos trabalhados em aula, produções das próprias crianças, produções coletivas... Um ambiente alfabetizador estimula a criança a usar seus conhecimentos sobre a língua e a ler de forma independente.



Pesquisando Levidências 2

Visite as salas de aula de sua escola e, se possível, de outras escolas. Observe se o ambiente oferece oportunidades de leitura. Anote os recursos de leitura explorados pelo professor.

Compare os resultados de sua pesquisa com a sua sala de aula. Considerou sua sala satisfatória quanto aos estímulos à leitura? Obteve novas idéias? Quais? Que observações faria a respeito das salas que conheceu?

Use sua criatividade para enriquecer o ambiente de leitura de seus alunos. Aproveite todas as oportunidades para valorizar a leitura e o texto.



Vimos anteriormente que “caminhadas de leitura” na escola, no bairro, no mercado, na banca de jornais e revistas, levam as crianças a associarem a linguagem escrita às situações sociais em que ela é utilizada. Sempre que for possível, planeje uma caminhada para ler as mensagens escritas no ambiente e comente com as crianças a função

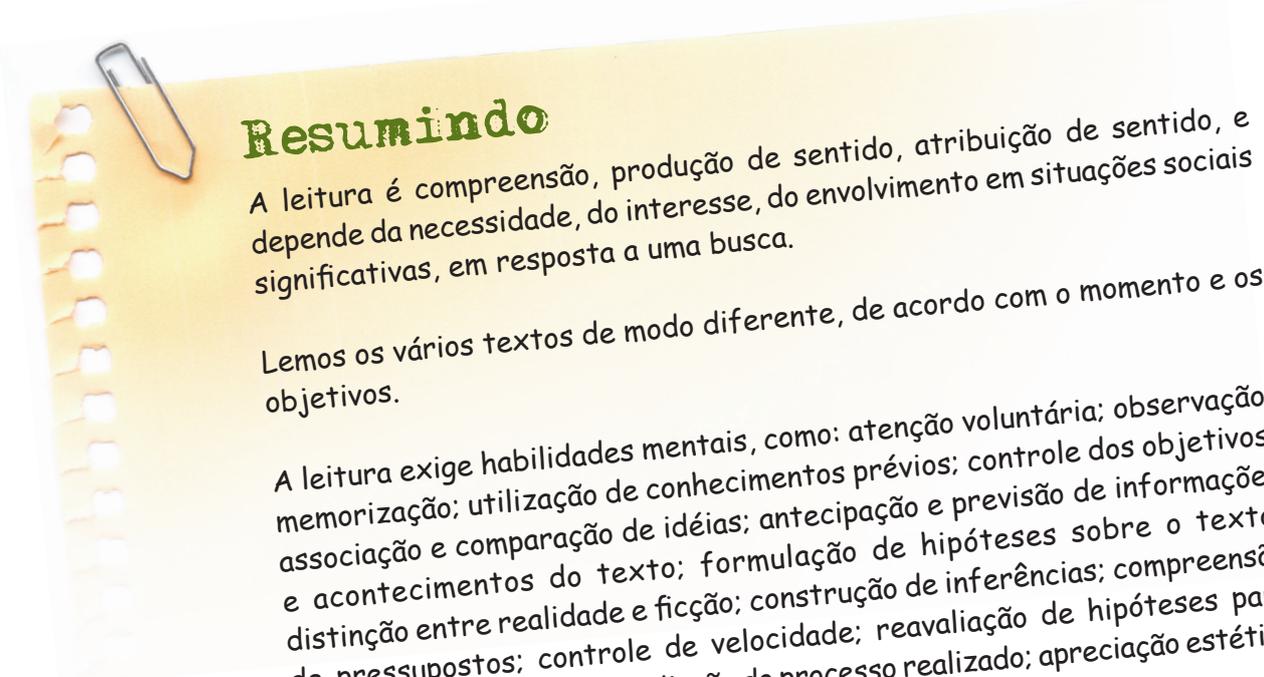
social de cada uma delas, fazendo perguntas. Converse também sobre os diferentes formatos que têm e sobre a relação desses formatos com as funções que exercem. Por exemplo, um cartaz de propaganda é grande, colorido, usa poucas palavras, para que todos vejam enquanto estão passando e tenham tempo de ler e captar a mensagem.



Lembrete

Vamos trabalhar sempre com perguntas ao texto: Quem escreveu? Com que objetivo? Para quem? Quais são as características do texto? Qual o gênero? Que importância tem o tipo de letra, a ilustração e a organização da forma do texto para a situação? Essas e outras perguntas vão sendo feitas antes, durante e depois da leitura.

Assim, além de decodificar, as crianças vão sendo estimuladas à compreensão mais ampla dos objetivos, das funções e das justificativas para a forma do texto.



Resumindo

A leitura é compreensão, produção de sentido, atribuição de sentido, e depende da necessidade, do interesse, do envolvimento em situações sociais significativas, em resposta a uma busca.

Lemos os vários textos de modo diferente, de acordo com o momento e os objetivos.

A leitura exige habilidades mentais, como: atenção voluntária; observação; memorização; utilização de conhecimentos prévios; controle dos objetivos; associação e comparação de idéias; antecipação e previsão de informações e acontecimentos do texto; formulação de hipóteses sobre o texto; distinção entre realidade e ficção; construção de inferências; compreensão de pressupostos; controle de velocidade; reavaliação de hipóteses para confirmação ou rejeição; avaliação do processo realizado; apreciação estética e emocional.

A leitura leva ao domínio progressivo da linguagem verbal: vocabulário; estruturas sintáticas; estruturas textuais; agrupamento de palavras em blocos conceituais; identificação de palavras-chave; seleção e hierarquização de idéias; tipologias; aspectos diferenciais entre prosa e verso; gêneros; aspecto formal/visual de cada gênero.

Um ambiente com estímulos à leitura favorece a construção de habilidades de leitura.

Trabalhamos sempre com perguntas ao texto para compreender seus objetivos e funções.

SEÇÃO 2

Os objetivos da leitura

Objetivo: Distinguir as diversas formas de trabalho com a leitura, de acordo com os objetivos estabelecidos previamente.

Uma das grandes dúvidas dos professores é o momento adequado para oferecer textos completos para a leitura dos alunos, mesmo antes que saibam ler com segurança. Sabemos que o domínio das habilidades básicas de leitura é essencial para o desenvolvimento progressivo do leitor. Mas não devemos ver essas habilidades de decodificação como um estágio ou uma etapa preliminar à leitura de textos. Como já vimos, o aluno



amplia suas habilidades de leitura durante e por meio da leitura de textos curtos, alguns já memorizados. É por meio do exercício constante, variado, prazeroso, desafiador, que o domínio da leitura se consolida.

A consciência da correspondência entre sons e escrita forma-se gradativamente e exige,

como já vimos nas unidades anteriores, um trabalho pedagógico específico e contínuo, que se inicia na alfabetização. Mas esse esforço é feito a partir de textos e de situações significativas, e não de forma isolada.

Nossas Atividades de Apoio à Aprendizagem do Aluno apresentam inúmeras sugestões baseadas nesses princípios. Você também pode criar situações pedagógicas em que a criança possa trabalhar fonemas, sílabas, rimas, associação de fonemas e associação de sílabas, palavras, número de sílabas na palavra, sons iniciais e finais das palavras. Nessas atividades a criança identifica, reconhece, substitui, completa, compara e associa, cria novas palavras entre outras ações.

Como vimos na Unidade 6, o trabalho é de idas e vindas: do texto à palavra, da palavra às sílabas, das sílabas ao som, do texto às rimas, das rimas às palavras e vice-versa.

Agora que Você já tem uma grande coleção de atividades que favorecem a formação da consciência fonológica, vamos voltar a refletir sobre esse trabalho e enriquecê-lo.

Avançando na Prática 2

Uma das atividades lúdicas que podem ser realizadas com as crianças para que elas desenvolvam a consciência fonológica, a decodificação imediata e ampliem o repertório de palavras conhecidas é a seguinte:

Escreva no chão, com giz, um poema conhecido, formando um caminho. Dê um sinal e fale uma das palavras do poema para que as crianças corram para cima da palavra.

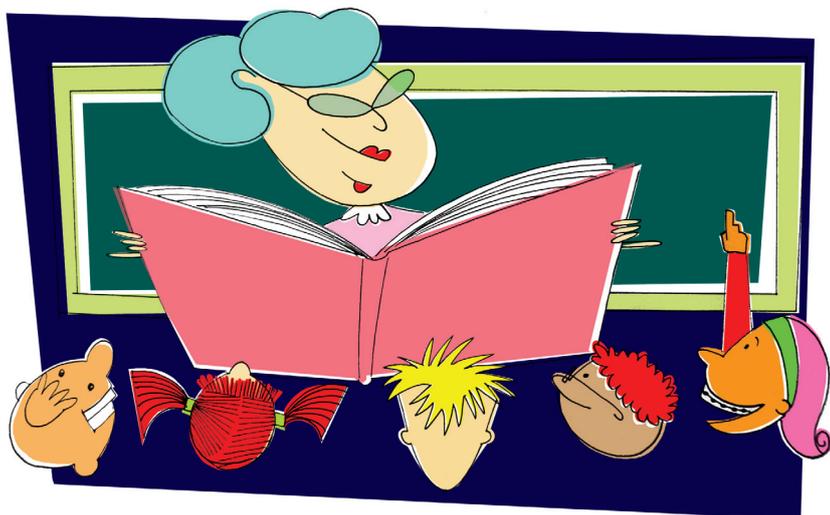
- Crie mais atividades lúdicas e explique como se realizam. Pode utilizar:
- Alfabeto ilustrado
- Cartões e mímicas
- Palavras parecidas
- Cartão preguicinha
- Peixes com palavras para pescaria
- Dominó

O material usado na sala de aula de alfabetização deve ser sempre renovado de acordo com o domínio de leitura e escrita que as crianças vão adquirindo. Inclua novos itens sempre que for necessário para que as atividades mantenham um caráter de desafio. Para isso sua percepção do desenvolvimento dos alunos deve estar bem afinada, o que Você consegue por meio das fichas de acompanhamento individual.

Além das atividades de prática de decodificação, as atividades de leitura de textos mais longos devem ser realizadas desde o início da escolarização.

Vamos nos deter em cada uma das formas de trabalho com textos completos e refletir sobre cada uma delas. Em algumas práticas, o leitor principal é o professor; em outras, é o aluno.

A **leitura do professor** para os alunos pode ter várias feições; vamos refletir sobre algumas práticas que talvez Você já use em sua turma.



a) **Leitura de histórias infantis a partir de textos sem imagens** – o professor escolhe uma história de tamanho médio para ler com expressividade colocada na voz e nos gestos. Essa atividade desenvolve a atenção voluntária, a habilidade de ouvir e o imaginário.

Com essa atividade, as crianças consolidam muitas noções sobre a língua escrita, e Você serve de modelo de leitor.

A leitura compartilhada pode ter objetivos mais amplos, como: conhecer um gênero de texto e analisar um exemplo; analisar e avaliar um texto produzido coletivamente; analisar e aperfeiçoar um texto produzido por aluno; ler um texto recebido por alguém da turma; seguir instruções de um jogo; obter informações referentes a outras disciplinas (ciências/ estudos sociais); obter informações a respeito de um fato ou acontecimento importante ou curioso...

É preciso que o educador, que tem como objetivo formar um leitor ativo, considere os procedimentos técnicos e cognitivos que podem ser desenvolvidos por meio da leitura compartilhada. Lendo, comentando e conversando sobre a leitura, numa verdadeira interação em torno dos problemas de compreensão e interpretação colocados pelo texto, esses procedimentos vão sendo explicados, exemplificados e exercitados conforme a necessidade dos leitores.

A leitura não se esgota no momento em que se lê, mas se expande por todo o processo de compreensão que vem antes, durante e após a leitura. Quando você lê **com** os seus alunos de forma compartilhada, cria oportunidades para que eles usem os conhecimentos anteriores que já têm sobre o assunto ou o gênero, dialoga com suas idéias e acrescenta novos horizontes à leitura deles.

Indo à sala de Aula 2

Para que seus alunos experimentem com você a leitura compartilhada, prepare um cartaz com esse pequeno poema narrativo:

É PRECISO FAZER SINAL AO MOTORISTA

Raymond Queneau

A senhora esperava o ônibus.
O senhor esperava o ônibus.
Passa um cachorro preto que manca.
A senhora fica olhando o cachorro.
O senhor fica olhando o cachorro.
Nesse meio tempo o ônibus passou.



Tradução de José Paulo Paes, Ri melhor quem ri primeiro. São Paulo Companhia das Letrinhas, 1998, p. 46

- Explique às crianças que vão ler um poema traduzido da língua francesa para a língua portuguesa. Fale sobre o que vem a ser tradução de outras línguas. Raymond Queneau foi um poeta francês que viveu de 1903 a 1976.

- José Paulo Paes nasceu em 1926 e morreu em 1998. Foi pesquisador, tradutor, crítico, leitor apaixonado e poeta muitas vezes premiado. Seus livros para crianças são encantadores.

- Se Você tiver, mostre algum livro dele para suas crianças.

- Leia o título do poema e pergunte o que as crianças pensam sobre o assunto.

- Peça que tentem ler silenciosamente.

- Pergunte quem quer falar sobre as idéias do poema.

- Leia outra vez, em voz alta, de forma expressiva, indicando com a régua cada uma das palavras.

- Peça que as crianças escolham uma palavra que revele a atitude dos personagens e que possa ser o tema do poema (distração, desatenção, alheamento).

- Peça que falem sobre o fim da história. Alguns podem achar o poema triste, outros podem achar engraçado. Comente essa participação psicológica do leitor na construção do significado.

- Volte ao título e interprete-o a partir do fim da história.

- Peça que criem outros títulos possíveis.

- Trabalhe com as palavras, de acordo com as necessidades das crianças.

Por exemplo: colorir palavras iguais, substituir algumas palavras ou expressões por sinônimos (esperava = aguardava/ ônibus = condução/ cachorro = cão/ olhando = observando/ meio tempo= instante, momento/ nesse meio tempo= enquanto isso).

- Chame a atenção para a grafia das palavras que oferecem dificuldades de acordo com o desenvolvimento das crianças.

d) Leitura individual silenciosa

Na atividade de leitura silenciosa, a criança reage mentalmente e afetivamente ao texto, sem pressão de outras pessoas. É um momento individual muito rico, em que há, sem esforço, ampliação de vocabulário, de estruturas sintáticas e textuais. Como a leitura silenciosa dispensa o esforço de controle da dicção, da articulação, do ritmo e da entonação das frases, é um momento prazeroso.

Portanto, as crianças devem ter oportunidade de ler silenciosamente, de forma livre e independente. O momento de leitura silenciosa e livre deve ser planejado de forma que também Você leia algum texto de seu interesse. Os livros, revistas ou jornais devem ser escolhidos livremente pela criança, entre aqueles que são destinados de forma aproximada à faixa etária e ao nível de desenvolvimento de leitura da turma. As crianças devem ser motivadas para aproveitarem esse momento de entretenimento com prazer, sem tensão, no seu próprio ritmo, com segurança emocional, sem perspectiva de avaliação.

esquisando vidências 3

Observe seus alunos durante o momento de leitura livre silenciosa e faça anotações. As observações que considerar mais importantes podem ir para a ficha de avaliação individual do aluno:

- Como escolhem o livro? Observam alguns para escolher ou pegam qualquer um? Algum aluno pega sempre o mesmo? Há alunos que começam e desistem para trocar por outro, sem terminar nenhum? Há livros que são os preferidos? Há fila de espera para um livro?
- As crianças se concentram rapidamente ou é difícil conseguir o silêncio necessário?
- Algumas crianças ainda lêem balbuciando baixinho?
- Há crianças que se recusam a ler?
- As crianças que ainda não sabem ler, brincam de ler ou apreciam livros sem texto ou as ilustrações dos livros que têm texto?
- Em quanto tempo as crianças começam a perder o interesse e se mostram cansadas?
- As crianças procuram uma oportunidade e gostam de comentar o que leram com os colegas e com Você?
- O momento de leitura silenciosa é apreciado pelas crianças? Há manifestações sobre isso? Quais?

Com essas observações e outras que anotar, Você terá elementos para avaliar o funcionamento da hora de leitura silenciosa. Caso seja necessário, tome algumas providências para aperfeiçoar a atividade.

Muitas instituições organizam momentos coletivos de leitura silenciosa em que todas as pessoas da escola lêem silenciosamente durante um tempo preestabelecido. Para que esses eventos tenham sucesso, é necessário o envolvimento de toda a comunidade, pois exigem muito esforço: planejamento, motivação, envolvimento, estabelecimento de regras de comportamento, organização do espaço, disponibilização de material de leitura atraente e suficiente para todos. A sua escola já tentou organizar a hora da leitura coletiva? Você poderia liderar essa idéia?

e) A leitura em voz alta pelo aluno

As oportunidades de leitura em voz alta devem ser planejadas para que sejam agradáveis e sem tensão, uma vez que ler oralmente é mais difícil que ler silenciosamente. Sempre devem ser precedidas de leitura coletiva com o professor e uma segunda leitura silenciosa pelo aluno, antes que esse seja chamado a ler em voz alta.

Atividades que tenham sentido e objetivo, como dramatizações, jograis, leitura de diálogos, ensaios para apresentações em festividades e comemorações, leitura de notícias, convites e avisos, são situações ideais para desenvolver a leitura oral.

indo à sala de Aula 3

Para que seus alunos tenham a oportunidade de desenvolver as habilidades de leitura em voz alta, proponha a atividade a seguir.

Leia atentamente o texto “Enferrujado, lá vai o soldado, de Sylvia Orthof. Divida-o em partes, coloque um número de ordem e o nome do aluno que vai ler cada parte.

Motive as crianças para a leitura em jogral (cada criança lê uma parte em seqüência), explicando que se trata de uma história engraçada de um soldado que desiste de ser soldado. Mas a turma somente vai conhecer a história toda no dia da leitura.

Fale de Sylvia Orthof (Rio 1932/ Petrópolis, 1997), autora importante da literatura infantil brasileira, pois produziu mais de 120 livros infantis, muitos deles premiados. Histórias em versos, pequenas peças infantis, poemas... Seus textos sempre engraçados e originais agradam a adultos e crianças (Mudanças no galinheiro mudam as coisas por inteiro; A vaca Mimosa e a mosca Zenilda; Se as coisas fossem mães; Ponto de tecer poesia; A poesia é uma pulga...).

Distribua uma parte do texto para cada aluno. Peça que leiam várias vezes em casa. Ofereça ajuda se for necessário, e explique as palavras desconhecidas.

Marque o dia em que será apresentada a história contada pela leitura dos próprios alunos (se ocupar apenas uma parte da turma, na semana seguinte escolha uma nova história para os outros alunos).

ENFERRUJADO, LÁ VAI O SOLDADO

Sylvia Orthof (Editora Salamandra)



Era uma vez um rei que tinha só um soldado para defender seu reinado.

O rei deitava na rede,
comendo pé-de-moleque,
dizendo que tinha sede,
tomava vinho e aguardente...

Depois sentia calor
e se abanava com um leque,
mastigando, que guloso,
queijos, presuntos e figos.

E o rapazote soldado,
suando, mal-humorado,
marchava contra perigos
que nem existiam de verdade,

pois o reino era tão pobre
que tinha só um soldado
e nem conhecia inimigos!



Lá vai o jovem soldado
andando, desajeitado,
o capacete é mal feito,
vai desabando de um lado,
não dá para enxergar direito!

O soldado vai de espada,
avança, não enxerga nada,
acertando na poupança,
no traseiro de uma vaca.

No pasto, ela
enche a pança,
capim voando do chão,
um sapo pulou para o alto

gritando: - É um assalto?
Um grilo ficou grilado,
o touro ficou vermelho
berrando: - Olé, fedelho,
meu chifre te fura e mata,
ó soldadinho de lata!

A vaca emocionada,
estrepou-se, desmaiada,
caiu, o leite entornando
pelas tetas, derramando.

O touro, no capim molhado,
escorregou e dançou,
deu um pulo para cima,
com pose de bailarina,
depois caiu esparramado,

Cada perna foi para um lado,
o olho enviesado...
o soldado aproveitou
e fugiu apavorado!

O soldado foi andando,
correndo, cambaleando,
até encontrar um bando
de cem pés que iam marchando.

O capacete é mal feito,
só dá para enxergar o chão,
mas tantos pés, com certeza,
devem ser de um batalhão.

E eis que o soldado avança,
espetando sua espada
bem no meio de uma meia,
caída lá na areia
Não é que o pobre soldado
enxergou tudo errado?

Os pés, cem pés pelo chão,
não eram de um batalhão...
era dona Centopéia
que lavava sua meia,
uma meia dos cem pés.



Centopéia está zangada,
pois a meia que secava,
foi pela espada furada.

-Soldado, maldito és!
Saia daqui do lado,
vou te dar cem pontapés!

Fugindo, mas que maçada
o soldado foi marchando
com capacete e espada,
armadura enferrujada,
tropeçou na lataria
arrebentando a ferrugem.

De dentro da armadura
saiu o rapaz mocinho,
com bigode de penugem,
que viu, ali no caminho,
uma rosa cor de rosa
que seu tombo tinha amassado.

O rapaz plantou ligeiro
a rosa no seu canteiro,
jogou fora a armadura,
vestiu-se só de ternura,
transformou-se em jardineiro!

O rei do início da história
bateu asas e voou
e foi voando para ali.

Quando viu a bela rosa,
soltou plumas, todo prosa,
gritando: sou colibri!
A vaca também voou
e mugia: bem-te-vi!

A centopéia, cruz credo,
em cada pé criou asa
e arranhou um emprego
de astronauta da Nasa!

Após a leitura em jogral (cada aluno lê uma parte), leia o texto em voz alta, de forma bem expressiva, para que as crianças percebam a história de maneira mais contínua.

Comente o texto com as crianças. Leia pausadamente cada estrofe e faça perguntas que levem as crianças a compreenderem melhor o enredo, as imagens, as peripécias, as personagens, o cenário, o humor... Peça que recontem a história com as próprias palavras e que sugiram novo título. Leve a discussão para a idéia principal: o soldado abandonou a idéia de batalhar e se transformou em um jardineiro, e essa idéia é a favor da paz.

As atividades em que a criança lê em voz alta são, tradicionalmente, oportunidades propícias para observar e diagnosticar o desempenho do aluno. Como temos visto, o diagnóstico e a avaliação são procedimentos contínuos. Entretanto, Você não deve permitir situações em que as crianças se sintam amedrontadas, envergonhadas, ameaçadas ou constrangidas, nem sejam motivo de riso porque ainda têm problemas de leitura em voz alta. Para isso, Você deve se esforçar para criar um clima de segurança emocional e de colaboração entre todos os colegas que favoreça o crescimento de cada aluno.

A avaliação da leitura do colega deve ser positiva, solidária e natural. Você dá o exemplo, elogiando o desenvolvimento de cada um. Mas é preciso muito cuidado para que as atividades de leitura em voz alta não se transformem em rotina mecânica, tensa e desagradável, em que o enfoque na avaliação seja prioritário.

O objetivo da atividade em voz alta é desenvolver:



- ✓ a leitura expressiva;
- ✓ a interpretação e o respeito à pontuação;
- ✓ o controle do tom, do volume, da velocidade, do ritmo;
- ✓ o cuidado com a articulação e pronúncia dos fonemas;
- ✓ a fluência;
- ✓ a habilidade de ler e compreender ao mesmo tempo.

Avançando na Prática 3

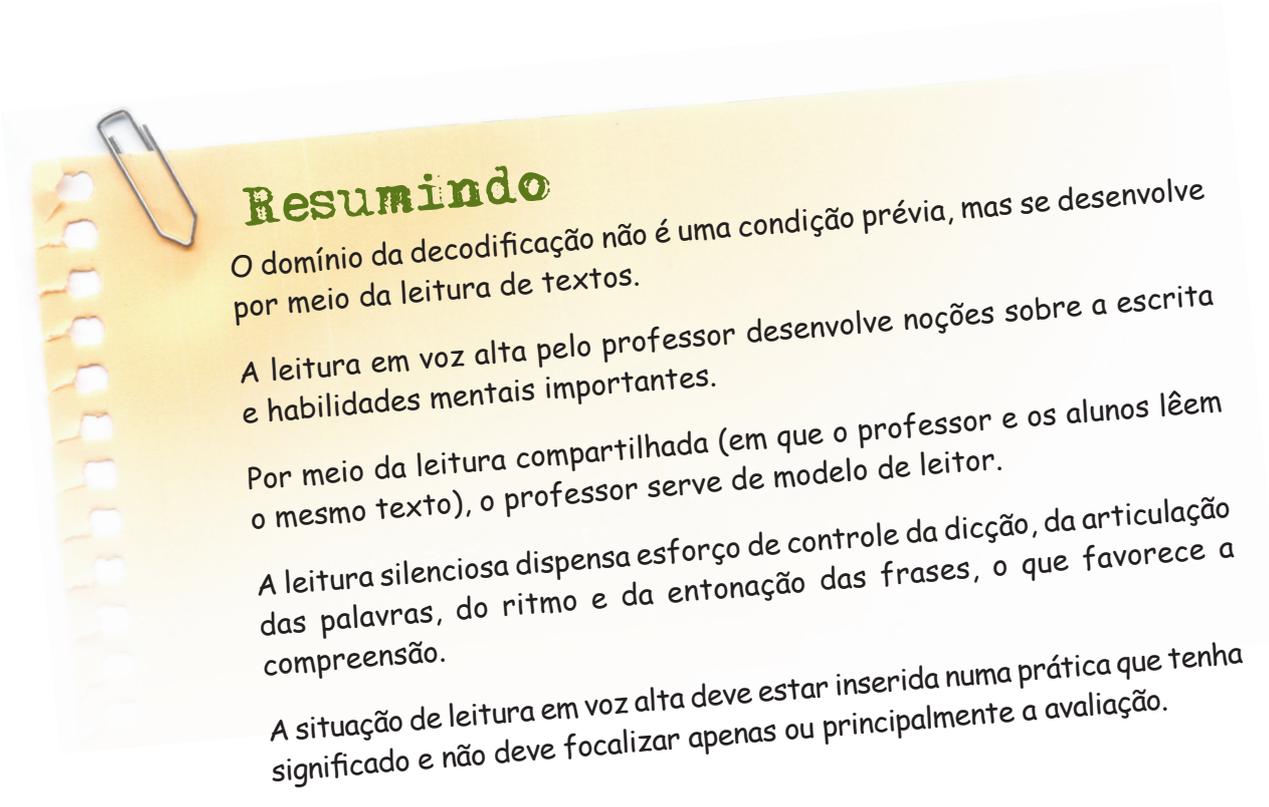
Pesquise em sua escola, na biblioteca, entre os outros colegas professores, com amigos, nas livrarias da cidade, textos que sirvam para a organização de jograis. Procure textos em que haja diálogos. Organize uma pasta com esses textos.

Selecione e prepare as cópias dos textos para desenvolver atividades em que cada criança se prepara para ler em voz alta uma parte. Pode ser um grupo pequeno de cada vez.

Ensaie com as crianças.

Nas fases iniciais da leitura em voz alta, é natural que a criança fique mais preocupada com os aspectos específicos da língua oral e não consiga, ao mesmo tempo, interpretar o que lê. Por isso, são imprescindíveis a leitura silenciosa prévia e o comentário, para que a criança saiba o significado do que está lendo.

Além dessas sugestões aqui apresentadas, Você poderá organizar outras situações de leitura individual e coletiva de acordo com os objetivos e com o desenvolvimento de sua turma. Lembre-se de que é Você, em conjunto com seus alunos, que seleciona e organiza as atividades a partir do diagnóstico de que habilidades precisam ser desenvolvidas.



Resumindo

O domínio da decodificação não é uma condição prévia, mas se desenvolve por meio da leitura de textos.

A leitura em voz alta pelo professor desenvolve noções sobre a escrita e habilidades mentais importantes.

Por meio da leitura compartilhada (em que o professor e os alunos lêem o mesmo texto), o professor serve de modelo de leitor.

A leitura silenciosa dispensa esforço de controle da dicção, da articulação das palavras, do ritmo e da entonação das frases, o que favorece a compreensão.

A situação de leitura em voz alta deve estar inserida numa prática que tenha significado e não deve focalizar apenas ou principalmente a avaliação.

SEÇÃO 3

A construção dos sentidos da leitura

Objetivo: Conhecer as estratégias que tornam a leitura um processo mais eficiente de construção de sentidos.

Como podemos perceber, a experiência da linguagem, e a da leitura especialmente, não é solitária; é um produto construído na interação em que os participantes, professores e alunos atuam de forma ativa.

A aquisição, desenvolvimento e construção da linguagem se inicia na interação social, ou seja, com as outras pessoas, para então realizar-se e consolidar-se no interior de cada um dos alunos. Não se trata de uma cópia do procedimento dos outros, mas de uma reelaboração ativa. Por isso, as atividades propostas por Você devem estimular a atividade mental da criança.

Começando na atividade social para chegar à atividade individual, com a colaboração e participação do professor e dos colegas, é que surgem e se desenvolvem as habilidades mentais necessárias a um bom desempenho na leitura e em outras áreas.



Atividade de estudo-4

Analise algumas das atividades mentais e explique o que cada uma significa para Você em termos de procedimentos, e porque é importante para a leitura mais eficiente:

atenção voluntária

observação

planejamento

memorização

utilização de conhecimentos anteriores

Além dessas habilidades mentais que Você explicou, podemos acrescentar muitas outras que são importantes para que o aluno desenvolva sua competência em leitura.



- ✓ controle dos objetivos: quando estamos lendo temos um comportamento intencional e exercemos ações conscientemente controladas;
- ✓ associação e comparação de idéias: nunca a leitura é um procedimento isolado, pois procuramos associar o que estamos lendo aos nossos conhecimentos e utilizamos muitas comparações o tempo todo.
- ✓ antecipação e previsão de informações e acontecimentos do texto: quando lemos uma narrativa, por exemplo, estamos sempre tentando prever o que virá depois;
- ✓ reavaliação de hipóteses para confirmação ou rejeição; como nem sempre nossas previsões se concretizam, precisamos reavaliar nossas antecipações, confirmá-las ou reformulá-las;
- ✓ apreciação estética e emocional: a habilidade de se envolver com o trabalho artístico é desenvolvida por meio do contato com textos literários desde os primeiros anos.
- ✓ distinção entre realidade e ficção: essa é uma habilidade mental importante que vamos construindo por meio das nossas experiências de leitura de vários gêneros;
- ✓ controle de velocidade: leitores que controlam sua própria leitura procuram ler numa velocidade satisfatória para a compreensão, às vezes mais rápido, às vezes bem devagar;
- ✓ avaliação do processo realizado; durante a leitura vamos naturalmente reavaliando mentalmente nossos procedimentos para saber se podemos continuar, ou se erramos na leitura e na compreensão do texto;
- ✓ apreciação estética e emocional: a habilidade de se envolver com o trabalho artístico é desenvolvida por meio do contato com textos literários desde os primeiros anos.

Essas habilidades são essenciais para o desenvolvimento da leitura, como vimos na Seção 1. Elas podem ser desenvolvidas em diversas situações pedagógicas. A forma mais eficiente de levar as crianças a se tornarem ativas durante a leitura é propor questões, indagações, principalmente por meio de conversas que exijam raciocínio para a resposta e levem o aluno a controlar seu próprio comportamento mental, a refletir sobre sua leitura.

Você já deve ter tido oportunidade de observar que, ao ler um texto, percebe que se distraiu e toma a iniciativa de relê-lo com mais atenção. Chamamos de **metacognitivas** essas ações que nos ajudam a monitorar, a controlar nossa própria atividade mental, isto é, que nos tornam conscientes dos nossos próprios pensamentos e procedimentos mentais.

Geralmente essas ações mentais são orientadas por pensamentos que comandam os procedimentos mentais. Observe como durante a leitura Você às vezes pensa: vou ler mais devagar para entender; vou ler de novo para ver se entendi; vou ler com mais atenção, pois estou distraído; vou reler para descobrir qual é o personagem; eu tinha entendido de um jeito, mas é outra idéia...

Quando Você comenta um texto, faz perguntas sobre ele, relê e propõe a discussão a respeito de seus elementos constituintes (gênero, personagens, enredo, linguagem...), está proporcionando oportunidade para que a criança construa e desenvolva habilidades próprias da leitura.



indo à sala de Aula 4



Para que seus alunos tenham a oportunidade de desenvolver diversas habilidades cognitivas de forma lúdica, desenvolva as atividades a seguir.

- Se Você já contou a história do livro *Menino Maluquinho*, de Ziraldo, recorde com as crianças as características do menino.
- Se não contou, procure na biblioteca e planeje uma “hora do conto” com o livro. Se for possível consiga a fita de vídeo com o filme para que as crianças tenham uma “Sessão de cinema”. Cada uma dessas atividades deve ser planejada com cuidado, para se transformar numa hora prazerosa de entretenimento.

Existem tirinhas do Menino Maluquinho publicadas em livros, revistas e jornais. Copie e distribua na turma.

- Converse com as crianças a respeito do personagem.
- Leia a história para que as crianças acompanhem.
- Comece a releitura quadrinho por quadrinho, repetindo as falas, descrevendo a cena e estimulando a observação dos detalhes que estão no desenho. Faça perguntas aos alunos: quem são os personagens? Onde estão? Por que se pode chegar a essa conclusão? O que o menino está fazendo? Por que se pode chegar a essa conclusão? Deixe que as crianças interpretem os desenhos para responder.
- Relacione a historinha com as experiências das crianças. Amplie a reflexão, falando sobre hábitos de higiene: escovar os dentes, lavar as mãos muitas vezes por dia, usar produtos que perfumam: talco/sabonete/pasta de dente/perfume.

Observe que, nessa simples atividade, as crianças terão oportunidade de exercitar: atenção voluntária, observação, memorização, utilização de conhecimentos prévios, associação e comparação entre idéias e experiências, entre outras habilidades.



As habilidades mentais podem ser associadas a procedimentos, específicos de leitura. Vamos ampliar a nossa reflexão sobre esses procedimentos, analisando o que um leitor adulto faz enquanto lê.

Caso tenha passado por um processo educativo consistente, um leitor adulto que lê bem usa de **procedimentos específicos de reconhecimento da informação**, como:

- ✓ observar títulos e subtítulos; analisar ilustrações; reconhecer elementos paratextuais importantes como a disposição do texto no papel; reconhecer e sublinhar palavras-chave; identificar e sublinhar ou marcar na margem fragmentos significativos; relacionar e integrar, sempre que possível, esses fragmentos a outros; decidir se deve consultar o glossário ou o dicionário, ou adiar temporariamente a dúvida para esclarecimento no contexto; tomar notas sintéticas de acordo com os objetivos.

Você, professor, caso não tenha desenvolvido suficientemente suas habilidades de leitura, poderá buscar a aplicação desses procedimentos aqui indicados para aperfeiçoar-se. Se Você é um bom leitor, a tarefa de formar leitores fica muito mais fácil.



Atividade de estudo-5

Releia o parágrafo anterior e responda às questões:

Você já observou os recursos que usa para estudar um texto?

Entre os procedimentos listados, quais são aqueles que Você já usou com frequência?

Você encontrou algum procedimento que ainda não usa e que pretende começar a aplicar em suas leituras?

Como Você anota as partes mais importantes do texto que está estudando?

Quando lê textos complexos, os adultos empregam também **procedimentos de simplificação das idéias do texto**, como:

- ✓ construir paráfrases mentais ou orais de trechos difíceis; substituir palavras desconhecidas por sinônimos familiares; reconhecer relações lexicais/ morfológicas/ sintáticas.



Avançando na Prática 4

Para fazer essa “tradução” do texto em termos mais familiares, naturalmente fazemos muitas perguntas a nós mesmos durante a leitura. Quando a criança está aprendendo a ler, é preciso que a incentivemos, formulando perguntas que a ajudem a desenvolver essa habilidade. Algumas dessas perguntas estão a seguir:

Qual é a idéia principal do texto?

Qual é o assunto do texto?

Quais são as qualidades e defeitos do personagem X?

O que faz o personagem Y?

- Escolha textos para leitura com seus alunos.
- Formule perguntas a respeito dos textos que levem os alunos a falarem do que compreenderam com suas próprias palavras.

Quando lemos de forma eficiente, utilizamos ainda **procedimentos de reconhecimento da coerência do texto**, tais como:

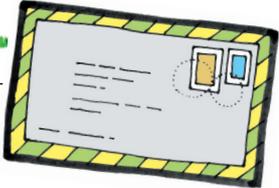
- ✓ identificar o gênero do texto; ativar e usar conhecimentos prévios sobre o tema e compará-los com as informações apresentadas; usar conhecimentos anteriores e experiências pessoais de leitura para atribuir significado e interpretar o texto.

Por exemplo, quando lemos um texto que começa com *Era uma vez*, imediatamente nos preparamos para uma história de ficção, para um conto de fadas.



Atividade de estudo-6

A situação em que os textos circulam e são lidos já indica parcialmente a que gênero pertencem, mas há algumas características lingüísticas e visuais que contribuem para reconhecer o texto. Indique algumas dessas características.

carta	
aviso	
lei	
poema	
romance	
receita médica	
conta de energia elétrica	
propaganda	
reportagem	

Algumas vezes, conforme os objetivos do autor, as características próprias de um texto se misturam com as características de outro gênero, como, por exemplo: carta que serve de propaganda; lei que deve ser lida como anedota; poema em formato de lei...

Um leitor maduro também usa, freqüentemente, **procedimentos de controle da atividade mental**. Esses procedimentos, como já vimos, são conscientes e servem de apoio ao trabalho da leitura. Com seu uso controlamos os objetivos da leitura e resolvemos dificuldades. Entre outros, os mais importantes são:

- ✓ **planejar objetivos; controlar a atenção** voluntária sobre o objetivo; controlar **o trajeto, o ritmo e a velocidade** de leitura de acordo com os objetivos estabelecidos; **reconhecer erros** no processo de decodificação e interpretação; **auto-avaliar** continuamente o desempenho da atividade; aceitar e tolerar temporariamente uma compreensão desfocada até que a própria leitura desfaça a sensação de desconforto.

São procedimentos muito associados à motivação. Você já deve ter observado que, quando estamos motivados para ler, quando queremos de fato ler, nós nos empenhamos muito mais e, em conseqüência, lemos muito melhor. Por isso, usamos muitas vezes a expressão “mergulhar na leitura”, que expressa bem o nível de envolvimento do leitor interessado.



Lembrete

As sessões de leitura em voz alta, quando são planejadas como um espaço para o comentário do aluno sobre sua própria forma de ler, para a auto-avaliação e para a avaliação solidária e cooperativa por parte dos colegas e do professor, ajudam o aluno a se tornar mais empenhado em seus procedimentos de leitura.

Alguns desses procedimentos são utilizados pelo leitor na primeira leitura, outros na releitura. Alguns se sobrepõem a outros, constituindo uma atividade cognitiva complexa que não obedece a uma seqüência rígida de passos. Vamos e voltamos no texto em busca da compreensão. Essa atividade é guiada tanto por elementos do próprio texto como pelos interesses, objetivos e intenções do leitor.

Nem sempre esses procedimentos estão muito claros ou conscientes para quem os utiliza na leitura cotidiana. Mas, para o professor, eles devem ser cada vez mais evidentes, tanto para si mesmo na condição de leitor, como para fundamentar suas opções metodológicas no que se refere à leitura de seus alunos.

As atividades a serem propostas na escola com o objetivo de desenvolver procedimentos eficazes de leitura precisam aproximar-se o máximo possível da forma como funciona a leitura na vida diária, de maneira que venham a estimular o uso imediato e a autoconfiança do leitor.

Resumindo

A aquisição, desenvolvimento e construção da linguagem se inicia na interação social, ou seja, com as outras pessoas.

Há habilidades essenciais para o desenvolvimento da competência em leitura.

Habilidades necessárias à leitura podem ser desenvolvidas em diversas situações pedagógicas.

Para levar as crianças a se tornarem ativas durante a leitura é importante propor questões, principalmente por meio de conversas que exijam raciocínio.

Chamamos de **metacognitivas** as ações que nos ajudam a controlar nossa própria atividade mental, isto é, que nos tornam conscientes dos nossos próprios pensamentos e procedimentos mentais.

Um leitor eficiente usa procedimentos específicos de reconhecimento da informação; procedimentos de simplificação das idéias do texto; procedimentos de reconhecimento da coerência do texto; procedimentos de controle da atividade mental.

O uso de procedimentos estratégicos para ler melhor está muito associado à motivação.



Leitura sugerida

Condemarín, Mabel e outros. Oficina de linguagem. São Paulo, Editora Moderna, 1997.

Proporciona aos professores de educação básica e pré-escolar módulos para estimular, organizar e estabelecer práticas pedagógicas de desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Apresenta uma ótima discussão das questões relacionadas à leitura.

Texto Complementar

PARA QUE O BRASILEIRO LEIA MELHOR

“Quem não sabe ler carrega a carta da morte.”

Dadá e Corisco

Correio Braziliense, Opinião, 30 de dezembro de 2001. Lucília Helena do Carmo Garcez
Escritora e pesquisadora da UnB, Dra. em Lingüística Aplicada.

Os debates atuais a respeito da leitura estimulam e exigem uma reflexão mais profunda, com base em tudo que já se sabe sobre o processo de ler e compreender. Os programas de democratização da leitura, oficiais ou não, devem intensificar qualitativamente sua atuação, para fazer frente aos apelos imediatos de um mundo cada vez mais seduzido pela imagem, pela comunicação rápida, pela velocidade, e, ao mesmo tempo, devem ampliar quantitativamente os esforços para incluir parcelas cada vez maiores da população.

Nesse percurso, muitas vezes descontínuo e cheio de obstáculos, qualquer iniciativa em direção ao estímulo à leitura deve envolver diversos agentes e diferentes segmentos sociais: famílias, escolas, professores, bibliotecários, especialistas, pesquisadores, editores, autores, meios de comunicação, instituições governamentais e não-governamentais. Se queremos socializar o direito à leitura, não apenas como correspondência entre sons e letras, mas como forma real de conhecimento, interpretação e compreensão do mundo e do ser humano, é imprescindível uma articulação contínua, intensa e harmoniosa entre esses atores.

Isso porque o desenvolvimento da leitura, já sabemos há muito tempo, depende de: convívio contínuo com histórias, livros e leitores, desde a primeira infância; valorização social da leitura pelo grupo social; disponibilidade de acervo de qualidade e adequado aos interesses, horizontes de desejo e aos diferentes estágios de leitura dos leitores; tempo para ler, sem interrupções; espaço físico agradável e estimulante; ambiente de segurança psicológica e de tolerância dos educadores em relação ao percurso individual de superação de dificuldades; oportunidades para expressar, registrar e compartilhar interpretações e emoções vividas nas experiências de leitura; acesso à orientação qualificada sobre por que ler, o que ler, como ler e quando ler.

Para aprofundar a reflexão relativa à natureza do ato de ler, é necessário considerar que se trata, simultaneamente, de uma experiência individual única e de uma experiência interpessoal profunda e intensa, um exercício dialógico ímpar, pois entre leitor e texto

desencadeia-se um processo discursivo de decifração, interpretação, reflexão e reavaliação de conceitos absolutamente renovado a cada leitura.

Não podemos doar a nossa leitura, mas podemos compartilhar a consciência do direito de ler, porque, assim como a linguagem, os direitos são construções sociais, estabelecidos e conquistados em conjunto, no coração das lutas sociais. Como não se luta pelo que não se conhece, é necessário dar a conhecer as infinitas possibilidades da leitura. A experiência da linguagem, e a da leitura especialmente, não é solitária; é um produto construído na interação em que os participantes atuam de forma ativa. Ela exige procedimentos mentais complexos que são construídos pela mediação do outro: o pensamento abstrato, a memorização, a atenção voluntária, o comportamento intencional, as ações conscientemente controladas, a generalização, as associações, o planejamento, as comparações, ou seja, as funções superiores da mente que nos fazem humanos, como afirma Vygotsky.

Por ser assim tão complexa, a leitura nem sempre é um procedimento fácil. Ela faz inúmeras solicitações simultâneas ao cérebro e é necessário desenvolver, consolidar e automatizar habilidades muito sofisticadas para pertencer ao mundo dos que lêem com naturalidade e rapidez. Desde a decodificação de signos, interpretação de itens lexicais e gramaticais, agrupamento de palavras em blocos conceituais, identificação de palavras-chave, seleção e hierarquização de idéias, associação com informações anteriores, antecipação de informações, elaboração e reconsideração de hipóteses, construção de inferências, compreensão de pressupostos, controle de velocidade, focalização da atenção, avaliação do processo realizado, até a reorientação dos próprios procedimentos mentais para a compreensão efetiva e responsiva, há um longo e acidentado percurso.

Além disso, a leitura não se esgota no momento em que se lê, mas se expande por todo o processo de compreensão que antecede o texto, explora-lhe as possibilidades e prolonga-lhe o funcionamento para depois da leitura propriamente dita, invadindo a vida e o convívio com o outro. Como se vê, trata-se de uma atividade exigente, que vai na contramão dos apelos da nossa sociedade veloz.

As iniciativas práticas vão desde a formação de um acervo e a criação de oportunidades de leitura e de expressão das interpretações e emoções, até o acompanhamento dessas leituras. O educador pode atuar como um interlocutor privilegiado, um parceiro mais próximo, um companheiro de caminhada, mas não como doador, como o dono do significado, como o que detém a leitura correta, uma vez que cada indivíduo constrói a sua própria trajetória pessoal de leitura. Esse guia apenas estimula, orienta, apóia e facilita a superação dos

obstáculos que, muitas vezes, desencorajam o leitor iniciante e podem desviá-lo para um ciclo de fracassos sucessivos que, certamente, virá a condená-lo à aridez do silêncio, da mudez, da ignorância. O verdadeiro educador não se improvisa; necessita de qualificação contínua e prolongada para enfrentar esse desafio.

Contribuir para a construção de leitores seguros, confiantes, competentes e autônomos é participar da democratização do acesso a um bem simbólico essencial, pois leitura e escrita são necessidades básicas, instrumentos imprescindíveis para o exercício da cidadania.



Bibliografia

KLEIMAN, A. B. **Texto e leitor**. Campinas: Editora Pontes/Unicamp, 1989.

_____. **Leitura. Ensino e pesquisa**. Campinas: Editora Pontes, 1989.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**, Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

ALVARADO, Maite (adap. Maria Antonieta Antunes Cunha). **O leitorão - Jogos para despertar leitores**. São Paulo: Editora Ática, 1993.



Respostas das atividades de estudo

Atividade de estudo 1

LEITURA

substantivo feminino

ação ou efeito de ler

- 1) ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral; arte de ler
Ex.: a l. penosa dos semi-analfabetos
- 2) ato de ler em voz alta
Ex.: <a l. da ordem do dia> <a l. de uma proclamação>
- 3) ação de tomar conhecimento do conteúdo de um texto escrito, para se distrair ou se informar

Ex.: a l. dos clássicos tornou-lhe mais elegante o estilo

4) o hábito, o gosto de ler

Ex.: a l. estimula a imaginação

5) o que se lê; material a ser lido; texto, livro

Ex.: leve alguma l. interessante para a viagem

5.1) Rubrica: liturgia católica.

texto lido ou cantado por uma só pessoa, ger. extraído da Bíblia

Ex.: <é tradicional a l. nos refeitórios dos conventos e colégios religiosos> <na missa, a primeira leitura é normalmente retirada do Antigo Testamento>

6) conjunto de obras já lidas

Ex.: sua l. não inclui obras hispano-americanas

7) Derivação: sentido figurado.

maneira de compreender, de interpretar um texto, uma mensagem, um acontecimento

Ex.: <a l. das entrelinhas de Machado de Assis> <os críticos realizaram uma l. muito limitada do filme>

8) matéria de ensino elementar

Ex.: um livro de l.

9) ato de decifrar qualquer notação; o resultado desse ato

Ex.: <a l. de uma partitura musical> <a l. de um instrumento de medida> <tem boa l. musical> <a l. do termômetro está acusando 25 graus>

10) Rubrica: física.

registro do valor de uma grandeza obtido com um instrumento de medida

11) Rubrica: tecnologia.

decodificação, obtenção de dados de um dispositivo de memória, de um meio de armazenamento ou de outra fonte

12) Rubrica: política. Regionalismo: Brasil.

na terminologia parlamentar, a discussão, pela assembléia, de um projeto de lei

Ex.: o texto da nova lei foi votado na primeira l.

13) Diacronismo: antigo.

m.q. cícero



LEITOR

adjetivo e substantivo masculino

1) que ou aquele que lê para si, mentalmente, ou para outrem, em voz alta, textos escritos; ledor

2) que ou aquele que tem o hábito de ler

3) que ou aquele que lê habitualmente determinado periódico, gênero de literatura, autor

Ex.: <l. da Folha de S. Paulo> <l. de romances policiais> <crianças l. de Monteiro Lobato>

- 4) usuário de uma biblioteca, arquivo, serviço de documentação
- 5) que ou aquele que, em editoras, companhias teatrais, estúdios de cinema e televisão etc., está encarregado de ler e avaliar os originais remetidos pelos autores
- 6) que ou aquele que sabe ler sinais de notação musical
- 7) diz-se de ou aparelho que realiza leitura de códigos, sinais, dados microfilmados etc.
- 8) que ou aquele que, ger. comissionado pelo governo de seu país, ensina a sua língua e literatura numa universidade estrangeira (diz-se de professor)

Atividade de estudo 2

SITUAÇÃO E OBJETO DE LEITURA	OBJETIVOS
Antes de sair para uma festa, confiro o endereço e consulto o mapa da cidade.	Conferir informações, seguir um plano de percurso, economizar tempo
Ao escrever uma crônica para o jornal, consulto um livro de história universal para tirar uma dúvida.	Buscar informações mais exatas para inserir em um texto de minha autoria, citar, fazer referências a outros conhecimentos
Nas férias, leio o romance de Machado de Assis, Dom Casmurro.	Viver a experiência estética proporcionada pela obra de arte, divertir-se, evadir-se
Enquanto espero o dentista, leio poemas de Carlos Drummond de Andrade.	Viver a experiência estética proporcionada pela obra de arte, refletir, passar o tempo de forma produtiva
Estou fazendo o almoço e leio o manual de funcionamento do liquidificador.	Seguir instruções para executar uma tarefa
No ônibus, de volta do trabalho, leio uma revista: "Fofocas dos astros da TV"	Buscar entretenimento, distrair-se, passar o tempo, satisfazer a curiosidade

Atividade de estudo 3

Algumas noções são:

- a escrita representa a fala;
- o que está escrito pode ser lido em voz alta;
- pode-se ler várias vezes o mesmo texto;
- lê-se da esquerda para a direita;
- alguém produziu o texto e o livro;
- o livro pode estar ilustrado;
- uma narrativa apresenta personagens, espaço, tempo, enredo;

- a ficção é imaginada e a realidade é o que de fato aconteceu;
- o enredo apresenta: orientação, complicação, clímax e resolução.
- os gêneros textuais são diferentes na linguagem, na estrutura, no estilo, nos objetivos, nas situações sociais em que são utilizados;
- a leitura das imagens traz informações e permite interpretação.

Atividade de estudo 4

- Atenção voluntária é o esforço que o indivíduo despende para manter o foco em uma atividade e não se distrair.
- Observação é uma habilidade que depende de objetivos, concentração, empenho, interesse, atenção e capacidade de distinguir e hierarquizar elementos (visuais ou lingüísticos).
- Pensamento abstrato é a habilidade de formular idéias que não estejam vinculadas à realidade concreta e imediata.
- Generalização é a habilidade de, partindo de vários exemplos concretos ou idéias, construir um pensamento que se aplique a várias situações ao mesmo tempo.
- Planejamento é a habilidade de elaborar planos, antecipar metas e tomar decisões para ações que vão se realizar posteriormente.
- Memorização é a habilidade de, por meio da associação com conhecimentos prévios, armazenar informações e conhecimentos que poderão ser acessados quando necessário.
- Utilização de conhecimentos prévios é a habilidade de articular, associar, relacionar e comparar o que está sendo observado, conhecido ou analisado, com experiências anteriores armazenadas na memória.

Atividade de estudo 5

Esta resposta é pessoal. Analise seus próprios procedimentos durante a leitura e tente responder. Caso Você ainda não tenha muita consciência das ações automatizadas, leia um texto de uma revista ou jornal e procure observar seus procedimentos.

Atividade de estudo 6

carta: vem dentro de envelope com endereçamento; começa pela data e local; apresenta um vocativo; apresenta uma despedida ou fecho; vem com a assinatura do autor. O texto pode ser coloquial ou formal.

aviso: apresenta um texto curto; é dirigido a vários interessados; pode ser em formato de cartaz; tem um objetivo claro de modificar o comportamento do leitor.

lei: é publicada em jornal próprio; apresenta numeração padronizada, indicações da origem e uma ementa com o objetivo; é dividida em capítulos, artigos, parágrafos, alíneas; a linguagem é formal e impessoal.

poema: é formulado em versos; a disposição na página apresenta uma organização espacial de acordo com a divisão em versos; a linguagem permite conotações, figuras retóricas, repetições e explora a sonoridade.

romance: tem muitas páginas, o título é indicativo; pode trazer um prefácio explicativo; as orelhas e a quarta capa anunciam o tema e dão informações sobre o autor; a linguagem apresenta estilo pessoal; traz uma narrativa longa.

receita médica: escrita em formulário próprio; traz o nome do paciente, a data, o medicamento indicado, a quantidade, o modo de usar; tem assinatura e carimbo do médico.

conta de energia elétrica: traz informações específicas em documento padronizado; a linguagem sintética permite a eliminação de estruturas sintáticas como preposições e conjunções.

propaganda: tem o objetivo claro de convencer o provável cliente ou comprador; pode apresentar infinitos formatos.

reportagem: narra um acontecimento e responde às perguntas - o que, quando, quem, como, por que, onde; admite análises, comentários e opiniões.



Investigação da prática-14

Nessa atividade você vai exercitar suas próprias estratégias de leitura de textos.

Leia o texto abaixo. Releia pausadamente e responda às questões a respeito de seu processo de leitura.

Claudio de Moura Castro

Nelson Freire ou Mozart?

“Há a mágica criada pelo grande pianista e há a mágica, igualmente notável, do professor inspirado”

Nelson Freire acaba de tocar uma sonata de Mozart. Aplausos de pé, efusivos. E ninguém menospreza seu talento, pelo fato de que não só tocou rigorosamente todas as notas de uma partitura comprada na loja, mas seguiu o andamento anotado por Mozart. O público festeja o momento mágico criado pela sua interpretação.

Mas espera-se muito mais de um professor. Sua “interpretação” na aula é pouco. Seguir a partitura é “escravizar-se ao autoritarismo de um livro”. Ele tem de “criar” a aula, inventando maneiras de levar o aluno a construir seu mundo intelectual. O pobre professor tem de ser Nelson Freire e também Mozart.

Por que o professor não pode ter partitura? Por que as idéias construtivistas que deram certo não podem ser apresentadas nos livros, para que sejam testadas e usadas? Pesquisas mostram que, usando “partitura” (isto é, bons materiais), o aluno aprende mais.

Desde os primeiros dias, um pianista aprende a tocar piano tocando piano. E não vendo um professor ao quadro-negro. E aprende o tempo todo sob a tutela de um pianista praticante. Amador ou profissional, o pianista continua tocando para algum mentor mais ilustre, até o fim de sua carreira musical. É educação permanente.

Já o professor consome seu tempo com teorias pedagógicas que não consegue aplicar e quase não tem oportunidades de praticar na presença de um mestre que comente, corrija e retoque seu desempenho em sala de aula. Não aprende a arte de dar aula. É largado por sua conta, tendo de inventar a própria partitura. O professor é um deserdado na sala de aula, ninguém o ajuda, ninguém sabe como é seu desempenho.

O estudo do pianista inclui duas fases. Primeiro, ele aprende a partitura. Toca pesado e devagar, para fixar na memória as notas. É a etapa “conteudista” de seu aprendizado. Mas a formação de professores desdenha essa etapa, embora seja difícil entender como é possível ensinar sem dominar bem os conteúdos.

Sabida a partitura, o pianista estuda a interpretação que vai dar a ela. Para isso, ouve os melhores intérpretes e discute com colegas e professores. Já o professor, entupido com teorias, raramente pratica diante de mestres mais experimentados. Essa parte foi sub-repticiamente subtraída de sua formação.

O pianista se sabe um ator. O professor foi ensinado a ignorar sua função nobre e a menosprezar o palco da sala de aula.

A performance do pianista é julgada pela platéia e pelos críticos. Não interessa o diploma, pois tudo o que está sendo avaliado acontece na sala de concertos. Já o professor se sente ameaçado quando alguém decide indagar dos alunos como ele funciona em sala de aula. Perde-se o feedback e a melhoria de desempenho resultantes. Nem pensar em dar aula a um inspetor, como na França.

Esse é o grande equívoco, o professor produz na sala de aula, mas é julgado pelo que nada tem a ver com a dita. Os diplomas não são concedidos a quem é inspirado na sala de aula, mas a quem passa em provas de conhecimentos. Só se julga

o que não interessa. Só nos cursinhos, o desempenho em sala de aula é o fator crítico para a contratação.

Os pianistas começam a aprender com o melhor pianista que encontram e continuam, por toda a vida, tocando para bons intérpretes. Os professores aprendem com quem jamais se celebrizou pela interpretação (isto é, na sala de aula), embora tenha muitos diplomas para mostrar. Quando penso nos critérios usados para selecionar quem vai ser o professor do professor, lembro que nunca ouvi falar de uma busca pelas grandes estrelas em sala de aula. Onde estão os mestres que seduzem e hipnotizam?

A interpretação não é uma arte menor. É lá que se incendeiam as mentes, se inspiram os alunos e se desencadeiam os processos que levam ao aprendizado. Há a mágica criada pelo grande pianista e há a mágica, igualmente notável, do professor inspirado.

Fico pensando, ao ver como se preparam nossos pianistas e como se preparam nossos professores: por que não aprendemos com os pianistas como preparar nossos professores?

Revista VEJA, 04.12.2002

1 - Você já ouviu falar ou leu algum texto desse autor?

2 - Você tem algum conhecimento prévio sobre Nelson Freire e sobre Mozart?

3 - O título indica antecipadamente o tema ou apenas suscita a curiosidade?

4 - A epígrafe (texto entre aspas após o título) acrescenta alguma informação nova para você?

5 - Quais são as informações novas para Você a respeito de Nelson Freire e de Mozart que estão no 1º parágrafo?

6 - Qual é o cenário imaginado pelo autor para introduzir as idéias?

7 - Por que o parágrafo 2ª começa com a conjunção Mas?

8 - Qual é a comparação que serve de estrutura básica para a construção do texto?

9 - Os três primeiros períodos do terceiro parágrafo podem ser associados ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita?

10 - Faça uma paráfrase do 4º parágrafo em 1 período, generalizando a idéia sobre as relações entre teoria e prática.

11 - No 5º parágrafo, a partitura do pianista corresponde ao _____ para o alfabetizador.

12 - Resumindo as idéias principais do 5º ao 10º parágrafos, podemos dizer que

13 - Voltar ao texto para responder essas perguntas ajuda a compreendê-lo melhor?

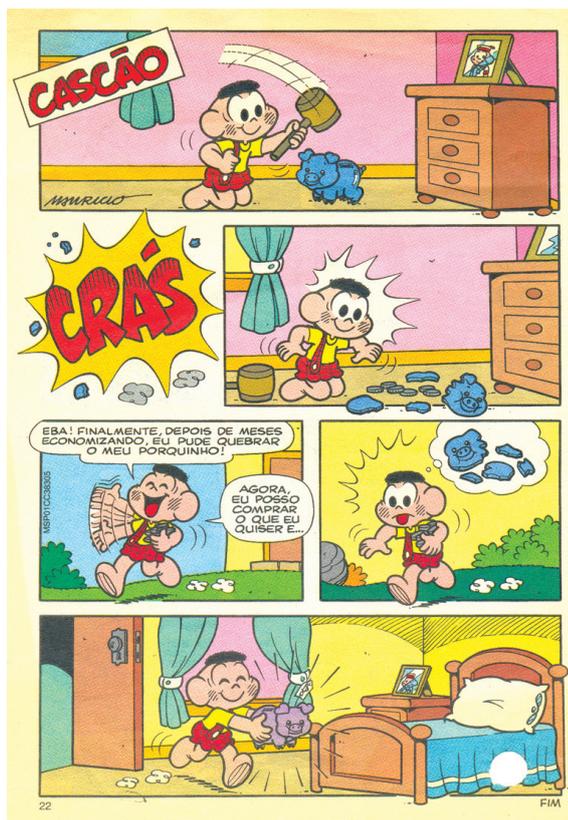
Sessão Presencial Coletiva 14

Nesta oficina vamos discutir alguns temas que foram estudados na Unidade do Caderno de Teoria e Prática que são: distinguir as diversas formas de trabalho com a leitura e as estratégias que tornam a leitura um processo mais eficiente de construção de sentidos.

Duração: 3 horas

Etapa 1

Leitura individual da História em Quadrinhos (HQ) do Cascão.



Etapa 2

Em grupos de quatro participantes, com um relator escolhido pelos colegas, discuta, identifique e justifique as habilidades (cognitivas e metacognitivas) que podem ser desenvolvidas a partir de atividades com essa HQ.

Etapa 3

Os relatores apresentam as conclusões de cada grupo em um debate em que podem participar todos os cursistas.

UNIDADE 15



Literatura infantil

Lucília Helena do Carmo Garcez

Literatura infantil

Iniciando a nossa conversa

Amigo(a) Professor(a)

Como bom leitor, Você sabe que a literatura é essencial na nossa vida. Ela nos permite uma experiência inigualável em que emoção e razão se misturam no prazer estético.

Vamos, nesta Unidade, retomar, aprofundar e ampliar muito do que temos visto a respeito da literatura nas unidades anteriores. Usamos muitos textos da literatura infantil, tanto como fonte de prazer e alegria como fonte de conhecimento e também como pretexto para consolidar habilidades de leitura de nossos alunos. Vamos refletir agora sobre a necessidade de, mesmo quando temos outros objetivos, explorar e preservar a função original desses textos: o prazer da leitura.

Vamos focalizar a atenção nos aspectos que são próprios da literatura, porque é importante conhecer profundamente as características do texto literário para planejar de forma adequada nosso trabalho, estabelecendo objetivos coerentes com o desenvolvimento do nosso aluno.

Sabemos que um dos grandes problemas da educação brasileira é que muitos alunos chegam à vida adulta sem desenvolver o gosto pela leitura. Vamos, então, refletir sobre questões conceituais e práticas, que nos auxiliem a esclarecer o que podemos fazer para transformar nossos alunos em leitores assíduos.



Nosso trabalho está organizado em três seções:

NA SEÇÃO 1,

veremos o que é a literatura e como a obra de arte literária se diferencia dos textos não-literários.

NA SEÇÃO 2,

vamos conhecer um pouco da história da literatura infantil no mundo e no Brasil, e os critérios que podemos utilizar para selecionar bons textos para nossos alunos.

NA SEÇÃO 3,

estudaremos diversos procedimentos pedagógicos com a literatura, que contribuem para despertar o gosto pela leitura.

Nas três seções desta unidade, vamos sugerir que Você observe suas próprias experiências com a leitura de textos literários, pois sabemos que um professor/leitor, que tem paixão pela literatura, que aprecia verdadeiramente a leitura, influencia positivamente seus alunos.

Vamos propor também que Você crie atividades que estimulem seus alunos a se tornarem leitores.

Nosso horizonte

Com o trabalho desta unidade, nós vamos:

- 1** Identificar algumas funções da linguagem e a diferença entre o texto literário e o texto não-literário.
- 2** Conhecer a história da literatura infantil e a produção brasileira.
- 3** Analisar procedimentos pedagógicos que levam à formação de leitores.

SEÇÃO 1

O que é literatura

Objetivo: Identificar as funções da linguagem e a diferença entre o texto literário e o texto não-literário.

Como temos observado no decorrer das unidades anteriores, a língua escrita é usada com diferentes funções, com os mais diversos objetivos e nas mais diversas situações. Cada um dos objetivos vai determinar o formato do texto e, muitas vezes, o suporte ou veículo em que vai circular até chegar ao seu leitor.

Observe estes três fragmentos:

Texto 1

Brasília, 16 de abril de 2003

Querido Papai,
estou com muita saudade e aguardo sua chegada com muita
ansiedade.

Já são tantos dias que estamos longe que nem sei como consegui sobreviver.
Quando você viajar outra vez a trabalho, quero ir junto.

Beijos
Aline



Texto 2

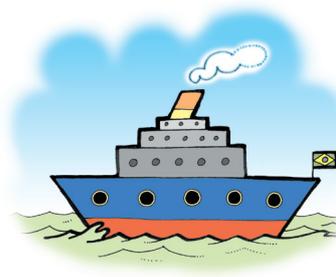
verbetes substantivo feminino

Saudade, sentimento mais ou menos melancólico de incompletude, ligado pela memória a situações de privação da presença de alguém ou de algo, de afastamento de um lugar ou de uma coisa, ou à ausência de certas experiências e determinados prazeres já vividos e considerados pela pessoa em causa como um bem desejável (freqüentemente usado também no plural).

Ex.: <s. de uma amiga que hoje vive distante> <s. de um parente falecido> <saudades da Bahia> <s. de comer graviola> <s. da praia> <sentir saudades da pátria> <s. dos bons tempos>

Texto 3

A saudade dói como um barco
que aos poucos descreve um arco
e evita atracar no cais.



Chico Buarque de Holanda

Você observou que todos falam de um mesmo tema, não é? Mas têm objetivos diversos, estão estruturados de forma muito diferente e por isso pertencem a gêneros diferentes.



Atividade de estudo-1

De que gêneros são os textos e como Você chegou a essa conclusão?

Texto 1 _____

Texto 2 _____

Texto 3 _____

Para aprofundar essa reflexão a respeito dos diversos textos, vamos lembrar que podem ser caracterizados em um determinado gênero a partir da **estrutura textual**, do **público** a que se destinam e da **função** que exercem na **prática social** em que se inserem.

É preciso considerar que os textos não se apresentam com uma única função, mas têm funções entrelaçadas. Para efeito de observação, consideramos a função predominante.

Quando o texto está centrado no próprio **autor**, a função é a expressão do “eu”. Veja alguns exemplos de frases em que essa função está clara e é predominante, embora exista secundariamente também uma função referencial ou informativa:

- Estou com dor de cabeça!
- Gosto de chocolate.
- Já sei ler.

Para a expressão individual de nossos pensamentos, podemos escrever textos de gêneros muito diferentes como: *diários, depoimentos, cartas, bilhetes, artigos*, entre outros.

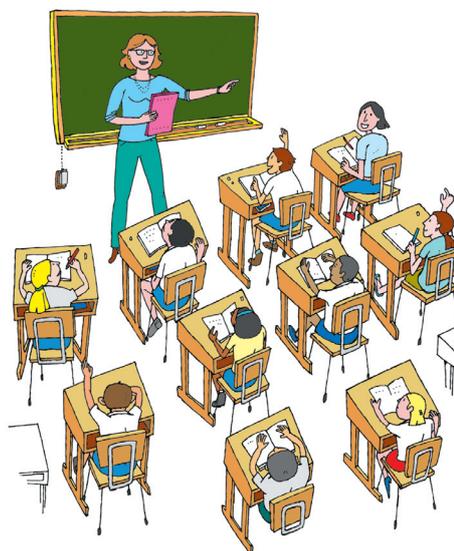
Dizemos, então, que a função da linguagem está centrada no EU, na **função expressiva**, pois o objetivo principal do texto é transmitir ou registrar os sentimentos, pensamentos e emoções de uma pessoa. A voz que assume a “fala” nesse tipo de texto é a própria voz do autor, e por isso a primeira pessoa do singular é utilizada com muita frequência. Os poemas trazem, geralmente, uma grande carga de função expressiva, mas o que predomina, então, é o interesse em fazer literatura, ou seja, a função poética.

Se o texto está focalizado no **leitor ou interlocutor**, a função da linguagem pode ser uma solicitação, uma apelação, uma súplica, uma ordem, um conselho, uma instrução, uma advertência etc., como nos períodos:

- Guarde estes brinquedos!
- Feche a porta!
- Ajude-me a arrumar a casa!

Caso o mais importante seja a informação ou assunto, dizemos que a função da linguagem está focalizando o **referente** ou o **contexto**.

- Esta casa está disponível para aluguel.
- O avião já chegou.
- Está chovendo.



Mas observe que, dependendo do contexto, o sentido das frases aqui colocadas pode ser ampliado. Por exemplo, numa situação de espera ansiosa por alguém, a frase “O avião já chegou” pode trazer muitas outras informações a respeito da emoção de quem espera. E a frase “Está chovendo” pode ter implícitas outras informações como: “lamento muito que o nosso passeio tão sonhando não vá acontecer porque está chovendo e não podemos fazer churrasco ao ar livre, como tínhamos combinado.”

Descrever, dissertar, expor, relatar, conceituar, definir são tipos de texto que evidenciam a função referencial. Geralmente, o autor se distancia ou desaparece quase completamente para tornar a informação bastante neutra, imparcial, clara e objetiva. É como se a realidade falasse por si própria, sem a interferência das impressões do autor.

Evitamos, nesse tipo de texto, os recursos explorados pela literatura para chamar a atenção para a estrutura da linguagem (repetições, inversões, eliminação de elementos sintáticos etc.). Dizemos, então, que o texto é transparente, pois não atrai a observação do leitor sobre a forma como é organizado. O que ganha evidência é a informação. Este tipo de texto, no qual os verbos que indicam subjetividade, na primeira pessoa do singular, como **penso, sinto, acho, considero, percebo, interpreto** são sistematicamente evitados, é o mais valorizado nos meios científicos, universitários e acadêmicos.

Quando a linguagem está voltada para o seu próprio funcionamento, ou seja, para si mesma, dizemos que a função é **metalingüística**, pois é voltada para o código:

- Como posso escrever essa palavra?
- Que significa a palavra *idiosincrasia*?
- A palavra *idiosincrasia* significa característica comportamental peculiar a um grupo ou a uma pessoa.

É a língua falando sobre a própria língua. Observe este exemplo:

Nível – 1. A locução **a nível de**, modismo desnecessário e condenável, tornou-se uma das mais terríveis muletas lingüísticas da atualidade, em substituição a praticamente tudo que se queira. Veja alguns casos em que a locução aparece e como evitá-la: Decisão a nível de diretoria (decisão da diretoria). / Decisão a nível de governo (decisão governamental). / Reunião a nível internacional (reunião internacional). / Contratações a nível de futuro (contratações para o futuro). / O salário será a nível de 5 mil reais (em torno de).

– 2. Em determinados casos podem ser usadas as locuções no plano de e em termos de.

– 3. Existe ainda ao nível de, mas apenas com o significado de à mesma altura: ao nível do mar.

Eduardo Martins. *Manual de Redação e Estilo - O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Editora Moderna, p. 190 (com adaptações).



Atividade de estudo-2

Quais são os gêneros de livros de que Você se lembra que têm função metalingüística?

<hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

Quando a **estruturação do texto** e a sua estética são prioritárias para o autor e para o leitor, dizemos que predomina a **função poética**, ou seja, entramos no universo da **literatura**. A obra de arte literária tem como matéria-prima as palavras, assim como a escultura tem como matéria-prima a madeira, a cerâmica, o bronze ou a pedra.

Podemos dizer que a literatura tem interesse primordial de provocar o prazer estético no leitor por meio da linguagem. A obra literária pode informar, expressar o “eu” do autor, influenciar o comportamento do leitor, explicar o funcionamento da linguagem utilizada, mas tudo isso por meio da elaboração estética, do estilo, do uso original das palavras, da exploração do ritmo, da intensificação da sonoridade e da significação das palavras e das construções sintáticas. É como se o texto literário quisesse nos dizer: “Veja como sou bem-escrito, belo, surpreendente, original!” Esse cuidado com a elaboração da linguagem intensifica a expressão das emoções, das idéias, dos sentimentos, da interpretação do mundo, da informação.

Atividade de estudo-3

Refleta um pouco sobre suas experiências de leitura. Você se lembra de algum texto que provocou sua emoção? Que Você gostaria de ter escrito? Por quê? Tente descrever essa sensação.

Encontramos a função poética da linguagem quando a intenção do autor de um texto é extrair da linguagem as suas mais altas possibilidades expressivas, jogar com as potencialidades significativas das palavras e criar combinações novas e originais para transmitir sua visão do mundo, para valorizar suas idéias. Essa elaboração provoca em nós leitores uma experiência estética prazerosa, de estranhamento agradável. O texto chama a atenção para a sua organização e estruturação, ao mesmo tempo que nos traz idéias: imaginação, informação, depoimento, apelo, advertência, confissão, testemunho, entre outras formas de interpretação de mundo.

Vindo à sala de Aula 1

Para que seus alunos comecem a descobrir as diferenças entre texto literário e não-literário, leve cópias de uma pequena notícia de jornal para a classe.

- Leia e comente a notícia, que deve conter uma pequena narrativa real. Pergunte se viram a mesma notícia na TV. (Observe pessoas envolvidas, lugar, data, fato, causas, conseqüências).
- Em seguida, leia uma história curta (10 minutos) de fadas, duendes, bruxas ou outros personagens imaginados. Comente a história.
- Peça que as crianças discutam a diferença entre os dois tipos de história: ambiente, personagens, imaginação x realidade, linguagem, autoria, ilustração.
- Feche a discussão retomando a idéia do que é ficção e do que é realidade.



Lembrete

PARA SER UM BOM CONTADOR DE HISTÓRIAS

- ✓ Faça um relaxamento, respire profundamente e concentre-se.
- ✓ Prepare as crianças, motivando-as com uma conversa introdutória.
- ✓ Mostre o livro, fale do autor, do ilustrador, da editora, da coleção.
- ✓ Combine se poderá haver interrupção ou não (depende de Você).
- ✓ Antecipe um pouco do tema e associe com a vida.



- ✓ Leia ou conte de memória com expressividade.
- ✓ Intercale, quando for o caso, com cantigas.
- ✓ Prenda a atenção usando um tom de voz agradável – nem muito alto nem muito baixo, modulado sem ser monótono. Não exagere.
- ✓ Diferencie a voz dos personagens.
- ✓ Faça sons e onomatopéias imitando os acontecimentos.
- ✓ Crie suspense com a voz.
- ✓ Intercale a história com perguntas para que as crianças façam hipóteses sobre como continua e termina a história.
- ✓ Após as interrupções, se houver, faça pequenos resumos para retomar a história.
- ✓ Anuncie pelo tom da voz que a história está chegando ao fim.
- ✓ Você pode ler sem acompanhamento, ou mostrar gravuras dos livros, acompanhar a leitura com fantoches, com *slides*, com ilustrações avulsas, com figuras no flanelógrafo, com adereços diferentes para a fala de cada personagem - máscaras, chapéus, objetos característicos (cachimbo, vassoura...).
- ✓ Se as crianças conversarem ou se distraírem, pare a leitura e mostre que está esperando silêncio. Retome a história, resumindo o que já foi contado para que as crianças retomem o interesse.
- ✓ Ao final da história sempre deixe um momento para conversar acerca da experiência. Estimule os comentários. Deixe que as crianças falem de suas emoções, dêem suas impressões do que mais gostaram, do que não gostaram, comparem com outras histórias, recontem partes emocionantes...
- ✓ Faça da “Hora do conto” um momento mágico e desejado pelas crianças.
- ✓ Conte histórias todos os dias. Se sua turma não for de crianças pequenas, escolha textos literários de acordo com o interesse dos jovens e leia em voz alta.
- ✓ Faça recitais de poesia ou leve discos em que os próprios poetas (ou atores profissionais) recitam os poemas.

Leia o texto que selecionamos e reflita conosco mais um pouco a respeito da natureza da literatura.

MEMÓRIA



Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

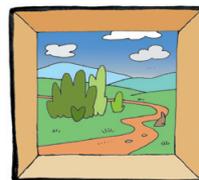
As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Carlos Drummond de Andrade, *Antologia Poética*. Editora do Autor, Rio de Janeiro, 1963.



Atividade de estudo-4



Você já leu outros textos de Drummond?

O título pode ser considerado como indicador do tema? Por quê?

Qual é o sentido da palavra "olvido"?

Qual o sentido da palavra "tangíveis"?

Quando citamos um poema não devemos resumí-lo, alterá-lo ou transformá-lo, porque perde seu encanto. Podemos resumir textos de jornal e textos informativos em geral. A estruturação do texto é tão importante que qualquer substituição constituiria uma agressão à autoria do poeta. O poema é prioritariamente uma elaboração especial da linguagem, mas é também, ao mesmo tempo, expressão do EU, interpretação do mundo e informação sobre fenômenos, fatos e acontecimentos, como no exemplo anterior.

Como vimos, as diversas funções da linguagem podem conviver no mesmo texto, mas a função predominante é que determina a natureza do texto, se é literário ou não.



Atividade de estudo-5

Para compreender a natureza do texto literário vamos precisar de alguns conceitos fundamentais. Se for possível volte à Unidade 10 e retome os conceitos ali apresentados. Vamos relembrar alguns. Vá ao dicionário e procure o significado das palavras a seguir:

plurissignificação

polissemia

conotação

Você deve ter percebido em sua experiência de leitor que a literatura é **plurissignificativa**, **polissêmica**, já que permite várias formas de leitura e trabalha com a **conotação**, com os sentidos possíveis e figurados da linguagem. Ela abre caminho para que os leitores façam uma reflexão que pode desdobrar-se em várias camadas: lírica, crítica social, crítica da cultura, depoimento social de costumes de uma época, crítica política, análise psicológica...

A literatura assume diversas formas e diferentes objetivos. A prosa e o verso se desdobram em outros gêneros literários. O romance, o conto, o teatro, a poesia narrativa épica são feições diferentes para um mesmo fenômeno: a arte da palavra. E cada uma dessas formas tem subgêneros. Por exemplo, o romance pode ser: histórico, de amor, de costumes, policial, de terror, de guerra, de humor...



Atividade de estudo-6

Você gosta de ler? O que lê com mais frequência?

Elabore um pequeno texto relatando sua própria experiência com a leitura de textos literários. Tente se lembrar de quando era estudante. Quais as boas recordações? Quais as más? Quem influenciou a sua história pessoal com a leitura? Alguma pessoa foi especialmente importante para sua aproximação à literatura? Quem? Por quê?

A leitura freqüente de textos literários é muito importante na formação de uma pessoa, porque a obra de arte oferece interpretações do mundo que estimulam a reflexão e o conhecimento. As narrativas tradicionais e os contos de fadas, por exemplo, tratam das questões fundamentais da existência humana: medo, amor, perda, ciúme, poder, dever, inveja, submissão...

Além de proporcionar experiência emocional e estética, o convívio com a literatura, tanto ouvindo histórias como lendo, constitui um exercício privilegiado de habilidades mentais e de familiaridade com as estruturas e possibilidades da língua escrita, como vimos na Unidade 14.



Lembrete

Um professor apaixonado pela leitura de textos literários influencia naturalmente seus alunos a se transformarem em bons leitores.

Diante dessas reflexões, é importante reafirmar que a literatura infantil é um dos recursos mais encantadores no processo educacional. Todos nós amamos ouvir histórias e muitos de nós prolongamos esse prazer pela vida afora, nos transformando em leitores vorazes.

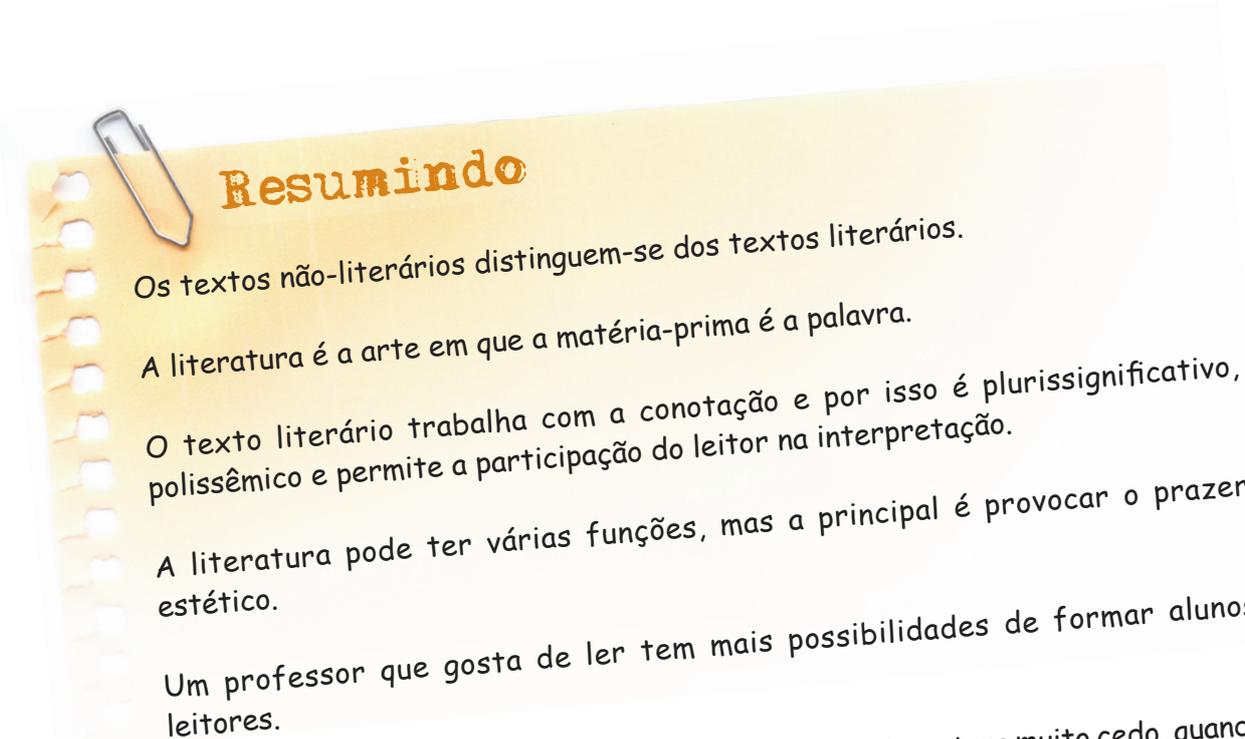
Pesquisando Evidências 1

- Organize uma conversa com os alunos a respeito da leitura de histórias. Pergunte se eles gostam de ouvir histórias e qual o tipo. Deixe que todos se expressem. Peça que relatem experiências pessoais, que citem histórias conhecidas e que se lembrem de versos que sabem de cor. Observe a reação das crianças.



- Combine com um colega e observe-o contando histórias (se possível grave a atividade em áudio ou vídeo). Analise com cuidado os recursos que o colega usa, enquanto conta a história. Observe a reação das crianças. Analise as perguntas e participações das crianças e procure compreender o que elas revelam acerca do desenvolvimento das noções a respeito da leitura.
- Entreviste algumas crianças e avalie a importância dessa atividade.

Para que o processo de alfabetização seja também um processo efetivo de formação de leitores, o convívio com os livros literários deve começar cedo. Os textos lúdicos e literários podem ser o eixo central do trabalho. Por isso, no decorrer das unidades e dos AAAs, trabalhamos com tantos exemplos de textos da literatura infantil e da tradição oral. É importante que Você explore a dimensão literária desses textos, antes de utilizá-los como instrumento do ensino da língua. Isso quer dizer que o aspecto prazeroso, lúdico, mágico dos textos de literatura deve estar em primeiro lugar.



Resumindo

Os textos não-literários distinguem-se dos textos literários.

A literatura é a arte em que a matéria-prima é a palavra.

O texto literário trabalha com a conotação e por isso é plurissignificativo, polissêmico e permite a participação do leitor na interpretação.

A literatura pode ter várias funções, mas a principal é provocar o prazer estético.

Um professor que gosta de ler tem mais possibilidades de formar alunos leitores.

As crianças começam a formar o gosto pela leitura de literatura muito cedo, quando ouvem as primeiras histórias.

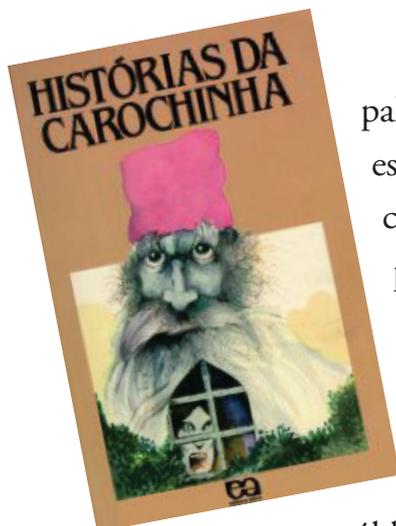
Ouvir histórias é uma experiência prazerosa e importante para o desenvolvimento.

O aspecto literário, lúdico, prazeroso, deve prevalecer no trabalho com livros infantis.

SEÇÃO 2

A literatura infantil brasileira

Objetivo: Conhecer a história da literatura infantil e a produção brasileira.

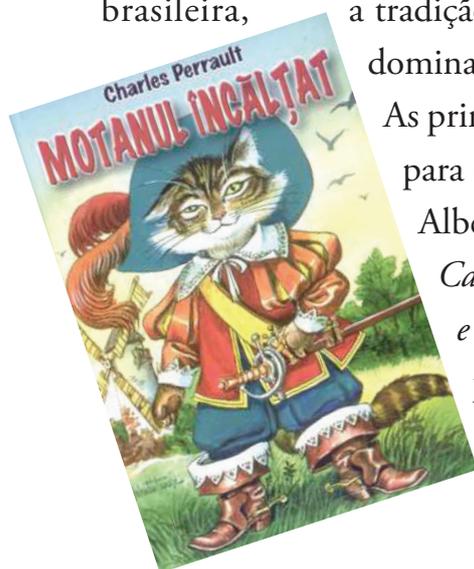


Como vimos na seção anterior, a literatura é a arte da palavra. Quando os textos literários, ou seja, artísticos, são escritos, produzidos, editados, ilustrados de forma a atrair a criança, podemos dizer que se trata de literatura infantil ou para a infância. Mas, às vezes, os textos feitos originalmente para crianças seduzem também os adultos e vice-versa. Tanto que a origem da literatura infantil está nos contos e fábulas antigos, que eram contados oralmente entre os adultos. Não tinham sido formulados especialmente para o público infantil, mas caíram no gosto das crianças.

As narrativas e relatos exercem uma atração muito grande sobre as pessoas. Você pode observar que se estiver conversando com outro adulto e contar um caso qualquer, as crianças que estiverem por perto vão prestar muita atenção.

Vamos lembrar como a literatura infantil se desenvolveu no Brasil. Assim, você poderá reorganizar seus conhecimentos e contextualizá-los.

Durante os primeiros séculos de consolidação da nação brasileira, a tradição europeia e a literatura oral predominavam no universo destinado à infância.



As primeiras manifestações nacionais de uma produção voltada para o público infantil situam-se por volta de 1894, quando Alberto de Figueiredo Pimentel organiza a coleção *Contos da Carochinha, Histórias da Avozinha, Contos de Fadas, Teatrinho e Meus Brinquedos*. O autor adaptou os contos tradicionais populares e as histórias de fadas europeias. Talvez Você encontre alguns desses livros na biblioteca de sua escola ou de sua cidade, pois foram sucessivamente reeditados. A nossa primeira revista Infantil chamou-se *Tico-tico*



(1905) e durou mais de cinquenta anos. Somente em 1950 chegam ao Brasil as produções de Disney. A primeira história em quadrinhos foi *O pato Donald*.

Nas duas primeiras décadas do século, a produção brasileira voltada para crianças cresceu, mas tomou um tom altamente pedagógico e doutrinário. Mesmo quando os autores demonstravam talento para o diálogo com as crianças, não conseguiam escapar da perspectiva educativa, moralizante:

formar bons hábitos, bons sentimentos, bons costumes, boas maneiras, boas

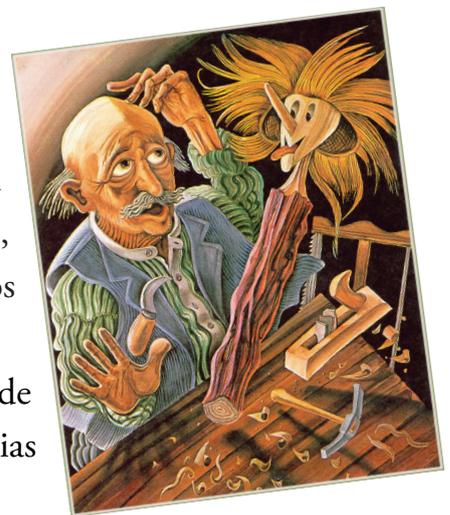
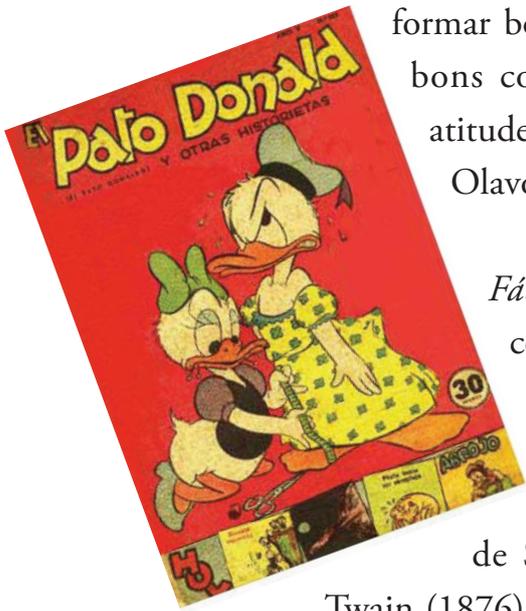
atitudes em relação aos valores sociais vigentes. (*Contos Pátrios* de Olavo Bilac e Coelho Neto).

Nessa época, os clássicos europeus já circulavam no Brasil: *Fábulas* de Esopo (V a.C.); *Fábulas* de La Fontaine (séc XVII); contos de Perrault (1628-1703), *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe (1719); contos dos Irmãos Grimm (1815); contos de Hans Christian Andersen (1805-1875); *Aventuras do Barão de Munchausen*, de Raspe; *Viagens de Gulliver*,

de Swift; *Tom Sawyer*, de Mark

Twain (1876); *Pinóquio*, de Collodi (1882); e a tradução de *Coração*, de De Amicis, que foi extremamente divulgada. Muitos desses títulos foram traduzidos em diversas versões, adaptados, ilustrados, condensados e hoje podem ser facilmente encontrados em edições populares.

Viriato Correia, com o livro *Cazuza*, e Thales de Andrade, com *Saudades*, eram as leituras obrigatórias para os jovens que já dominavam bem a leitura.



Pesquisando Evidências 2

Muitos desses livros citados aqui fazem parte da cultura universal e por isso atravessaram os séculos. Vá a uma biblioteca (da escola ou do município) e tente localizar alguns desses títulos. Leia parte do texto que encontrar para uma primeira aproximação. Planeje a leitura de um desses títulos para suas horas de lazer.

Faça uma lista selecionando, entre suas leituras, textos curtos que Você acredita que seus alunos possam gostar. Organize-os e planeje a leitura em voz alta para a “Hora do conto”.

Lembre-se das sugestões da seção 1 para ser um bom contador de histórias.

Esse quadro “pedagogizante” em que a literatura está a serviço da doutrinação vem se modificar profundamente com Monteiro Lobato (*A Menina do narizinho arrebitado* - 1921). Em sua vasta produção para crianças, Lobato muda radicalmente o ponto de vista da narrativa brasileira desse período. A criança vem como criança mesmo



Monteiro Lobato

para o centro da narrativa. Passa a ser personagem principal e não apenas um futuro adulto que precisa ser moldado, educado, domesticado. A criatividade, a esperteza, a traquinagem, a fantasia e o universo lúdico infantil são privilegiados. Há também nos livros de Lobato o resgate e a reelaboração dos mitos e lendas brasileiros, bem como a incorporação transformada e adaptada das narrativas tradicionais da cultura universal.

Não se trata da mera transposição de fórmulas narrativas já cristalizadas. Todos esses elementos são entrelaçados por Lobato, de forma original e sedutora. Suas histórias até hoje encantam as crianças, seja na leitura ou na sua adaptação para a TV.

No mundo moderno contemporâneo, os temas e a construção narrativa de Lobato agradam principalmente às crianças pequenas, que ainda não têm habilidade de leitura suficiente para textos longos. Por isso é importante que Você leia em voz alta para seus alunos. Provavelmente seus livros estão nas bibliotecas perto de Você. Monteiro Lobato formou gerações de leitores e de escritores. Veja o maravilhoso depoimento que Clarice Lispector deixa em seu conto *Felicidade Clandestina* a respeito de uma menina que pede o livro *Reinações de Narizinho* emprestado a uma colega:

“E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não sai pulando como sempre. Sai, andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adieei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.”



Clarice Lispector

Clarice Lispector, Felicidade Clandestina. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975 (2ª edição), p.8.

Provavelmente Você pode encontrar com facilidade esse texto em antologias, na própria biblioteca de sua escola. Não perca a oportunidade de se emocionar com essa grande escritora.

Indo à sala de Aula 2



Para que seus alunos tenham a oportunidade de conhecer Monteiro Lobato, leia em voz alta trechos escolhidos das obras:

Reinações de Narizinho; Caçadas de Pedrinho; Memórias de Emília; A Chave do Tamanho; A Reforma da Natureza...

- Escolha um trecho que tenha enredo integral (começo, meio, fim), pois seus livros são formados de vários episódios completos.
- Converse sobre Lobato e mostre o livro, fale da edição e do ilustrador. Lembre o seriado da TV e converse sobre ele.
- Planeje sua “Hora do conto” com Monteiro Lobato.
- Lembre-se das sugestões da seção 1 para ser um bom contador de histórias.



Muitos escritores consagrados produziram textos direcionados ao universo infantil: Érico Veríssimo (*Os três porquinhos pobres*), Graciliano Ramos (*Alexandre e outros heróis*), José Lins do Rego (*Histórias da velha Totonha*), Josué Montello, Orígenes Lessa, Humberto de Campos, Mário Quintana (*Pé de Pilão*), Cecília Meireles (*Ou isto ou aquilo*), Clarice Lispector. Procure conhecer esses clássicos.

Mas é nas três últimas décadas que surgem escritores interessados em produzir exclusivamente textos que possam ser classificados como **literatura infantil**. Versos, trava-línguas, contos, teatro, histórias de fadas, livros sem texto, versos de cordel, novelas, fábulas, contos populares, lendas, mistério, cartas, crônicas ... há de tudo um pouco para as crianças se aproximarem do universo da literatura.

Nossos autores contemporâneos têm um trabalho admirável e já conquistaram muitos prêmios internacionais. Lygia Bojunga e Ana Maria Machado já ganharam o Hans Christian Andersen, o mais importante prêmio de literatura infantil do mundo.

Os depoimentos em entrevistas e artigos comprovam que escritores de literatura infantil sempre foram leitores apaixonados. Veja como este texto de Lygia Bojunga demonstra a sua paixão pelos livros:

“Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida. Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado.

E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro.

De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras. Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça. Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas.

Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação.

Todo o dia a minha imaginação comia, comia e comia; e de barriga assim cheia, me levava pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava.

Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa que – no meu jeito de ver as coisas – é a troca da própria vida; quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava.

Mas como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cisme um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra – em algum lugar – uma criança juntar com outros e levantar a casa onde ela vai morar”.

É importante que Você seja um conhecedor da nossa produção contemporânea. Procure informar-se; leia os autores premiados; pesquise se na sua região tem alguém que escreve para crianças.

Avançando na Prática 1

Para que Você amplie seus conhecimentos sobre literatura e leitura procure na sua escola:

- Os livros do **Programa Nacional Biblioteca da Escola-PNBE**, distribuídos pelo Ministério da Educação a 20.000 escolas em 1998.
- O **Guia do Livronauta**, referente ao acervo de 1998.
- O livro **História e Histórias** – Guia do usuário do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE-99 – Literatura Infanto-juvenil (MEC-2001).
- Os livros do PNBE-2003 e do **Programa Literatura em Minha Casa**.
- Converse com o bibliotecário ou a pessoa encarregada de tomar conta dos livros da escola e planeje, em conjunto com outros professores, a seleção e organização dos livros adequados para os alunos da alfabetização.
- Relacione esses livros e vá conhecendo-os aos poucos.
- Faça um caderno-índice por sobrenome de autor com anotações acerca de suas leituras.

AUTOR -SOBRENOME/NOME
 TÍTULO
 ILUSTRADOR
 EDITORA
 TEMA CENTRAL
 ATIVIDADES INTERESSANTES
 COMENTÁRIOS E ANOTAÇÕES



Conhecendo esses autores podemos concluir que a literatura infantil tem determinadas características. Tanto na prosa como na poesia, os recursos trazidos pelo modernismo são incorporados de forma muito produtiva: a valorização da linguagem coloquial, informal, sem policiamentos e restrições; o desprezo pela formalidade ou grandiloquência; a exploração de recursos estilísticos e lingüísticos de efeito estético surpreendente; a incorporação de recursos narrativos que quebram a linearidade do começo>meio>fim; a metalinguagem, ou seja, a literatura que fala do processo de escrever; a intertextualidade - quando o texto cita, de forma implícita ou explícita, outros textos do acervo cultural da humanidade; e a renovação de recursos tradicionais como a narrativa em cartas, o conto de fadas, o cordel, o diário...

Vejamos dois exemplos de textos que apresentam algumas dessas características. O primeiro é retirado do premiado livro *Tio Herói*, de Mário Goulart (Editora Dimensão, 1999). O segundo é uma adaptação de Pedro Bandeira.

TEXTO 1

A CIGARRA E A FORMIGA

Nos dias quentes e ensolarados a Cigarra não parava de cantar. Como tinha uma voz bonita, fazia o maior sucesso entre a bicharada. Até o Leão, imaginem, babava a juba e ficava lá mexendo o rabo.

Mas quem mais gostava era a Formiga, que era líder de uma turma de trabalhadoras. Muito prática, ela aproveitava o clima para produzir mais do que o normal. Andava de um lado para outro, feliz da vida, com um troço a tiracolo.

Mas veio o inverno e os bichos todos se enfiaram nas tocas que, muito prudentes, tinham construído no verão. Só a Cigarra não tinha feito a sua. Então, molhada, gripada e sem público, nem conseguia mais cantar.

Aí teve a idéia de procurar a Formiga.

- Toc! Toc! - bateu na casa dela.

- Quem é? - indagou a Formiga, estranhando visita num tempo daqueles.

- É a Cigarra. Vim pedir abrigo, pois me encontro na rua, e esse temporal...

A Formiga abriu a janelinha com a cara muito espantada:

- E o que você fez no tempo seco, que não providenciou a sua casa?

- Mas você não lembra? Eu cantava.

- Ah cantava, é? Pois dance agora, vagabunda! e pam, a Formiga bateu a janelinha.

A Cigarra arregalou os olhos. Por um momento nem pôde falar nada. Mas chovia muito e...

- Não faça isso! Você trabalhou animada por minhas canções. Algumas de sua turma não faltavam ao trabalho só para me ouvir cantar. Muito do que você estocou, por lei, até deveria ser meu como comissão.

- E essa lei, queridinha - zombou a Formiga, do outro lado da porta — está escrita onde?

A Cigarra sempre fora fraca em debates (seu negócio era cantar), mas tentou:

- Você ainda pode precisar de mim, ouviu?

- Não preciso mais. Espere aí.

A Formiga foi até o fundo da toca e voltou trazendo aquele troço que no tempo bom não largava para nada.

- Ouça - disse, abrindo a janela e ligando o gravador.

Era a voz da Cigarra, numa canção lindíssima. Surpreendida, revoltada, ela se lembrou de repente:

- A lei dos direitos autorais!

- E essa lei, queridinha... - ia perguntar a Formiga.

- Pode deixar.

A Cigarra deu um suspiro e se foi.

Morreu no fim daquele mesmo dia. E ainda teve a carcaça carregada pela Formiga e sua turma no primeiro dia de sol que pintou.

TEXTO 2

CONTRAFÁBULA DA CIGARRA E DA FORMIGA

Adaptação feita por Pedro Bandeira do texto do escritor português Antônio A. Batista

A formiga passava a vida naquela formigação, aumentando o rendimento da sua capita e dizendo que estava contribuindo para o crescimento do Produto Nacional Bruto. Na trabalhadeira do investimento, sempre consultando as cotações da Bolsa, vendendo na alta e comprando na baixa, sempre atenta aos rateios e às subscrições. Fechava contratos em Londres já com um pé no Boeing para Frankfurt ou Genebra, para verificar os dividendos de suas contas numeradas.

Mas vivia também roendo-se por dentro ao ver a cigarra, com quem estudara no ginásio, metida em shows e boates, sempre acompanhada de clientes libidinosos do Mercado Comum.

E vivia a formiga a dizer por dentro:

Ah, ah! No inverno, você há de aparecer por aqui a mendigar o que não poupou no verão! E vai cair dura com a resposta que tenho preparada para você!

Ruminando sua terrível vingança, voltava a formiga a tesourar e entesourar investimentos e lucros, incutindo nos filhos hábitos de poupança, consultando advogados e tomando vasodilatadores.

Um dia, quando voltava de um almoço no La Tambouille com os japoneses da informática, encontrou a cigarra no shopping Iguatemi, cantarolando como de costume.

Lá vem ela dar a sua facada, pensou a formiga. “Ah, ah, chegou a minha vez!”

Mas a cigarra aproximou-se só querendo saber como estava ela e como estavam todos no formigueiro.

A formiga, remordida, preparando o terreno para sua vingança, comentou:

- A senhora andou cantando na tevê todo este verão, não foi dona Cigarra?

- É claro! disse a cigarra. Tenho um programa semanal.

- Agora no inverno é que vai ser mau, continuou a formiga com toda maldade na voz. A senhora não depositou nada no banco, não é?

- Não faz mal. Os meus discos não saem das paradas. E acabei de fechar um contrato com o Olympia de Paris por duzentos mil dólares...

- O quê?! exclamou a formiga. A senhora vai ganhar duzentos mil dólares no inverno? Não. Isso é só em Paris. Depois, tem a excursão a Nova York, depois Londres, depois Amsterdam...

Aí a formiga pensou no seu trabalho, nas suas azias, na sua vida terrivelmente cansativa e nas suas ameaças de enfarte, enquanto aquela inútil da cigarra ganhava tanto cantando e se divertindo! E perguntou:

Quando a senhora embarca para Paris?

Na semana que vem...

E pode me fazer um favor? Quando chegar a Paris, procure lá um tal La Fontaine. E diga-lhe que eu quero que ele vá para o raio que o parta!



Atividade de estudo-7

Na leitura desses dois textos podemos perceber o fenômeno da **intertextualidade** sobre o qual nos referimos anteriormente.

Em que consiste a intertextualidade nesses textos?

Caracterize a linguagem conforme o que foi dito a respeito dos recursos vindos do modernismo. Encontre exemplos.

Nos textos poéticos, o caráter lúdico da linguagem é intensificado e há o resgate de brincadeiras infantis, parlendas, trava línguas, cantigas populares...Veja o exemplo retirado do livro *Palavra de Poeta*, da coleção distribuída pelo MEC, Literatura em minha casa, Editora Ática, 2001:

CADÊ?

Nossa! que escuro!
 Cadê a luz?
 Dedo apagou.
 Cadê o dedo?
 Entrou no nariz.
 Cadê o nariz?
 Dando um espirro.
 Cadê o espirro?
 Ficou no lenço.
 Cadê o lenço?
 Dentro do bolso.
 Cadê o bolso?



José Paulo Paes

Foi com a calça.
 Cadê a calça?
 No guarda-roupa.
 Cadê o guarda-roupa?
 Fechado à chave.
 Cadê a chave?
 Homem levou.
 Cadê o homem?
 Está dormindo
 de luz apagada.
 Nossa! que escuro!

Observe que se trata de uma brincadeira com uma parlenda tradicional que começa assim *Cadê o toucinho que estava aqui...*

Nos textos infantis modernos há também uma articulação cada vez mais intensa com outras formas de manifestação estética como o teatro, o cinema, os quadrinhos, as artes plásticas.

Avançando na Prática 2

Você pode aproveitar os livros da coleção *Literatura em Minha Casa*, que apresentam peças infantis para que as crianças decorem, ensaiem e apresentem para os colegas da escola nas festas comemorativas.

Alguns dos títulos de teatro disponíveis são:

Pluft, o fantasminha, Maria Clara Machado, Companhia das Letrinhas.

Eu chovo, tu choves, ele chove... Sylvia Orthof, Editora Objetiva.

Hoje tem espetáculo: No país dos prequetés. Ana Maria Machado, Editora Nova Fronteira.

O fantástico mistério de Feiurinha. Pedro Bandeira, Editora FTD.

- Procure ampliar este acervo de textos próprios para dramatização.

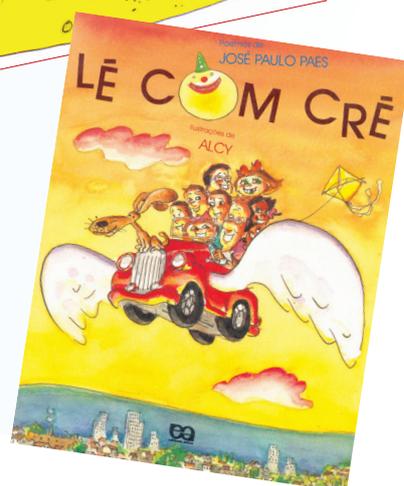
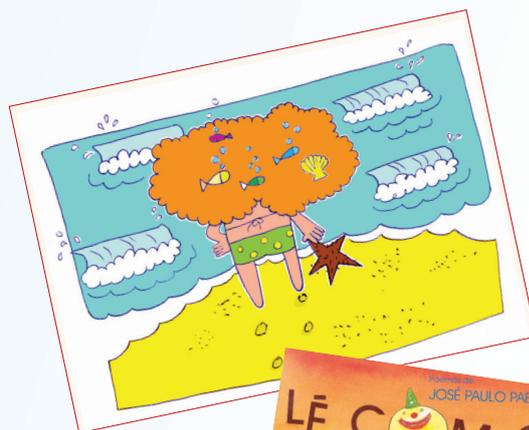
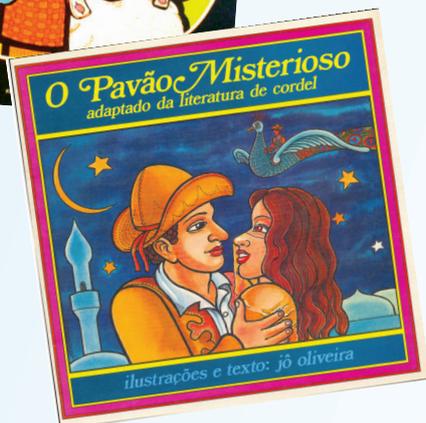
• Você não gostaria de formar um grupo de teatro para crianças com seus colegas professores? Vocês poderiam se apresentar tanto para a escola como para a comunidade. As crianças adorariam. Coragem! Coloque seu talento em circulação!!! Muitas escolas formam um grupo de teatro infantil com os professores. Além de muito prazeroso para quem participa como ator, atriz, iluminador, sonoplasta, cenógrafo ou diretor, é uma alegria para as crianças que assistem.

Vamos refletir um pouco a respeito da **ilustração** de livros infantis, que é uma das vertentes mais ricas da produção cultural para crianças. Nossos ilustradores são verdadeiros artistas plásticos e estão entre os melhores do mundo. Por isso, o contato com o livro infantil é também uma experiência de leitura de outras linguagens: pintura, desenho, gravura, colagem, modelagem, bordados, dobraduras...

indo à sala de Aula 3

Para que seus alunos desenvolvam habilidades de apreciação das artes plásticas, escolha dois ilustradores de estilo bem diferente. Leve o livro ou cópia das ilustrações em xerox colorido.

Mostre as duas ilustrações para as crianças. Dê informações a respeito dos ilustradores. Peça que as crianças indiquem as diferenças de estilo entre os dois escolhidos. Vá fazendo um mural com as cópias já estudadas e com o título: Ilustradores que já conhecemos.

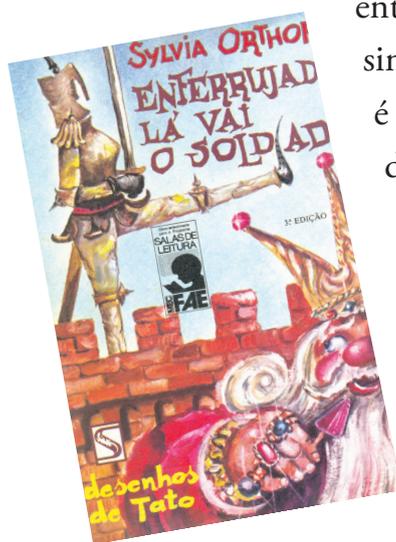


Leve as crianças a observarem:

cores	Preto e branco ou fortes, berrantes, contrastantes ou fracas, esmaecidas, suaves, delicadas.
traço de contorno dos desenhos	Firme, contínuo, preto, fraco, descontínuo, indefinido, fino.
figuras humanas e animais	Simplificadas, elaboradas, realistas, deformadas, desproporcionais, detalhadas, com características especiais...
textura da cor	Pontilhada, contínua, manchada, pinceladas visíveis...
composição	Figurativa ou abstrata, ocupa todo o espaço da página, mistura-se no texto, fundo branco, destacada do texto, em quadros pequenos.
sensações que sugere	Paz, alegria, tristeza, medo, movimento, agitação, tensão, humor, sonho...

Em relação às escolhas temáticas, há uma acentuada renovação dos assuntos tradicionais: aventuras; lendas; mitos indígenas; histórias populares; mistério; suspense; ficção científica; contos de fadas; temas históricos; ambientação rural. Mas toda essa reelaboração traz um tom de mudança radical de ponto de vista, uma tentativa de ver os fenômenos por outros ângulos, de relativizar posições e atitudes há muito tempo cristalizadas na vida social, nas crenças e nas narrativas. Surgem

então: a bruxa que não é má; a fada que não é feminina, mas sim feminista; as bruxarias que não dão certo; o príncipe que é feio; os animais que não querem repetir os mesmos papéis de séculos atrás.



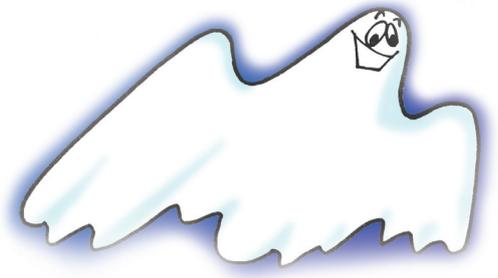
Numa outra linha de preocupações há uma produção voltada para temas contemporâneos, da realidade socio-cultural: ecologia; reforma agrária; separação dos pais; amadurecimento; namoro; sexo; drogas; morte; minorias (índios e negros); papéis sociais; diferenças; problemas psicológicos.

Você pode imaginar que diante dessa produção diversificada e numerosa surgem alguns problemas: a quantidade pode dificultar a seleção com qualidade e os critérios de escolha ficam cada vez mais difíceis para pais e professores.

Assim, surge a necessidade de uma vertente de estudos sobre a literatura infantil. Você pode ter acesso a vários livros que apresentam reflexões teóricas e sugestões práticas para o trabalho em classe.



Atividade de estudo-8



Como Você escolhe histórias para contar para seus alunos?

Como Você escolhe livros de literatura para que seus alunos comecem a ler individualmente? Quais são seus critérios de seleção?

Os especialistas que estudam a literatura infantil, como Ligia Cademartori (*O que é literatura infantil* – Editora Brasiliense, coleção Primeiros Passos), estabelecem como critérios de análise e seleção os seguintes aspectos:

- ✓ predominância da elaboração estética que constitui a arte literária;
- ✓ linguagem adequada ao domínio cognitivo do leitor;
- ✓ temas apreensíveis pela criança;
- ✓ enredo que possibilite a antecipação de possibilidades existenciais ainda não experimentadas;
- ✓ personagem constituído de modo a possibilitar o processo de adesão do leitor infantil, pela identificação;
- ✓ personagem capaz de transformar as circunstâncias e superar as dificuldades que constituem as provas pelas quais deve passar ao longo do enredo;

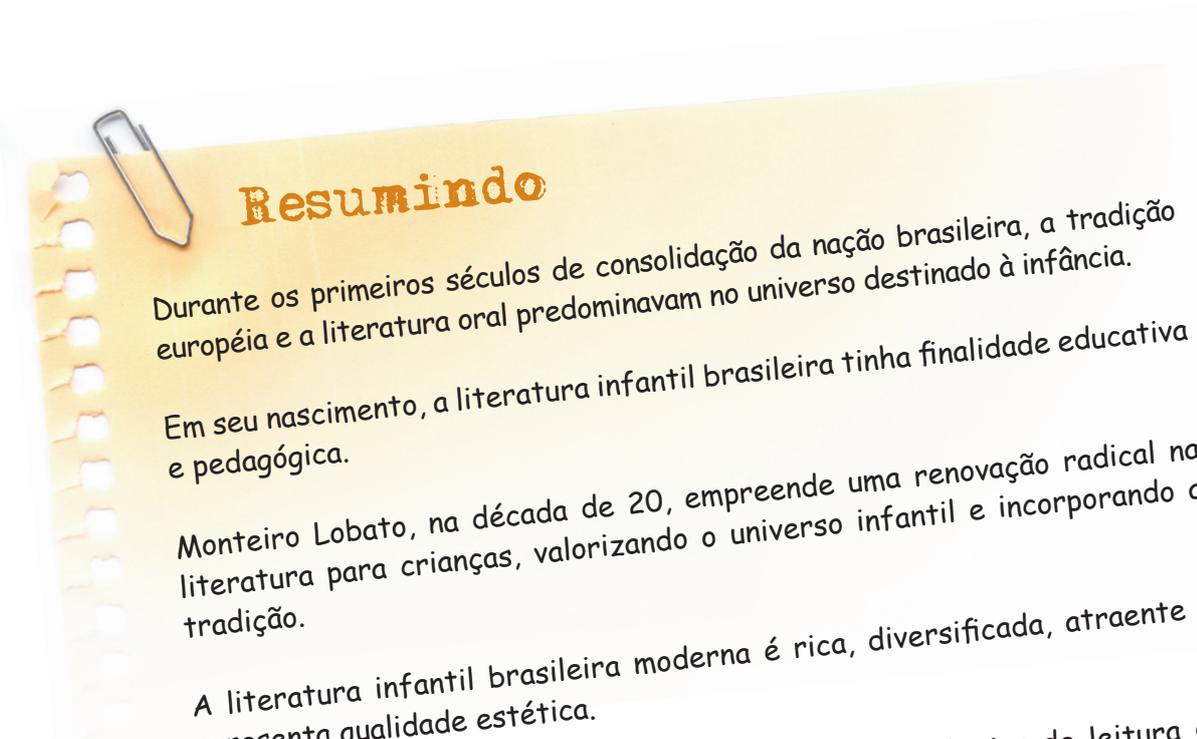
- ✓ composição narrativa ou poemática adequada à competência textual do leitor das primeiras séries, de modo que ele possa identificar o universo onde se inscrevem as personagens e sua ação;
- ✓ ilustrações que configurem uma linguagem visual de expressividade estética não apenas redundante ao texto, mas rica em elementos interpretativos.

São considerados não-recomendáveis os livros que apresentam uma ou mais das seguintes características:

- ✓ linguagem automatizada ou banal, sem expressividade estética;
- ✓ linguagem em desacordo com a competência lingüística do aluno;
- ✓ falhas de composição por falta de coesão entre os elementos da narrativa;
- ✓ condução insatisfatória do enredo ou da constituição das personagens, de modo a comprometer a adesão ou a reação do leitor;
- ✓ construção narrativa aquém ou além da competência textual do aluno, de modo a impedir suas reações de leitor;
- ✓ textos muito previsíveis, cuja estrutura nada acrescenta ao repertório do leitor;
- ✓ predomínio da intenção pedagógica que procura transmitir ao leitor informações convencionais ou práticas, sem configurar o discurso literário;
- ✓ projeto gráfico inadequado ou mal realizado.

Você não deve restringir suas leituras pessoais aos textos que vai utilizar com seus alunos. Amplie suas experiências de leitura, reservando um tempo para aqueles textos literários que atraem sua atenção: amor, aventura, humor, suspense, drama, história, poesia, biografias...

Crie, pouco a pouco, uma pequena biblioteca em casa e se esforce para ler sempre. Um professor que gosta de ler, como já vimos, transmite essa paixão para seus alunos naturalmente.



Resumindo

Durante os primeiros séculos de consolidação da nação brasileira, a tradição européia e a literatura oral predominavam no universo destinado à infância.

Em seu nascimento, a literatura infantil brasileira tinha finalidade educativa e pedagógica.

Monteiro Lobato, na década de 20, empreende uma renovação radical na literatura para crianças, valorizando o universo infantil e incorporando a tradição.

A literatura infantil brasileira moderna é rica, diversificada, atraente e apresenta qualidade estética.

As ilustrações dos nossos artistas oferecem experiências de leitura da imagem.

A "Hora do Conto" deve ser uma atividade diária em que predomina o encantamento, a magia, o lúdico, o prazer estético.

Todos podem se transformar em ótimos contadores de histórias.

Há muitos estudos teóricos e práticos sobre a literatura infantil brasileira e universal.

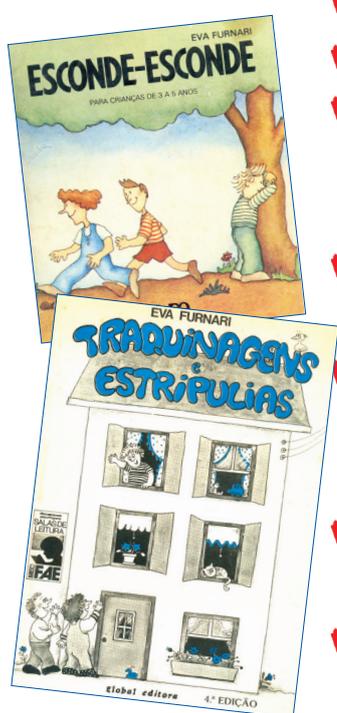
É necessário utilizar critérios especializados na seleção de textos para as crianças.

SEÇÃO 3

As atividades com a literatura infantil

Objetivo: Analisar procedimentos pedagógicos que levam à formação de leitores.

Já vimos que há questões preliminares e imprescindíveis para assegurar um efetivo trabalho com a leitura:



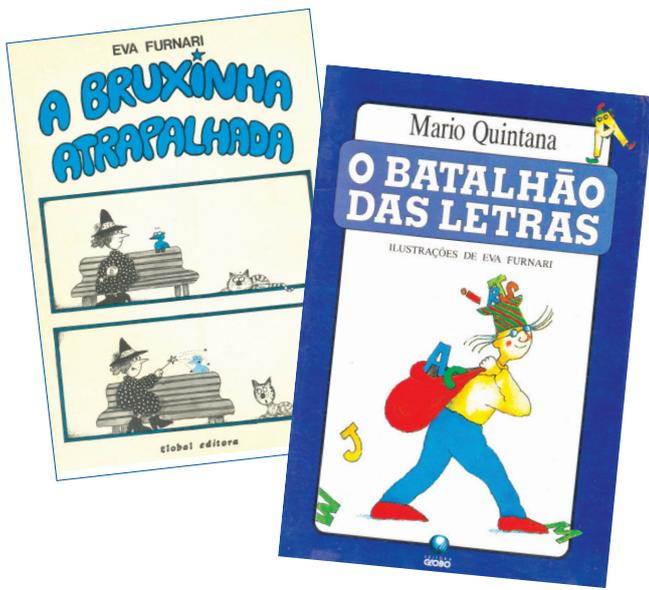
- ✓ convívio contínuo com histórias, livros e leitores;
- ✓ valorização social da leitura pelo grupo social;
- ✓ disponibilidade de acervo de qualidade e adequado aos interesses, horizontes de desejo e aos diferentes estágios de leitura dos leitores;
- ✓ tempo para ler, sem interrupções; espaço físico agradável e estimulante;
- ✓ ambiente de segurança psicológica e de tolerância dos educadores em relação ao percurso individual de superação de dificuldades;
- ✓ oportunidades para expressar, registrar e compartilhar interpretações e emoções vividas nas experiências de leitura;
- ✓ acesso à orientação qualificada sobre por que ler, o que ler, como ler e quando ler.

Como Você viu, em primeiro lugar é necessário constituir um **acervo** de livros e de textos adequados para que as crianças possam conviver com livros e histórias. Você e os professores de sua escola, em conjunto, podem começar pesquisando tudo de que a escola já dispõe (muitos dos livros sugeridos aqui foram distribuídos pelos programas de leitura do MEC). Podem então organizar uma coleção de textos para circular na escola, ficar na Biblioteca (se houver) ou na sala de aula (cantinho de leitura, varal de livros, caixa estante, mala de livros). Você já começou esse levantamento que foi sugerido na Seção 2? Campanhas periódicas podem contribuir para assegurar gradativamente um acervo básico.

Muitos professores montam uma “mala de livros” adequados aos seus alunos e deixam que esses livros circulem entre as crianças durante todo o ano. Se Você tem

40 alunos, basta que tenha 40 títulos diferentes e as crianças terão oportunidade de ler esses livros em um ano. Se conseguirmos que nossos alunos tenham acesso a livros, estaremos proporcionando oportunidade efetiva de formação de leitores. Um caderno simples pode servir para o controle da circulação desses livros. Há ainda os livros da Biblioteca em minha casa (MEC), que podem ser trocados entre os próprios alunos. Além da qualidade dos textos, a formação de leitores depende de certa quantidade de leitura.

Vejamos o depoimento de Rubem Alves



Foi D. Iva – não sei se ela ainda vive – quem me ensinou que ler pode ser delicioso como voar ou como patinar. Ela lia para nós. Não era para aprender nada. Não havia provas sobre os livros lidos. Ela lia para que tivéssemos o prazer dos livros. Era pura alegria. Poliana, Heidi, Viagem ao céu, O saci. Ninguém faltava, ninguém piscava. A voz de D. Iva nos introduzia num mundo encantado. O tempo passava rápido demais. Era com tristeza que víamos a professora fechar o livro.”

Rubem Alves

É imprescindível que as crianças tenham **contato com o livro**, e não apenas com textos copiados. O objeto livro é em si mesmo atrativo, fascinante e provoca um prazer especial, exercendo um efeito especial sobre a curiosidade das crianças.

Nesse contato, a criança vai aprendendo a lidar cuidadosamente com o livro, já que é um objeto de uso coletivo e deve ser duradouro. Você pode insistir nesses **cuidados** e estabelecer, em conjunto com as crianças, certas normas, como: manter as mãos limpas; buscar a delicadeza ao passar as páginas; evitar o risco de sujá-lo acidentalmente (merenda, água, café, tinta, animais, crianças muito pequenas...), guardar em lugar adequado, não dobrar as páginas, não escrever no livro...



Muitas **iniciativas interdisciplinares** desenvolvidas na escola colaboram para as atividades com livros, principalmente quando há uma profunda discussão do projeto pedagógico da instituição, para que o espaço da leitura seja privilegiado e valorizado em

todas as disciplinas. Atividades que envolvem a comunidade e valorizam a literatura – recitais, representações teatrais, leituras, concursos... – também fortalecem a idéia da importância da leitura de textos literários na vida da criança.

Você deve considerar que a leitura de textos lúdicos e literários é parte do programa de ensino e não uma mera forma de passatempo. Nesse sentido, é importante planejar momentos de leitura livre como parte integrante e importante das atividades escolares. É preciso considerar também que muitas crianças não têm tempo ou condições para ler em casa, pois colaboram com as tarefas da família. **O tempo** reservado à leitura durante o período escolar assegura que as crianças vão **valorizar a leitura literária**, pois Você a está valorizando.

Assegurar um **ambiente tranquilo** para a leitura é muito importante. Além de jogos e música que antecedem a atividade e estimulam a concentração e a atenção das crianças, talvez seja possível proporcionar um espaço físico mais adequado: esteiras, almofadas, tapetes, redes, cadeiras mais confortáveis. Muitas vezes a leitura em ambiente aberto, à sombra de uma árvore, ou em uma varanda pode ser muito mais prazerosa que na carteira da sala de aula. Você já deve ter pensado em outros espaços da escola que podem ser utilizados como lugares de leitura.

Quando passamos por uma boa experiência emocional ou intelectual, temos vontade de partilhar com as outras pessoas, não é? Assim acontece com a experiência

estética: quando assistimos a um bom filme, ouvimos uma boa música ou lemos um bom livro, queremos contar para os amigos e dividir com eles nossas impressões. As crianças gostam de falar sobre os desafios vencidos e sobre os livros lidos. Portanto, é importante reservar um tempo para a **troca de experiências** sobre a leitura. Nesses momentos, as crianças devem falar livremente, **sem cobranças ou ameaças**. Garantir a segurança emocional tanto no momento da leitura como do

comentário é importante para que a criança não sinta que está correndo riscos de ser advertida, humilhada ou ridicularizada quando participa das conversas e debates na classe. Os comentários que fazem podem despertar em outros colegas o desejo de ler aquele livro. Algumas vezes é preciso fazer uma lista de espera na circulação dos livros.



A sua orientação como professor deve ser limitada no momento de leitura livre. Interfira apenas quando for solicitado. No momento da escolha e da sugestão de livros, Você pode investigar o interesse da criança e ajudá-la a encontrar o livro que mais lhe agrada. Durante a leitura, Você pode estar disponível para ajudar a superar dificuldades com palavras desconhecidas ou informações necessárias para a compreensão. Após a leitura, no momento de discussão, seu papel é de coordenador, levantando questões e propondo reflexões, sem caráter de cobrança.

Temos visto, no decorrer das unidades anteriores, diversas atividades que envolvem a leitura, com diferentes objetivos. É importante que Você tenha em mente esse leque de possibilidades bem claro para que possa planejar de forma variada e interessante.

Avançando na Prática 3

As atividades com os livros envolvem iniciativas de várias naturezas. Vamos enumerar algumas:

- a) jogral;
- b) declamação;
- c) exposição de versos ilustrados;
- d) festivais;
- e) concursos literários;
- f) elaboração de livros;
- g) feira de livros;
- h) pesquisa sobre escritores;
- i) conversa com escritores;
- j) vídeos sobre escritores;
- k) leitura pelo professor;
- l) leitura ou manuseio pelo aluno livremente;
- m) leitura ou manuseio pelo aluno individualmente, com orientação prévia;
- n) leitura em grupo, com orientação prévia;
- o) leitura coletiva de um mesmo texto para estudo;
- p) leitura em voz alta de um aluno para a classe;
- q) empréstimo domiciliar.



Continue essa lista de situações de leitura de textos literários.

Como já vimos anteriormente, mesmo que as crianças ainda não saibam ler fluentemente, quando Você conta histórias, lendo o texto escrito em voz alta, os alunos têm oportunidade de desenvolver diversas noções a respeito da língua escrita que vão contribuir para o desenvolvimento do processo de alfabetização e letramento.



Atividade de estudo-9

Vamos lembrar o que a criança aprende sobre a escrita quando Você lê histórias.

Além da leitura com o livro nas mãos, as histórias podem ser contadas de forma espontânea, memorizadas, dramatizadas, com fantoches, *slides*, filmes... Os livros sem texto são especialmente apreciados pelas crianças. Como já vimos em outras unidades, eles servem a atividades de ordenação da narrativa e de criação de histórias orais ou escritas.



Vindo à sala de Aula 4

Para que seus alunos tenham oportunidade de trabalhar com a narrativa, escolha um dos livros de imagens (sem texto) da lista abaixo, ou procure outros nos catálogos das editoras.

Ângela Lago - *Cena de Rua*. Ed. RHJ

Graça Lima - *Noite de cão*, Editora Paulinas

Marina Massarani - *Victor e o jacaré*, Ed. Studio Nobel

Eva Furnari - *A bruxinha atrapalhada*, Global ed.; *A bruxinha e seu admirador Gregório*, Ed. Ática; *Todo dia*, Ed. Ática; *Cabra-cega*, Editora Ática; *De vez em quando*, Ed. Ática; *Esconde-esconde*, Ed. Ática; *Filó e Marieta* - Ed. Paulinas; *Amendoim*, Ed. Paulinas; *Zuza e Arquimedes*, Ed. Paulinas

Juarez Machado - *Ida e Volta* – Ed. Agir; *Limite*, Ed. Agir

Istvan Banvai - *Zoom*, Ed. Brinque Book

Regina Coeli Renó - *Gato de papel*, Ed. Lê; *História de Amor*, Ed. Lê

Roger Melo - *O gato Viriato*, Ed. Ediouro; *Viriato e o Leão*, Ed. Ediouro

Duayer - *Minha Casa*, Ed. Callis

Na conversa introdutória, fale a respeito do ilustrador. Explique que a história é contada sem palavras, mas o enredo pode ser compreendido por meio das figuras.

Chame um voluntário para “ler” as imagens e narrar a história em voz alta para os colegas. Peça que ele comente os detalhes da ilustração conforme nosso roteiro do Indo à Sala de Aula 3. Cuidado para não realizar esse tipo de atividade sempre com o mesmo “voluntário”. Dê oportunidade a todos.

Depois da atividade deixe que os outros alunos manuseiem individualmente o livro.

Se Você puder, amplie as ilustrações em fotocópia colorida e trabalhe com pequenos cartazes. Procure outros livros sem texto, disponíveis em sua escola para repetir muitas vezes essa atividade.

É importante variar as estratégias para provocar sempre um interesse renovado, pois **todos os dias Você deve trabalhar com a literatura.**

O trabalho com versos, como temos visto, também é muito importante, pois, de forma lúdica e prazerosa, promove uma percepção mais intensa dos sons da língua. Ao memorizar versos, trovas, quadrinhas, trava-línguas, poemas e cantigas, a criança pode realizar atividades de identificação no texto escrito daquelas palavras conhecidas oralmente. Temos poetas magníficos na literatura para crianças: Mário Quintana, Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, José Paulo Paes, Elza Beatriz, Tatiana Belinky, Henriqueta Lisboa, Sérgio Caparelli, Elias José, Roseana Murray, Léo Cunha, Sidônio Muralha, Wilson Pereira, entre outros.



Lembrete

Todas essas atividades com livros literários devem ser precedidas de conversas motivadoras e introdutórias, em que Você apresenta o autor, o ilustrador, a editora, o gênero; e fala sobre o processo de criação (comparando-o com a redação escolar), sobre o processo industrial de impressão e a respeito da distribuição e venda dos livros.

A construção da leitura independente exige oportunidades em que a criança lê sozinha. Textos atrativos, curtos, simples, com vocabulário familiar ao universo da criança, com ilustrações atraentes, facilitam a inserção do novo leitor ao mundo da leitura.

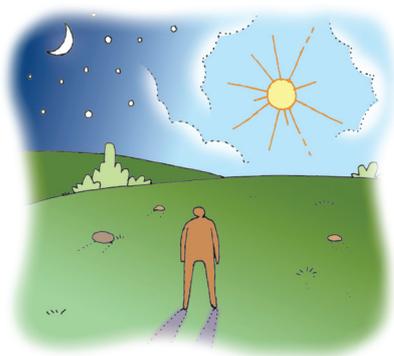
Há muitos textos em prosa e em verso criados especialmente para que os alunos em processo de alfabetização tentem ler individualmente. Coleções exemplares para esse fim são: *Mico Maneco*, de Ana Maria Machado (Editora Salamandra), *Gato e Rato*, de Mary e

Eliardo França (Ed. Ática), Coleção *Zebra* (vários autores – Ed. Martins Fontes), coleção do *Sapo*, de Max Velthuijs (Ed. Martins Fontes), coleção *Os pingos*, de Mary e Eliardo França. (Ed. Ática).

A criança deve ter a liberdade de se arriscar a ler textos maiores de acordo com o seu nível de competência em leitura. A alegria de ler um livro do começo ao fim é indescritível. Todos nós nos lembramos dessa experiência, quando ela foi cercada de segurança emocional, de estímulo, de apoio...

Você se lembra da primeira vez que conseguiu ler um livro todo?

Além de atividades orais a partir das leituras, a produção de textos, articulada à experiência com histórias e poemas, é uma das oportunidades mais enriquecedoras do processo de alfabetização. De acordo com o nível de desenvolvimento da criança, o professor pode sugerir:



- ✓ a escrita de palavras relacionadas à história;
- ✓ lista de personagens;
- ✓ descrição do lugar onde passa a história;
- ✓ frases opinativas com a apreciação da história;
- ✓ frases que resumem o tema da história;
- ✓ frases de propaganda da leitura do livro;
- ✓ carta/bilhete ao escritor;
- ✓ pequenos textos que, depois de comentados e reformulados, podem fazer parte de livros artesanais, de painéis, de jornal mural, de jornal impresso.

As crianças podem ir compondo um acervo de impressões a respeito das histórias que são registradas em um caderno de críticas. Cada página a respeito de um livro da biblioteca da classe. Você pode ler em voz alta para os alunos ou deixar o caderno de críticas à disposição para quem quiser ler as impressões dos colegas sobre os livros.

O importante é que o trabalho com a leitura de textos literários seja prazeroso e contínuo. Assim, a leitura passa efetivamente a fazer parte da vida da criança, o que é uma fonte inesgotável de alegria e felicidade.



Resumindo

O convívio com os livros e com leitores é essencial para formar o gosto pela leitura.

A escola e os professores devem se empenhar na formação de um acervo de livros.

A leitura de textos literários faz parte das atividades essenciais da escola.

O trabalho com a literatura deve ser diário.

A formação de leitores pressupõe: acervo disponível, valorização da leitura, tempo, ambiente agradável, segurança emocional, oportunidade de expressão do pensamento, orientação adequada e apoio.

As atividades com livros devem ser realizadas com liberdade de escolha e segurança emocional, sem ameaças.



Leitura sugerida

Sugerimos que Você leia todos os livros da coleção **Biblioteca em minha casa**, distribuídos pelo MEC. Além dos textos literários, preste atenção nos prefácios, nas introduções, nas informações sobre os autores. Em pouco tempo Você terá uma ampla visão da produção cultural para as crianças e um panorama da literatura brasileira.



Texto Complementar

LITERATURA NOS PRIMEIROS ANOS

A questão da literatura infantil tornou-se inseparável da questão da educação. Conseqüentemente, vincula-se com a questão escolar, embora o livro infantil seja literário na medida em que supere todo o interesse dessa e de outras instituições.

No entanto, se a literatura tem um papel no desenvolvimento lingüístico e intelectual do homem e, desse modo, articula-se com interesses que a escola propala como seus, cabe a tentativa de explicitar qual poderia ser a relação da literatura com a criança a partir do início da escolaridade.

A escola chama a si a responsabilidade de ensinar a língua escrita, caracterizando desse modo a natureza formal desse ensino, ao contrário do que ocorre com a apreensão e desenvolvimento da língua oral. O desempenho da escola a esse respeito, devido ao caráter formal de seu exercício, tem-se inclinado para a postura mecanicista que considera a eficácia do ensino da língua pelo maior ou menor domínio das regras gramaticais. Como a escola só trabalha com a sistematização, preocupa-se com um desenvolvimento verbal a ser apreciado através da escrita do aluno, sem levar em conta os fatores que determinam ou estimulam essa expressividade verbal que a instituição escolar persegue.

Há uma variação individual considerável no que diz respeito à expressão verbal. Se há falantes muito cômicos das estruturas da língua, capazes de explorar suas potencialidades e recursos expressivos, há também aqueles que não parecem ter consciência mais que de algumas palavras e de seu valor imediato de troca. Se o uso rotineiro da língua dá coerência e estabilidade à expressão verbal, confirmando as estruturas lingüísticas do falante e de seu grupo, por outro lado, o desenvolvimento verbal requer uma superação das fórmulas lingüísticas ordinárias para a descoberta de si e do mundo que se dá além da nomeação convencional. A maior ou menor possibilidade de um homem dizer o mundo e se dizer está ligada ao maior ou menor desenvolvimento de sua expressão verbal. (...)

A leitura de textos poéticos à criança em fase de alfabetização, não só aproxima ao livro como fonte de conhecimento e prazer, como exerce papel importante na formação da expressão verbal. O texto criativo tem como característica fundamental a surpresa causada pelas relações que estabelece ao nível da composição e do sentido. Essa surpresa apresenta novas conexões para a consciência, abrindo novas possibilidades de expressão e aproximando objetos cujos vínculos eram insuspeitados. A produção da surpresa criativa demanda um grande domínio do meio; sua recepção, por outro lado, garante o deslocamento da atenção, que se volta para a utilidade do fim em direção aos recursos expressivos que o suportam.

Se esses fatores dimensionam o lugar da poesia nessa fase do desenvolvimento lingüístico, outros marcarão a importância da história infantil. Na primeira infância, há uma estreita ligação entre percepção e afeto, sendo a percepção o primeiro momento de uma reação, ou seja, a percepção é, nos primeiros anos, um estímulo para a atividade. Pela percepção a criança conhece o mundo exterior e, não sendo a percepção separada da atividade afetiva e motora, sua consciência é estruturada de tal modo que não consegue superar as restrições da situação em que se encontra.

Em contato com a história, a criança percebe uma coisa, mas não age de acordo com essa percepção. A narrativa de que há um perigo iminente ameaçando as perso-

nagens não faz com que a criança se esconda. Essa independência entre o que é percebido e a ação é fruto de um longo processo de desenvolvimento. As ações narradas referem-se a uma situação que não é vista e que só é concebida no imaginário. Desse modo, ela vivencia, por um lado, uma distância entre a percepção dos objetos e a situação imediatamente dada e, por outro lado, percebe o significado destes, distância mediada pela linguagem.

O início de abstração que se dá quando é criada a situação imaginária no brinquedo tem continuidade na experiência com histórias infantis, situações ficcionais que dão prosseguimento a essa experiência não fortuita na vida da criança que é a simulação, primeira tentativa de emancipar-se das imposições do meio. Através da história, a dimensão simbólica da linguagem é experimentada, assim como sua conjunção com o imaginário e com o real.

O acompanhamento de ações imaginárias, relatadas mediante o simbolismo da linguagem, além do divertimento, permite uma reordenação afetiva e intelectual das vivências, respondendo às necessidades infantis. Isso não se restringe ao fato de a história provocar reações afetivas individuais, o espectro é mais amplo, a narrativa ficcional possibilita uma generalização das tendências afetivas através da simbolização: por exemplo, a criança vivencia uma determinada relação pai e filho, e essa é uma circunstância dela; na história, ela encontra a relação pai e filho representada com um caráter de exemplaridade, não moral, mas demonstrativa.

A poesia e a narrativa oferecem à criança em fase de alfabetização a oportunidade de experimentar a potencialidade lingüística, descobrindo novos efeitos de sentido e as diversas possibilidades de nomeação que mediará seu conhecimento do mundo. O livro e a leitura, nesse momento, serão apresentados à criança como o suporte e a ação do conhecimento que legitima o esforço empreendido para tornar-se alfabetizado.

O papel da literatura nos primeiros anos é fundamental para que se processe uma relação ativa entre falante e língua. Isso se deve a vários fatores, a começar pelo próprio sistema alfabético. Os alfabetos do mundo ocidental, derivados dos caracteres grego-romanos, caracterizam-se por separar, de um lado, o sonoro e o visual e, de outro, o significado e a expressividade. Tal característica esvazia de motivação o alfabeto. No entanto, foi graças a essa peculiaridade que esses caracteres se impuseram sobre outras formas de escrita próprias a outras culturas, pois suas letras se prestam à tradução dos sons de diferentes línguas a um único código visual.

(...)

A literatura infantil, assim como manifestações da cultura popular e agráfica, prestam-se a que, na alfabetização, a criança dê continuidade a experiências expressivas já adquiridas e lhe seja assegurada uma relação ativa com sua língua pelo conhecimento das potencialidades expressivas do código.

O lugar da literatura no primeiro ano de escolaridade pode ser dimensionado a partir de uma pergunta: para que alfabetizar? Se a alfabetização for entendida como a aquisição

de uma habilidade ou o domínio de um código específico, alfabetizar torna-se um ato que se esgota em si. Segundo esse ponto de vista, o primeiro ano escolar teria como objetivo um adestramento para associar informação intelectual e habilidade manual. Porém, se a alfabetização for vista como a preparação de um leitor, o problema se desloca da aquisição, ou não, de uma habilidade, para a preocupação com a formação do destinatário do processo: o sujeito falante.

Uma questão se impõe: o que é um leitor? A resposta está relacionada ao conceito de texto. Leitor e texto ligam-se na medida em que o texto é uma organização simbólica com uma função representativa que se cumpre no leitor, pois a leitura é a parte determinante de qualquer texto. Este, por natureza, apresenta vazios constitutivos que só encontram preenchimento através da inserção da faculdade imaginativa do leitor. Assim, a leitura é vista como atividade produtora de sentido, sem a qual, o texto não se efetiva. O processo é reversível: o leitor realiza o texto e este age sobre ele, modificando-o.

É estabelecida uma interação: o preenchimento dos vazios do texto é feito pelo leitor que supre os diferentes graus de indeterminação da escrita; por outro lado, a leitura será eficaz na medida em que o leitor, a partir dela, puder corrigir projeções antigas e superar experiências passadas, experimentando algo novo que, até então, não pertencia às suas expectativas. Tal conceito de leitor se apóia numa concepção de leitura como agente de mudança, móvel de reordenações de vivências e estimuladora do senso crítico. A preparação do aluno para o texto será dimensionada na proporção em que a educação, vista como agente de modificações no sujeito e, por extensão, na sociedade, for valorizada e desejada.

O contato inicial com a literatura não exige o domínio do código escrito. A experiência pré-escolar, geralmente, põe na bagagem infantil narrativas orais — clássicas e populares — versos, trava-línguas, adivinhas e tantas outras manifestações ricas em ludismo sonoro e semântico. Portanto, composições poéticas e ficção infantil, quando integradas ao programa da primeira série do primeiro grau, não se constituem em novidade mas, pelo contrário, dão continuidade a uma experiência lingüística já iniciada. A importância dessa experiência reside em que a relação estabelecida, através dela, entre falante e língua, dá primordialidade ao lúdico e ao afetivo. Trata-se, portanto, de uma experiência com a expressividade da língua.

A não-consideração, ou a consideração indevida dessa experiência anterior, nos primeiros anos escolares, provoca uma ruptura grave no desenvolvimento lingüístico, suprimindo a atividade da relação com a língua pela passividade de uma relação alienada do falante, descentrado na abrangência do fenômeno da linguagem e silenciado pelo desconhecimento das potencialidades da língua. O falante só se

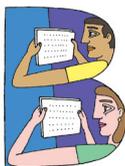
relaciona ativamente com sua língua através de uma interação afetiva e intelectual como sistema lingüístico, em que língua e falante deixam de ser estáticos, para redimensionarem-se pela ação recíproca.

Pesquisas já tornaram conhecida a importância existencial das narrativas clássicas para as crianças. A apresentação sintética, simbólica e essencial de conflitos que atingem as personagens nos contos de fadas permite aos ouvintes a elaboração, igualmente simbólica, dos seus. Desse modo, os contos, sejam clássicos ou populares, facultam não só a identificação como, também, possibilitam uma prospecção, ou seja, a reformulação das expectativas pela apresentação de novas perspectivas. Trata-se de discursos que encontram ampla receptividade por parte do público infantil — o que seria ingênuo considerar gratuito — e constituem-se em ponte entre as vivências lúdicas pré-escolares e as experiências que a escola pretende facultar.

Por outro lado, uma experiência com a função poética da linguagem provém das cantigas de ninar, das cantigas de roda e das parlendas (rimas ou ditos instrutivos do tipo Palminhas de Guiné, Dedo Mindinho, etc.), patrimônio cultural popular escassamente considerado na sistematização do ensino da língua. Se a dimensão existencial dessas composições é bem menor que a que se verifica nos Contos, a experiência lúdica com a língua confere-lhes uma importância considerável na medida em que, transbordando a referencialidade, constituem-se em preparação para a sensibilidade verbal que a poesia vai requerer, estando-lhe condicionada a fruição.

As adivinhas, por sua vez, constituem-se num jogo verbal com características peculiares. Frequentemente jogando com a polissemia lingüística, confrontam o sentido próprio e figurado da palavra. Perguntando “o que tem dente e não morde?” ou “o que cabe numa casa e é menor do que a mão?”, essas elaborações induzem à descoberta de sentidos na língua e no mundo além dos usuais.

A consideração dos aspectos afetivos e intelectuais da língua como interligados rejeita a homogeneidade de palavras e frases na alfabetização — “vovô vê a uva”, “esse é um urso” — que estimula, com o estatismo da língua, distante da realidade daquele que a estuda, a passividade do falante. A obra de Paulo Freire, voltada à alfabetização de adultos, opôs-se a essa pasteurização lingüística, enfatizando a importância da alfabetização na medida em que ela venha a contribuir para que o homem se descubra no lugar que efetivamente ocupa, constituindo-se, portanto, em meio de conhecimento de si e do grupo a que pertence.



ibliografia

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1987.

ZILBERMAN, Regina . **A literatura infantil na escola**. Porto Alegre, Global,1981.

_____. **Leitura em crise na escola: alternativas do professor**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

Site da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil : www.fnli.org.br



Respostas das atividades de estudo

Atividade de estudo 1

A carta familiar tem linguagem coloquial e subjetiva, assunto pessoal, estrutura que apresenta data, vocativo e fecho.

O verbete de dicionário é sintético, apresenta uma definição, a linguagem é impessoal, clara e concisa.

O verso da letra de Chico Buarque tem ritmo e rima, além de comparações poéticas.

Atividade de estudo 2

gramáticas, livros didáticos, dicionários

Atividade de estudo 3

A resposta é pessoal e depende de sua experiência de vida.

Atividade de estudo 4

olvido – esquecimento

tangíveis – alcançáveis, que se pode tocar.

O poema de Drummond exemplifica essa opção pela escrita de forma

especial: a disposição das frases no papel, a associação entre as idéias, a escolha das palavras, a exploração dos sons, a elaboração original e única para a expressão de uma interpretação sobre a existência humana.

No exemplo, você pode observar muitas das características da literatura que constituem meios para a elaboração especial da linguagem:

- Ritmo
- Repetição de sons
- Jogos de palavras
- Duplo sentido.
- Estrutura sintática predominantemente justaposta.

Atividade de estudo 5

PLURISSIGNIFICAÇÃO

Muitas e múltiplas significações.

POLISSEMIA: substantivo feminino

Rubrica: lexicologia, lingüística. Multiplicidade de sentidos de uma palavra ou locução (p.ex., prato: ‘vasilha’, ‘comida’, ‘iguaria’, ‘receptáculo de balança’, ‘instrumento musical’ etc.; pé-de-moleque: ‘doce’, ‘tipo de calçamento’).

A polissemia é um fenômeno comum nas línguas naturais; são raras as palavras que não a apresentam; difere da homonímia por ser a mesma palavra e não palavras com origens diferentes que convergiram foneticamente; as causas da polissemia são: 1) os usos figurados, por metáfora ou metonímia, por extensão de sentido, analogia etc.; 2) empréstimo de acepção que a palavra tem em outra língua.

CONOTAÇÃO

Rubrica: lingüística. Conjunto de alterações ou ampliações que uma palavra agrega ao seu sentido literal (denotativo), por associações lingüísticas de diversos tipos (estilísticas, fonéticas, semânticas), ou por identificação com algum dos atributos de coisas, pessoas, animais e outros seres da natureza (p.ex., porco, rato, pavão, cisne, garça etc.), ou do mundo social (ligação da palavra com profissões, grupos de idade, ideologias, crenças, classes sociais, países ou regiões geográficas etc.), ou com coisas, personagens ou pessoas que inspiram sentimentos de admiração, amor, ódio, temor, asco etc.

Atividade de estudo 6

Resposta de acordo com a experiência pessoal.

Atividade de estudo 7

A intertextualidade ocorre porque os dois textos estão fazendo alusão a uma fábula tradicional de La Fontaine, “A cigarra e a formiga”. Sobre o mesmo enredo, os autores reformulam os acontecimentos, inserindo questões contemporâneas.

Podemos perceber nos dois textos:

- valorização da linguagem coloquial, informal;
- o desprezo pela formalidade ou grandiloquência;
- a renovação de recursos tradicionais;
- a ironia;
- o humor;
- a atualidade.

Atividade de estudo 8

Resposta pessoal.

Nossa sugestão de critérios está no texto da Unidade, logo em seguida.

Atividade de estudo 9

O convívio com a modalidade escrita revela as diferenças entre o oral e o escrito. Tanto que, quando as crianças são chamadas a recontar uma história, muitas tentam falar de um modo mais aproximado às estruturas próprias da escrita. Revela também a diversidade de gêneros, pois a criança tem contato com diversos tipos de texto e vai internalizando suas diferentes estruturas: verso, rima, prosa, descrição, narração, diálogos, discurso indireto, exposição de idéias...E conceitos como livro, literatura, autor, ilustrador, edição, editora, capa, contracapa, coleção...tão necessários no mundo do letramento.

Além disso, como as histórias provocam atividade mental intensa, a criança ouve de forma ativa, interage com o narrador e os personagens, e reage fazendo antecipações, hipóteses, inferências. Essa atividade mental forma habilidades importantes para a compreensão de textos mais complexos. Quando Você permite interferências e participação durante a leitura de histórias, estimula o desenvolvimento dessas habilidades



Investigação da prática-15

Faça uma pesquisa de autores e livros para crianças em processo de alfabetização.

Elabore uma lista de no mínimo vinte títulos (título, autor(es), ilustrador(es), cidade, editora, ano da edição). Tire cópias para distribuir para seus colegas na sessão presencial coletiva.

Nossas sugestões:

- Consulte os colegas professores.
- Vá às bibliotecas de sua cidade.
- Consulte a Internet.
- Vá a uma livraria e peça os catálogos das Editoras para consulta.
- Anote os endereços das editoras especializadas em livros infantis. Se Você escrever para a Editora poderá receber o catálogo gratuitamente em sua casa.

Sessão Presencial Coletiva 15

Nesta oficina vamos discutir alguns temas que foram estudados na Unidade 15:
As diferenças entre o texto literário e não-literário e a função da literatura .

Duração: 3 horas

Etapa 1

Os participantes reunidos em grupos vão comparar dois textos a seguir, debater e indicar quais as diferenças que fazem do 1º um texto literário. Um relator anota e sintetiza as conclusões.

TEXTO 1 RECEITA DE PÃO

É coisa muito antiga
o ofício do pão
primeiro misture o fermento
com água morna e açúcar
e deixe crescer ao sol
depois numa vasilha
derrame a farinha e o sal

óleo de girassol e manjeriço
adicionado o fermento
vá dando o ponto com calma
água morna e farinha
mas o pão tem seus mistérios
na sua feitura há que entrar
um pouco da alma do que é etéreo

então estique a massa
enrole numa trança
e deixe que descanse
que o tempo faça sua dança

asse em forno forte
até que o perfume do pão
se espalhe pela casa e pela vida

Roseana Murray. A bailarina e outros poemas. São Paulo: FTD/ FNDE/MEC/ coleção Literatura em minha casa, 2002.

TEXTO 2

PÃO CASEIRO

Ingredientes

100 gramas de fermento de padaria

3 ovos

2 colheres de sopa de margarina

5 colheres de sopa de óleo

6 colheres de sopa de açúcar

uma colher de sobremesa de sal

1250 gramas de farinha de trigo

Modo de Fazer

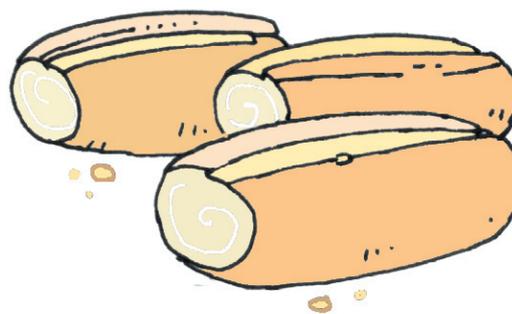
Bater no liquidificador por 10 minutos o fermento, os ovos, a margarina, o açúcar, o óleo e o sal.

Numa vasilha, juntar tudo com a farinha de trigo e amassar bem até que a massa desgrude da mão.

Separar em cinco partes. Enrolar cada parte em formato de 1 pão.

Deixar descansar meia hora.

Colocar em forma untada de óleo para assar até ficar corado.



Etapa 2

Depois da discussão, cada grupo fará uma lista das características da literatura no texto 1.

Etapa 3

Cada relator fará a exposição de seu grupo.

Etapa 4

A turma lê silenciosamente o texto seguinte. Em seguida, um voluntário se oferece para ler em voz alta de forma expressiva.

A FUNÇÃO DA ARTE

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.

Viajaram para o sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

-Me ajuda a olhar!

Eduardo Galeano. O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM, 1991, p.15.

Um momento é reservado para que os leitores dêem suas impressões.

Na plenária, em debate coletivo, a partir da experiência vivida com a leitura do texto, os participantes respondem à seguinte questão:

Qual é a função da literatura ?

UNIDADE 16



O lúdico no processo educacional

Rosineide Magalhães de Sousa e Tatiana Oliveira

O lúdico no processo educacional

Iniciando a nossa conversa

Amigo(a) Professor(a)

As crianças precisam desenvolver várias habilidades durante o processo educacional para que ocorra o aprendizado da leitura e da escrita. A metodologia e as estratégias pedagógicas do professor para que isso ocorra são extremamente importantes e devem envolver aspectos cognitivos, afetivos, emocionais, sociais e físicos.

Nesta unidade, vamos estudar o lúdico como fonte de recursos pedagógicos para o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita, principalmente na alfabetização.

Quando falamos de lúdico, pensamos em atividades prazerosas e desafiadoras que levem a criança a conhecer a si própria e ao meio ambiente. O aspecto lúdico é desenvolvido por meio de jogos, brincadeiras, dramatização, cantigas de roda etc.

As atividades lúdicas como recurso pedagógico constituem instrumento criativo, interativo, participativo e cooperativo, para a criança construir seus conhecimentos por meio de desafios, formulação de hipóteses,

resolução de problemas de modo efetivo e concreto.

Nas atividades lúdicas, a criança poderá participar de contextos de desafios e resolução de problemas antecipando habilidades para o enfrentamento de obstáculos que encontrará na vida real. Esse tipo de exercício contribui para a formação de uma pessoa mais autônoma. Além disso, quando estamos trabalhando com essas atividades, dependendo da modalidade, a criança estará desenvolvendo as áreas motora, cognitiva, social e afetiva de forma integrada.



Nosso trabalho está organizado em três seções:

NA SEÇÃO 1,

estudaremos a importância do lúdico como recurso pedagógico imprescindível ao processo educacional..

NA SEÇÃO 2,

refletiremos sobre a utilização de atividades lúdicas no contexto escolar.

NA SEÇÃO 3,

estudaremos possibilidades de atividades lúdicas no processo de educar em língua materna, principalmente na aquisição da leitura e da escrita.

Nosso horizonte

Com o trabalho desta unidade, nós vamos:

- 1** Identificar as atividades lúdicas como importante recurso pedagógico no processo educacional.
- 2** Reconhecer as atividades lúdicas como ação de educar a partir do interesse da criança no contexto escolar.
- 3** Identificar as possibilidades de trabalhar o lúdico no contexto do processo de educar em língua materna.

SEÇÃO 1

O lúdico como recurso pedagógico no processo educacional

Objetivo: Identificar as atividades lúdicas como importante recurso pedagógico no processo educacional.



Nesta seção, em continuação a uma prática que já vínhamos sugerindo no decorrer das unidades anteriores, vamos refletir mais profundamente sobre a importância das atividades lúdicas no desenvolvimento da aprendizagem das crianças.

Podemos observar atualmente que, com o avanço da tecnologia e os problemas de segurança, as brincadeiras tradicionais mudaram ou estão desaparecendo. Poucas crianças confeccionam os próprios brinquedos. No mercado há uma diversidade muito grande de brinquedos eletrônicos, movidos a controle remoto e de brinquedos mais simples. Encontramos brinquedos de todos os preços e à escolha de qualquer criança. Assim, as crianças de alto poder aquisitivo têm muitas opções.

Há crianças que possuem caixas e caixas de brinquedos, pois os pais as presenteiam com brinquedos novos à medida em que vão deixando de lado os velhos. Às vezes, chega ao ponto de a criança perder o interesse pelos brinquedos industrializados e recorrer a objetos da casa, como o cabo de vassoura, para transformá-lo em um cavalo de pau.

Por outro lado, muitas crianças têm como entretenimento principal assistir à televisão, quando não estão na escola. Então, passam o tempo livre em frente às imagens televisivas. Outras crianças preferem os jogos eletrônicos e de computador. Para algumas, a atividade principal é praticar algum esporte.

Entretanto, no cenário de muitas crianças, nem sempre o brincar faz parte de seu cotidiano, pois precisam cumprir as tarefas domésticas (lavar louça, limpar a casa, varrer o quintal, cuidar do irmão mais novo, trabalhar na roça). Às vezes, a tarefa de cuidar do

irmão faz com que a criança mais velha crie algumas brincadeiras, mas com o objetivo de entreter o irmão mais novo e não de criar para si própria um bom momento de prazer, brincando com o que ela realmente deseja, já que desde cedo tem uma obrigação.

Na nossa sala de aula, podemos encontrar crianças que em casa têm acesso ao brinquedo eletrônico e ao computador, e crianças que criam suas brincadeiras utilizando objetos domésticos como tampa de panela, cabo de vassoura, e ainda crianças que trabalham desde cedo e não têm tempo de brincar.

Entretanto, todas as crianças precisam de atividades lúdicas para o desenvolvimento cognitivo e afetivo.

As crianças, de acordo com seus hábitos, desenvolvem mais certas habilidades e outras menos. A criança que passa o tempo livre em frente da televisão desenvolve mais a área cognitiva, pois as imagens estimulam essa área. A criança que joga bola na rua desenvolve mais as habilidades corporais. A criança que não tem oportunidade de desenvolver algumas práticas que de certa forma despertem o lúdico, ficará prejudicada na sua formação como pessoa. É claro que não vamos pensar em resolver todos esses problemas na escola, mas vamos procurar ter consciência dessa necessidade e procurar proporcionar às crianças, principalmente durante o processo de alfabetização, atividades lúdicas que desenvolvam habilidades corporais, mentais e afetivas.

Os povos antigos já percebiam a importância do lúdico no desenvolvimento integral do ser humano. Pensando assim, Aristóteles, filósofo grego, em seus estudos, classificou os diversos aspectos do homem que são *homo sapiens* (o que conhece e aprende), *homo faber* (o que faz, o que produz) e *homo ludens* (o que brinca, o que cria). Esses três aspectos precisam estar em harmonia. Um não deve ser mais desenvolvido do que o outro.

Como sabemos, o lúdico é um aspecto antigo do conhecimento humano e continua sendo uma forma, que juntamente com outras, como bem classificou Aristóteles, proporciona o equilíbrio dos atributos mentais, físicos e valores espirituais. Esses aspectos devem ser desenvolvidos a partir da infância por meio de brincadeiras, jogos e outras atividades lúdicas.



Atividade de estudo-1

Faça uma retrospectiva de sua infância e pense nas brincadeiras, jogos, atividades lúdicas de que Você participava com seus colegas, amigos do bairro ou em casa com seus irmãos. Agora faça uma relação, no quadro a seguir, dessas atividades. Depois, comente por escrito a importância dessas atividades no seu desenvolvimento pessoal.

Brincadeira, jogos, atividades lúdicas de infância

Comentários:

Temos certeza de que Você se lembrou de várias brincadeiras, principalmente daquelas que enriquecem o imaginário infantil, como brincar de casinha ou jogos coletivos. Na brincadeira de casinha, as crianças criam o papel do pai, da mãe, dos filhos. Criam regras que são obedecidas pela família fictícia, como horário do almoço, o que comer de sobremesa. Pela imaginação, as crianças reelaboram o mundo e antecipam situações em que há regras de comportamento.

Algumas vezes, a criança que está participando de uma brincadeira não sente prazer na atividade lúdica por causa da exigência de disciplina, principalmente nos jogos que seguem rigorosamente fases ou etapas. Nem sempre a criança concorda em seguir instruções muito rígidas.

Já que estamos falando de atividades lúdicas, vamos saber com mais precisão o que significa a palavra **lúdico**. Conforme o Dicionário Aurélio, “refere-se a/ ou o que tem o caráter de jogos, brinquedos e divertimentos: a atividade lúdica das crianças”.

Podemos dizer que as atividades lúdicas ocorrem com a utilização de brinquedos ou não. Ocorrem por meio de jogos, dramatização, brincadeiras de faz-de-conta, movimentos corporais etc.

Pesquisando Evidências 1

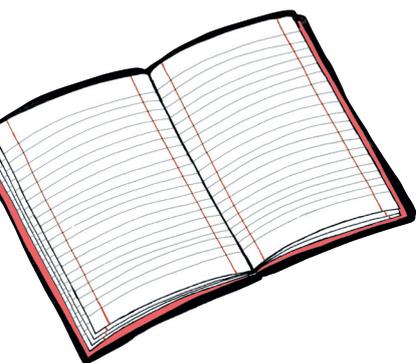
Para que possamos conhecer quais as brincadeiras que geralmente nossos alunos têm como meio de diversão, vamos criar na nossa sala de aula um momento de socialização, para que as crianças possam contar quais são as brincadeiras ou jogos, ou outro tipo de atividade lúdica de que costumam participar. No momento da socialização, anote a relação brincadeira/aluno.

Depois da conversa, faça um quadro no seu caderno de planejamento. Sugerimos o seguinte exemplo:

Aluno	Brincadeira (atividade lúdica)
Maria Clara	Casinha
José Renato	Futebol
Ana Lídia	Queimada
Lucas	Videogame
Cássio	Assistir televisão

Com esses dados, Você terá conhecimento de que tipo de brincadeira seus alunos costumam participar. Daí, Você terá a noção de quais habilidades eles desenvolvem mais nessas brincadeiras, se são cognitivas (conhecimentos), afetivas (sentimentos) ou corporais.

Estamos utilizando o tempo todo as palavras: habilidade, cognição, afetivo e corporal. Para facilitar o entendimento do texto, vamos relembrar o significado geral dessas palavras?



Habilidade: notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos, isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão específica, pensamento criativo, habilidade manual.

Cognição: aquisição de conhecimento; conjunto dos processos mentais usados no pensamento, na percepção, na classificação e no reconhecimento.

Portanto, desenvolver habilidades cognitivas é desenvolver habilidades processadas pela mente: ler, assistir televisão etc.

Afetivo está ligado à afetividade, que significa: conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de alegria ou tristeza.

(Fonte: Dicionário Aurélio)

Quando trabalhamos os jogos, o brincar, em sala de aula, na alfabetização, é porque queremos desenvolver habilidades múltiplas nos nossos alunos: cognitivas, corporais e afetivas, pois, ao brincar a criança está participando de um momento lúdico que proporciona, muitas vezes, oportunidade de:

- ✓ investigar;
- ✓ criar;
- ✓ ser cooperativa por meio de comportamento ativo e estratégico;
- ✓ construir conhecimentos de si mesma e sobre o mundo;
- ✓ expressar sentimentos de modo simbólico como desejos, curiosidade, fantasia;
- ✓ desenvolver a coordenação motora;
- ✓ desenvolver o raciocínio;
- ✓ perceber a competição como ação do jogo;
- ✓ trabalhar a discriminação auditiva;
- ✓ trabalhar a concentração, o interesse, a memória e a atenção;
- ✓ desenvolver a autonomia e a ousadia para correr riscos;
- ✓ controlar a ansiedade;
- ✓ diminuir a dependência;
- ✓ conhecer o meio;
- ✓ mudar de ponto de vista.



Vindo à sala de Aula 1

Para promover e aprofundar o conhecimento entre os alunos participantes da turma e o professor, sugerimos esta atividade lúdica, retirada da Revista Nova Escola e adaptada para nossos objetivos.

A atividade está dividida em quatro partes:

Aquecimento:

O professor começa o jogo como pegador, dizendo seu nome e algo de que gosta. Por exemplo: eu sou Maria Rosa e gosto de dançar. Pega o aluno, que deve fazer a mesma apresentação antes de correr atrás de um colega.

Um a um, os “capturados” vão formando uma corrente, de mãos dadas.

Ao final, forme um círculo e pergunte se todos aprenderam o nome dos colegas,

se já é possível saber um pouco de cada um e como a turma se sentiu.

Círculos duplos:

Divida a classe em dois grandes grupos, numerando os alunos em 1 ou 2. Os de número 1 ficam dentro de um círculo e os de número 2, do lado de fora.

Forme pares com um estudante de dentro e outro de fora, colocados frente a frente. Se o número de participantes for ímpar, Você entra na atividade para completar.

Comece fazendo perguntas sobre gostos e interesses de cada um. Você sabe o nome de seu par? (Se o aluno não souber, deve perguntar o nome do par). Qual seu programa de TV favorito? Qual sua comida predileta? Qual o animal preferido?

A cada resposta, o grupo que está fora do círculo “roda” para o colega ao lado. No final, converse sobre as sensações ao executar a tarefa.

Leitura:

Veja na unidade 15 as qualidades de um bom contador de histórias. Leia para os alunos o conto “Uma lição inesperada”, que inspira essas atividades.

Terminada a leitura, estimule a turma a fazer comentários, contando o que sentiram.

Painel:

Coloque uma grande folha de papel ou cartolina no centro do círculo. Nela, cada aluno deve escrever seu nome ou representar o seu nome com um desenho.

Estimule a garotada a lembrar o que cada um conhece dos colegas, para escrever um comentário ao lado do nome (e com assinatura de quem está escrevendo).

A atividade termina quando todo painel estiver preenchido.

TEXTO **UMA LIÇÃO INESPERADA**

Texto de João Anzenello Carrascoza

No último dia de férias, Lilico nem dormiu direito. Não via a hora de voltar à escola e rever os amigos. Acordou feliz da vida. Tomou o café da manhã às pressas, pegou sua mochila e foi ao encontro deles. Abraçou-os à entrada da escola, mostrou o relógio que ganhara de

Natal, contou sobre sua viagem ao litoral. Depois, ouviu histórias dos amigos e divertiu-se com eles, o coração latejando de alegria. Aos poucos, foi matando a saudade das descobertas que fazia ali, das meninas ruidosas, do azul e branco dos uniformes, daquele burburinho à beira do portão. Sentia-se como um peixe de volta ao mar. Mas quando o sino anunciou o início das aulas, Lilico descobriu que caíra numa classe onde não havia nenhum de seus amigos. Encontrou lá só gente estranha, que o observava dos pés à cabeça, em silêncio. Viu-se perdido e o sorriso que iluminava seu rosto se apagou. Antes de começar, a professora

pediu que cada aluno se apresentasse. Aborrecido, Lilico estudava seu novos companheiros. Tinha um Japonês de cabelos espetados com jeito de nerd. Uma garota de olhos azuis, vinda do Sul, pareceu-lhe fria e arrogante. Um menino alto, que quase bateu no teto quando se ergueu, dava toda a pinta de ser um bobo. E a menina que morava no sítio? A coitada comia palavras, olhava-os assustada, igual um bicho do mato. O mulato, filho de pescador, falava arrastado, estalando a língua, com sotaque de malandro. E havia uns garotos com tatuagens, umas meninas usando óculos de lentes grossas, todos esquisitos aos olhos de Lilico. A professora? Tão diferente das que ele conhecera... Logo que souo o sinal para o recreio, Lilico saiu a mil por hora, à



procura de seus antigos colegas. Surpreendeu-se ao vê-los em roda, animados, junto aos estudantes que haviam conhecido horas antes. De volta à sala de aula, a professora passou uma tarefa em grupo. Lilico caiu com o japonês, a menina gaúcha, o mulato e o grandalhão. Começaram a conversar cheios de cautela, mas paulatinamente foram se soltando, a ponto de, ao fim do exercício, parecer que se conheciam há anos. Lilico descobriu que o japonês não era nerd: era ótimo em Matemática, mas tinha dificuldade em Português. A gaúcha que lhe parecera tão metida era gentil e o mirava ternamente com seus lindos olhos azuis. O mulato era um caçara responsável, ajudava o pai desde criança e prometeu ensinar a todos os segredos de uma boa pescaria. O grandalhão não tinha nada de bobo. Raciocinava rapidamente e, com aquele tamanho, seria legal jogar basquete no time dele. Lilico descobriu mais. Inclusive que o haviam achado mal-humorado quando ele se apresentara, mas já não pensavam assim. Então, mirou a menina do sítio e pensou no quanto seria bom conhecê-la. Devia saber tudo de passarinho. Sim, justamente porque eram diferentes havia encanto nas pessoas. Se ele descobrira aquilo no primeiro dia de aula, quantas descobertas não haveria de fazer no ano inteiro? E, como um lápis deslizando numa folha de papel, um sorriso se desenhava novamente no rosto de Lilico.

REVISTA NOVA ESCOLA. Era uma vez. São Paulo: Fundação Victor Civita, ano XV, nº 138, pp. 34-36.)

Observação: Essa atividade pode ser realizada no início do ano letivo.

Vocabulário: “Nerd” – pessoa muito inteligente que só quer estudar e chega a ser desagradável.

Os momentos lúdicos são variados e podem ser promovidos por atividades que não são necessariamente jogos competitivos, mas atividades coletivas ou individuais, tais como:



- ✓ dramatização
- ✓ cantiga-de-roda
- ✓ quebra-cabeça
- ✓ adivinhações
- ✓ caça-palavra

Os jogos e as brincadeiras são meios lúdicos que se tornam para nós, professores, recursos didáticos importantíssimos para o processo educacional. Podemos trabalhar muitos temas utilizando os jogos, as brincadeiras. Um exemplo é o trabalho de leitura e de escrita, em que podemos ter como recurso as cantigas de roda, as adivinhas, as parlendas, como estudamos em unidades anteriores.

A atividade lúdica é interessante porque exige do educando uma postura ativa, participativa, cooperativa, indagadora, reflexiva.

Quando o professor insere no seu planejamento pedagógico atividades lúdicas como recurso para desenvolver habilidades múltiplas, deve também formular meios para conduzir, avaliar e criar um contexto de aprendizagem em que o aluno não se torne um agente passivo e, sim, um sujeito ativo na sala de aula.



Atividade de estudo-2

Conforme o que já estudamos nestas primeiras páginas, escreva abaixo o que significa para Você a atividade lúdica no processo educacional, principalmente na alfabetização.

Na ação de brincar, ou seja, no momento lúdico, podemos perceber na criança o desenvolvimento de sentimentos aliados a atitudes verbais, socialização e coordenação motora. Além disso, a criança passa por situações em que usa a imaginação e enfrenta muitos desafios e conflitos que, às vezes, ainda não fazem parte do seu dia-a-dia. É uma oportunidade de lidar antecipadamente e de maneira prazerosa com emoções e tomada de decisões.



Atividade de estudo-3

Faça uma relação das atividades lúdicas que Você promove em sua sala de aula, para desenvolver algumas habilidades de leitura e de escrita dos alunos. Relacione essas atividades lúdicas às habilidades. Veja o exemplo.

Atividades lúdicas	habilidades
Cantiga de roda	Comunicação oral, boa pronúncia, boa entonação, socialização e memorização.

Vindo à sala de Aula 2

Para que as crianças trabalhem de forma lúdica as letras do alfabeto, sugerimos o “Jogo das letras”

Objetivos:

- Formar palavras e enunciados.
- Reconhecer sílabas e letras.
- Desenvolver linguagem oral, escrita e leitura.

Material:

Alfabeto móvel
 Todas as letras do alfabeto devem se colocadas dentro de um envelope com o nome da criança.

Organização:

Divide-se a classe em grupos.

Desenvolvimento:

Cada jogador deve tirar de seu envelope uma letra, dizer uma palavra que conhece com a letra retirada, formar a palavra falada na carteira com o alfabeto móvel e em seguida escrevê-la em uma folha ou no quadro.

Ganhará o grupo que conseguir formar e escrever mais palavras no tempo estabelecido pelo professor.

Aplicação:

- Escrever frases com as palavras formadas e escritas.
- Escolher algumas palavras e fazer uma produção de textos, empregando-as.
- Fazer fichas das palavras (cartolina e pincel atômico) e colocá-las no tesouro das palavras (caixa de papel).
- Passá-las para o minidicionário do aluno (após correção do professor).
- Fazer bingo, jogo de memória.
- Fazer quebra-cabeças de palavras (fichas recortadas).
- Seriação: colocar palavras em ordem alfabética.
- Classificação, por exemplo: grupos de palavras que começam com a letra A.
- Grupos de palavras que começam com a sílaba MA, etc.

(Atividade adaptada, retirada de: RIBEIRO, L. & PINTO G. *O real do construtivismo*. Vol. 3, 4ª ed. Belo Horizonte: Editora FAPI Ltda., pp. 53-4).

Agora, para concluir esta seção, vamos a mais uma atividade



atividade de estudo-4

Faça um resumo do que Você aprendeu nesta seção sobre o tema atividade lúdica no processo educacional.

Podemos refletir a respeito de que devemos considerar que os nossos alunos estão se constituindo como pessoas com a capacidade de pensar sobre a realidade social em que vivem e, conseqüentemente, com a capacidade de agir sobre o mundo e no mundo. Isso é muito importante para o exercício pleno da cidadania. Muitas das habilidades necessárias para essa atuação podem ser desenvolvidas em atividades lúdicas, na sala de aula, e que exijam da criança:

- ✓ Comportamento ativo.
- ✓ Associação de experiências anteriores.
- ✓ Ousadia para correr riscos.
- ✓ Solução de problemas.
- ✓ Capacidade de negociação e interação com o grupo.
- ✓ Entrega, envolvimento, intensidade de participação.

As atividades lúdicas permitem que o aluno, exercitando e integrando essas habilidades, construa a sua competência criativa, inventiva e participativa necessária ao exercício pleno da cidadania.

Em muitas escolas, para muitos professores e para muitos pais, a brincadeira e os jogos são vistos com uma perda de tempo. Mas, é mesmo uma pena que muitas pessoas não saibam o quanto crescemos e quantas habilidades desenvolvemos nesses momentos lúdicos.

Resumindo

A atividade lúdica é um recurso para o processo educacional na alfabetização.

A atividade lúdica promove o desenvolvimento de muitas habilidades de leitura, escrita, socialização e interação.

Os jogos não são apenas uma forma de diversão para gastar energia das crianças, mas meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual.

Quando o professor insere no seu planejamento pedagógico atividades lúdicas também formula meios para criar um contexto de aprendizagem em que o aluno não seja um agente passivo e, sim, sujeito ativo na sala de aula.

SEÇÃO 2

Atividades lúdicas na ação de educar

Objetivo: Reconhecer as atividades lúdicas como ação de educar a partir do interesse da criança no contexto escolar.



Nesta seção, vamos estudar como as atividades lúdicas fazem parte da alfabetização e que a criança passa por fases de assimilação conforme as etapas da infância. Por isso, precisamos planejar atividades lúdicas para o processo educacional conforme essas etapas, principalmente na utilização dos jogos de acordo com a faixa etária e o interesse da criança.

Quando compramos um jogo para uma determinada criança, olhamos a embalagem para verificar qual a idade da criança para qual o jogo está sendo indicado.

Geralmente, encontramos nas embalagens de jogos ou brinquedos lúdicos o seguinte: “a partir de tal idade” (por exemplo: a partir de 4 anos ou indicado para crianças entre 3 e 7 anos etc.).

Muitos estudos sobre o desenvolvimento da criança mostram que, para cada fase do desenvolvimento infantil, a criança tem uma forma de aprender, de perceber os acontecimentos da sua realidade, ou seja, de perceber o seu mundo. Por isso, os jogos são elaborados ou criados conforme a faixa etária da criança e para promover o seu desenvolvimento e sua formação.

As crianças entre 2 e 6 anos estão na fase de se relacionarem muito com a fantasia, com o mundo do faz-de-conta. É nessa fase que a criança gosta de ouvir as histórias de conto de fadas; gosta de brincar exercendo papéis de “faz-de-conta”, como imitar a mãe, a professora, o pai, os heróis de desenhos animados; falar sozinha no seu brincar, como se estivesse falando com outra criança. Nos jogos em conjunto, ainda não valoriza as regras e tampouco o fato de que haja um vencedor.

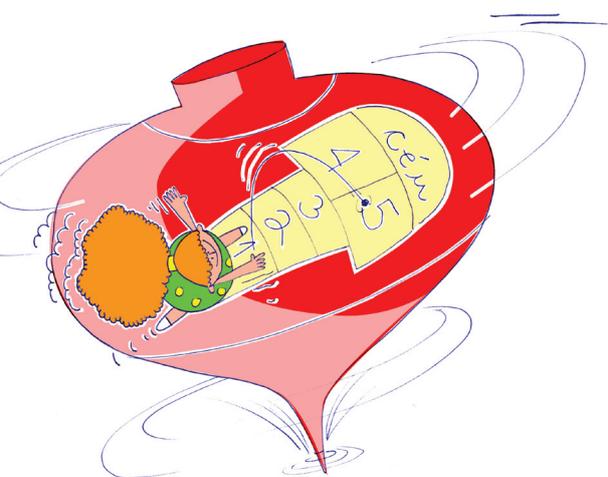
Nessa fase, a criança ainda não tem muita noção da realidade, ainda está na fase de descobrir sua realidade mais próxima. Por isso, imita as pessoas mais conhecidas,

com quem tem mais convivência. Os jogos são para ela uma descoberta, algo sem regras, que faz parte do mundo da fantasia.

Quando passa dos 6 anos, até aproximadamente os 11 anos, a criança já desenvolve outra mentalidade do jogar. Compreende que no jogo há regras e que em alguns jogos há um vencedor; por isso, discute as regras do jogo com as outras crianças. O jogo para elas já tem o sentido de competição e a vitória já passa a ser importante.

Acima dos 11 anos, a criança já domina regras sofisticadas, sabe que elas são necessárias para o bom encaminhamento do jogo. No contexto do jogo, as crianças entram em acordo quanto às suas regras, para que haja cooperação e participação de todos.

Esses conhecimentos de como a criança percebe o jogar, dependendo da sua faixa etária, são necessários para que possamos planejar atividades pedagógicas, utilizando o jogo no processo educacional nas séries iniciais.



Lembrete

A palavra educar vem do latim *educare*, que significa criar, alimentar, instruir, educar. Despertar as aptidões naturais da pessoa e orientá-las segundo os padrões e ideais de determinada sociedade, aprimorando-lhe as faculdades intelectuais, físicas e morais.



Atividade de estudo-5

Dê duas sugestões de jogos para as crianças de 6 a 11 anos, que Você costuma desenvolver na sua sala de aula e que envolvam a aprendizagem da leitura ou da escrita.

<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

Pesquisando Evidências 2

Conforme o que estudamos no início desta seção, vamos fazer a relação desse conhecimento com a prática da sala de aula. Observe as crianças na sala de aula, para verificar quais são os jogos que elas mais gostam de realizar. Depois dessa observação, vamos registrá-la, preenchendo o quadro de acordo com o que se pede em cada coluna.

Quais são os jogos que as crianças mais novas gostam de brincar na sala de aula?
Justifique sua resposta.

Quais são os jogos que as crianças maiores gostam de brincar na sala de aula?
Justifique sua resposta.

Com essas informações, Você poderá planejar algumas aulas com mais tranquilidade e segurança, utilizando os jogos como recurso para trabalhar alguns temas específicos de forma lúdica e bem planejada.

Como já dissemos anteriormente, as atividades lúdicas que podemos desenvolver em nossa sala de aula com os nossos alunos por meio de jogos,

dramatizações, cantigas de roda e outras atividades, precisam ser bem planejadas como recurso didático, com objetivos claros, e não apenas para passar o tempo e ter como objetivo uma forma de gastar energia das crianças. Por isso, devemos saber para que se destina cada atividade lúdica. Quando estamos planejando uma atividade lúdica a ser desenvolvida como recurso didático para ensinar um determinado tema, precisamos ter em mente quais habilidades serão desenvolvidas por meio dessa atividade. Devemos saber quais objetivos pretendemos alcançar com a atividade que escolhemos para trabalhar em sala de aula.

Assim, podemos nos perguntar:

Para quem se destina a atividade?

Que habilidades vamos trabalhar com essa atividade lúdica?

Para que trabalhar essa atividade?

Como vou fazer? (de que forma vou trabalhar essa atividade?)

Para ilustrar esse questionamento de forma mais prática, vejamos o exemplo do “Jogo Ortográfico”, retirado do livro “Jogos na educação” (de Maria da Glória Lopes, Editora Cortez, páginas 85-86) que adaptamos para o exemplo abaixo.

Para quem? Crianças de 7 a 10 anos.

O que? Atividade: Jogo ortográfico

Para que? O que desejamos alcançar com o trabalho pedagógico, utilizando o jogo ortográfico? Essa pergunta diz respeito aos objetivos.

Objetivos:

Desenvolver o senso cooperativo entre as crianças, porque o trabalho em equipe favorece esse aspecto.

Trabalhar as noções de ganhar ou perder.

Desenvolver o raciocínio durante a competição.

Desenvolver a criatividade.

Como fazer? (metodologia aplicada para a realização da atividade)

Divide-se a classe em três ou quatro equipes. Para cada equipe deve-se confeccionar um jogo, que será trocado depois.

Podem-se determinar cores diferentes para as equipes. Por ex.: equipe verde, amarela, azul etc.

Material

Uma folha e meia de papel-cartão por grupo de alunos, tesoura, cola, canetas hidrográficas, lápis de cor, um dado (este pode ser feito com papel ofício ou outro tipo de papel).

Como produzir e realizar o jogo

Com a folha inteira de papel-cartão monta-se o tabuleiro. Esta poderá ser cortada em três ou quatro partes para facilitar o seu transporte e poder guardar. No tabuleiro, será montada uma trilha com ponto de partida e de chegada. Quanto mais sinuosa a trilha, mais elementos podem ser colocados, tornando o jogo mais emocionante. O caminho deve ser dividido em pequenas partes numeradas em ordem crescente. Em diversos pontos do percurso colocam-se obstáculos. Ex.: no número sete, pinta-se o espaço deste número de cor diferente; portanto, quem parar aí terá de cumprir uma tarefa. As tarefas são indicadas em pequenos cartões, onde são colocados pontos de dificuldades ortográficas, como palavras com z, ç, ss, s, g, j, x, ch etc.

Exemplo: - Coloque a letra certa no espaço: ç ou ss – peda__o, pá__aro.

Cada cartão de tarefa deverá conter três palavras para serem completadas corretamente. Em caso de erro, outra pessoa pode responder, ganhando com isso avanço de cinco casas com seu peão e o que errou retrocederá o mesmo número de casas. Prossegue o jogo e ganha quem atingir primeiro o ponto de chegada.

Os peões são feitos com papel-cartão, formando pequenos cones.

Uma sugestão que não está no texto de Maria da Glória é que Você pode trabalhar pequenos textos que tenham palavras grafadas com as letras z, ç, s, g, j, x e os dígrafos ss e ch.

Organizamos o exemplo acima para que Você perceba como podemos utilizar atividades como os jogos na aprendizagem da escrita. Outro fato que podemos verificar com o exemplo, é que devemos estar sempre pesquisando e buscando materiais didáticos para planejar as atividades de sala de aula.



Atividade de estudo-6

Selecione um jogo que Você costuma trabalhar em sala de aula, com seus alunos, para desenvolver atividades de aprendizagem de leitura ou de escrita e organize como foi feito com o exemplo do jogo ortográfico.

Para quem? (quais os alunos)

O que é?

Para que? (finalidade)

Objetivos:

Como fazer para jogar?

Material usado:

Como produzir o jogo:

Leve esse jogo para a Sessão Presencial coletiva e ensine aos colegas.

Quando utilizamos atividades lúdicas em sala de aula como recurso pedagógico, precisamos acompanhar o desenvolvimento de nossos alunos, verificando como as crianças estão se saindo na atividade, se estão tendo dificuldades e se estão aprendendo. Essa é uma forma de avaliar as atividades e também a maturidade dos alunos. Com a avaliação desses procedimentos metodológicos, podemos saber o que deu certo, o que não deu certo, refletir e tentar melhorar ou mudar a atividade.

Lembre-se de que, dependendo do conhecimento prévio exigido do aluno, pode ser que nem toda a turma se interesse ou consiga acompanhar a atividade lúdica proposta por

Você. É muito comum as turmas serem heterogêneas, ou seja, terem alunos de diversas faixas etárias e origens. Nesse caso, procure formar pequenos grupos com alunos de diferentes conhecimentos. Dessa forma, um aluno pode apoiar o outro que tem dificuldade em determinadas tarefas.

Os jogos são atividades que envolvem e desenvolvem muitas habilidades dos alunos, como já mencionamos. Agora vamos ampliar nosso arsenal de atividades lúdicas.



Vindo à sala de Aula 3

Para desenvolver essa atividade, as crianças poderão utilizar o alfabeto individual, acrescentando mais letras.

DICIONÁRIO

Material

Alfabeto individual ou letras do alfabeto em cartões quadrangulares de 2 cm. Para cada série de consoantes deverá haver quatro ou cinco de vogais.

Desenvolvimento do jogo

Cada jogador recebe 50 cartões e é feita uma aposta para ver quem será capaz de compor maior número de palavras. Os jogadores irão deixando sobre a mesa as palavras que formarem, a fim de que as letras só sejam usadas uma vez.

Quem ganhar a aposta, ou seja, compuser o maior número de palavras, será o vitorioso.

(Atividade retirada do livro 268 jogos infantis, de Figueiredo Pimentel e Vitória Rabelo, editora Villa Rica, Belo Horizonte, p. 105.)

As atividades de leitura e de escrita desenvolvidas por meio de jogos, além de constituírem uma boa proposta pedagógica, ainda proporcionam às crianças a interação social. Além disso, podemos observar como as crianças constroem as estratégias para vencer o jogo e como lidam com o perder ou o vencer.



Avançando na Prática 1

Com o alfabeto individual, Você também poderá criar jogos na sala de aula, competitivos ou não, individuais ou coletivos, para trabalhar com as crianças a aprendizagem da leitura e da escrita, de forma mais lúdica e interativa. Um desafio para Você: crie uma modalidade de jogo em que os alunos possam utilizar o alfabeto individual.

Com muitas modalidades de jogos, como recurso pedagógico, não só trabalhamos diversos temas mas também atitudes e valores com as crianças. Nos jogos em equipe, as crianças aprendem a conhecer seus deveres e direitos; a trabalhar seus limites individuais e os limites do grupo; a respeitar normas; a respeitar o momento da participação do outro e a dividir o espaço social. Dessa forma, a criança aprende desde cedo, na escola, o que a vida em sociedade exige da pessoa nas diversas situações sociais.

Para completar essa idéia, vamos ler um pequeno texto de Rubem Alves.

“As pessoas normais brincam com muitos jogos de linguagem: jogos de amor, jogos de poder, jogos de saber, jogos de prazer, jogos de fazer, jogos de brincar. Porque a vida não é uma coisa só. A vida é uma multidão de jogos acontecendo ao mesmo tempo, uns colidindo com os outros, das colisões surgindo faíscas. Uma cabeça ligada com a vida é um festival de jogos. E isso que faz a inteligência.”

(ALVES, Rubem. *Entre a ciência e a sapiência – o dilema da educação*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999, p. 112.)



Atividade de estudo-7

Como já estudamos em alguns parágrafos dessa seção, os jogos são ótimas atividades para desenvolver vários aspectos sociais e de interação nos alunos. Pensando nisso, relacione no quadro abaixo alguns aspectos sociais que podem ser trabalhados com os alunos por meio de jogos, além de temas específicos de leitura e de escrita. Vamos registrar o primeiro aspecto, Você irá relacionar os demais.

1 - Conhecer deveres	_____
2 -	_____
3 -	_____
4 -	_____
5 -	_____
6 -	_____
7 -	_____

O jogo é uma forma lúdica de socialização e também é um meio de expressão de criatividade. As crianças, quando estão confeccionando as peças que vão utilizar no jogo, sentem-se em um contexto de muito envolvimento, pois vão desfrutar de um momento de prazer, para o qual elas contribuíram na elaboração dos objetos necessários a esse momento. Às vezes, as crianças sentem mais prazer no momento de produzir as peças do jogo, preparar o contexto em que vai acontecer o jogo, do que no momento da competição.

A proposta a seguir também está nas Atividades de Apoio à Aprendizagem. Queremos reforçar que podemos utilizar uma mesma atividade para trabalhar.

indo à sala de Aula 4

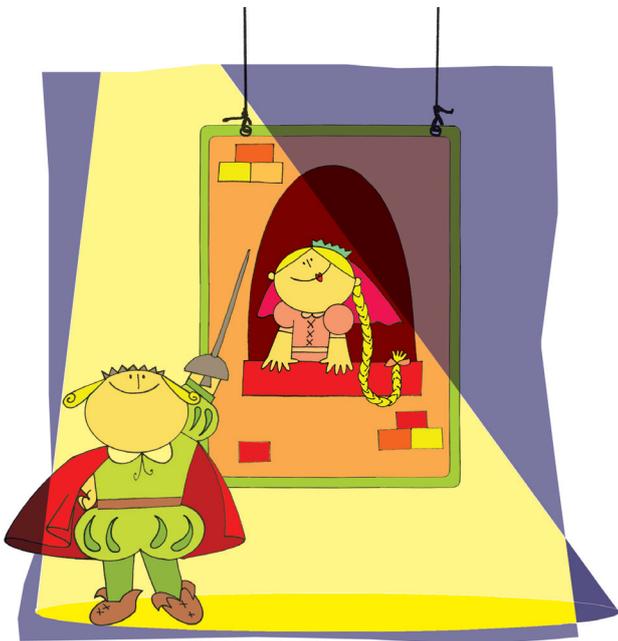
Para essa atividade, as crianças da alfabetização vão fazer as peças do jogo e brincar posteriormente com essas peças e, claro, vão aprender a ler e escrever de forma lúdica.

- Peça às crianças que levem para a sala de aula caixinhas de fósforos vazias e revistas e jornais usados para recortar.
- Escolha nas revistas e jornais, com as crianças, figuras que possam ser recortadas e coladas em cada caixinha.
- Escreva em um pedaço de papel o nome de cada figura que você e os alunos escolheram. Se as crianças estiverem escrevendo, elas devem escrever o nome de cada figura.
- Recorte e embaralhe as letras das palavras.
- Depois as crianças devem desmanchar e guardar as letras na caixinha.
- As crianças vão trocar a caixinha com os colegas.
- Veja quem consegue formar primeiro o nome da figura usando as letras da caixinha e construir uma frase com esse nome. Quem fizer isso primeiro ganha o jogo.

Observação: faça várias caixinhas e trabalhe em dupla ou em grupo.

Você também pode construir um texto utilizando os nomes de algumas figuras das caixinhas.

(Atividade adaptada, retirada do livro “ALP alfabetização: análise, linguagem e pensamento, de Maria Fernandes e Marco A. Hailer. São Paulo, ed. FTD, p. 100)



Na atividade de fazer as peças do jogo como na atividade acima, além da criatividade, os alunos desenvolvem habilidades visuais e motoras.

Também nos jogos teatrais, as crianças têm possibilidade de desenvolver muitas habilidades em um único contexto de atividade. Trabalham a expressão gestual, corporal, a disciplina, a observação, a linguagem verbal e a não-verbal, e ainda a socialização por meio da criação coletiva.



Vindo à sala de Aula 5

Para desenvolver habilidades múltiplas (socialização, linguagem verbal e não-verbal etc), o jogo teatral é um excelente recurso pedagógico.

POSANDO

• Nesta atividade as crianças vão trabalhar a expressão gestual (linguagem não-verbal, com possibilidades de desenvolver outras habilidades), objetivando desenvolver o relacionamento grupal através da criação coletiva de uma pose.

Organize grupos de 10 alunos.

- Um aluno de cada grupo fará uma pose que será o início de uma pose coletiva.
- Os outros alunos, por sua vez, vão se juntando ao primeiro.
- O resultado final será uma única escultura formada com os corpos de todos.
- Pergunte às outras crianças da classe se ficou definida a pose criada e se ela é identificável?
- Instrua os alunos no sentido de tentar formar uma escultura com características bem definidas: uma árvore, uma fonte, uma ponte, uma igreja, um quadrado, um círculo ou uma ação: pescaria, baile, futebol, jantar etc.
- Você pode escrever no quadro o nome da escultura que foi criada pelos alunos e elaborar um texto com as crianças.
- Escreva o texto no quadro à medida que as idéias ficarem organizadas oralmente.
- As crianças deverão copiar o texto no caderno.

Observação: com essa atividade lúdica, as crianças devem perceber que partiram da linguagem não-verbal para construir o texto escrito.

Uma variação simplificada é a mímica de uma só criança de cada vez para a turma decifrar.

(Atividade retirada do livro “Jogos teatrais na escola”, de Olga Reverbel. São Paulo: ed. Scipione, p. 37)

Como já vimos, podemos trabalhar atividades lúdicas de diferentes modalidades em diferentes momentos do processo educacional de nossos alunos e com determinados objetivos, explorando diversas habilidades e trabalhando diversos conteúdos.

E, para que possamos ampliar bastante as possibilidades de trabalhar o lúdico para que o alunos desenvolvam habilidades tais como atenção, espontaneidade, sensibilidade, colaboração e autoconfiança, vamos sugerir mais uma atividade.

indo à sala de Aula 6

Para que os alunos possam desenvolver várias habilidades por meio de jogos teatrais, retiramos e adaptamos do livro “Aplicação do teatro na escola”, de Alice F. Simonati, Editora Elementar, uma atividade muito interessante.

“CARTÕES ILUSTRADOS”

Confeccione cartões, cada um com uma figura. Distribua-os entre os alunos aleatoriamente, para que se agrupem os que possuem cartões iguais, por exemplo: as



crianças que ficarem com o cartão “Flor” formarão um grupo; as que ficarem com “Sol”, outro grupo, e assim sucessivamente.

Cada grupo receberá uma folha com as instruções, que deverão ser apresentadas após um debate de, no máximo, dez minutos. Se os alunos não sabem ler, explique a dinâmica da atividade oralmente. Os alunos serão avaliados pela professora e

pelos grupos ao término de todas as apresentações, tecendo comentários sobre os resultados, sem discriminação, limitação ou julgamento.

Lua - mudando de humor - expressão gestual - o rosto

Objetivo: desenvolver a espontaneidade, demonstrando sentimentos por meio da expressão facial.

Árvore - Expressão corporal

Objetivo: desenvolver o equilíbrio corporal, utilizando partes do corpo.

Rádio - Radionovela - expressão verbal

Objetivo: desenvolver a espontaneidade com atividades de linguagem verbal, expressando sentimentos, pensamentos ou sensações.

Casa - Situação cotidiana - Improvisação

Objetivo: desenvolver a precisão gestual pela imitação de uma situação.

Sol - Cena em família - expressão gestual

Objetivo: desenvolver a linguagem gestual por meio da imitação de cenas familiares.

Pássaro - Os animais caminham - expressão corporal - descontração

Objetivo: desenvolver a espontaneidade, imitando modos de locomoção dos animais.

Flor - Dramatização - mensagem sobre teatro

Objetivo: desenvolver um jogo dramático; treinar as emoções; vivenciar uma expressão imaginária, um faz-de-conta; sair de si para viver o outro.

O jogo teatral é uma forma de o professor trabalhar com as crianças diferentes linguagens: gestos, mímicas, a fala etc. Além de ser uma ótima técnica de desinibição. De modo lúdico, por meio dos personagens, representam-se fatos reais e ficcionais que envolvem sentimentos, valores e conduta. Todos esses aspectos trabalhados com as crianças ajudam no processo de aprendizagem da leitura e escrita. Entretanto, às vezes, pensamos que somente aulas com a utilização de quadro, giz e livro didático são suficientes para desenvolver o aprendizado do aluno.

Resumindo

Os jogos são elaborados ou criados conforme a faixa etária da criança e para promover o seu desenvolvimento e sua formação.

O jogo é uma forma lúdica de socialização e também um meio de expressão de criatividade.

Com muitas modalidades de jogos, como recurso pedagógico, não só trabalhamos conteúdos, mas também atitudes e valores com as crianças.

Há muitas modalidades de atividades lúdicas, entre elas, os jogos teatrais.

Quando utilizamos atividades lúdicas em sala de aula como recurso pedagógico, precisamos acompanhar o desenvolvimento de nossos alunos, verificando como as crianças estão se saindo na atividade, se estão tendo dificuldades e se estão desenvolvendo habilidades ou aprendendo o que foi proposto.

SEÇÃO 3

Atividades lúdicas no processo de educar em língua materna

Objetivo: Identificar as possibilidades de trabalhar o lúdico no contexto do processo de educar em língua materna.



Nas seções anteriores, falamos da atividade lúdica como recurso do processo de educar e a importância dessa atividade para esse fim. Conversamos muito sobre o lúdico e vimos atividades que são construídas no processo educacional.

Vamos dar mais ênfase ao fazer lúdico, principalmente mostrando possibilidades de trabalhar a leitura e a escrita, por meio de jogos, atividades teatrais, ou seja, práticas pedagógicas mais interativas.

Para isso, vamos sugerir atividades selecionadas de livros e revistas, e também vamos instigar sua criatividade para explorar o lúdico na sala de aula, conforme sua experiência e realidade contextual.



Lembrete

A palavra lúdico vem do latim *ludus*, que significa jogo, o que tem caráter de jogo, divertimento, brinquedo, o que diverte ou distrai: atividade lúdica.



Atividade de estudo-8

Para começar a seção com sua participação, Você vai relembrar, em forma de tópicos, o que estudamos sobre atividades lúdicas no processo de educar nas duas seções anteriores. Dê uma olhadinha nos resumos. Escreva o que Você achou mais importante.

O objetivo de incluir atividades lúdicas no nosso planejamento pedagógico é proporcionar recursos mais interativos e criativos para o processo educacional de nossos alunos, porque o lúdico é fundamental para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança.

Com a utilização de metodologias com características lúdicas, podemos trabalhar inúmeros temas, nas diversas áreas do conhecimento: matemática, português, ciências, história, geografia etc., nas séries iniciais. Vamos fazer com que a ação de aprender se torne um prazer, já que para algumas crianças não é assim.

Como falamos anteriormente, esta seção será mais prática, porque o lúdico acontece no fazer e este fazer envolve muitos aspectos a serem desenvolvidos pelas crianças, tais como:

- | | |
|-----------------------------|----------------------------------|
| ✓ Criatividade | ✓ Brincadeira com as idéias |
| ✓ Curiosidade | ✓ Associação de idéias |
| ✓ Desafios | ✓ Abstração do pensamento |
| ✓ Planejamento | ✓ Comparações |
| ✓ Assimilação | ✓ Aplicação de técnicas |
| ✓ Concentração | ✓ Tolerância para com o fracasso |
| ✓ Pesquisa | ✓ Admissão do erro |
| ✓ Exercício da imaginação | ✓ Fantasia |
| ✓ Trabalho com hipóteses | ✓ Emoção |
| ✓ Independência e autonomia | ✓ Reinvenção |
| | ✓ Ação |

Podemos ativar todos esses aspectos do lúdico, trabalhando atividades mais complexas ou menos complexas no processo de educar.

No início da alfabetização, trabalhamos muito com as letras e com os sons, e isso é de extrema importância, pois, como já sabemos, para ler e escrever é importante o aprendizado da correspondência entre sons e letras. Para esse fim, podemos trabalhar com as crianças várias modalidades de jogos. Na seções anteriores já vimos alguns. Você pode ir organizando

sua coletânea de jogos em um caderno ou fichário de fácil consulta. Coloque um índice em que os objetivos do jogo estejam evidentes para Você. Assim será fácil consultá-lo no momento do planejamento das aulas.

Indo à sala de Aula 7

Para que as crianças possam exercitar o corpo e aprender a formar palavras partindo do contexto da sala de aula, realize o “Jogo do quadrado das palavras”.

Desenhe no chão da sala de aula um quadro como este, usando giz e escreva uma letra em cada parte. Se não for possível fazer o desenho na sala de aula, uma alternativa é utilizar outro espaço, por exemplo: o pátio ou um espaço livre do terreno da escola.

C	G	J
M	B	L
S	P	T

O trabalho dos grupos será o de procurar e encontrar objetos que os nomes comecem pela letra escrita em cada parte.

Copie no quadro de giz a lista dos nomes de objetos selecionados pelas crianças.

As crianças vão copiar no caderno os nomes listados por Você no quadro, com o título objetos da sala de aula. Elas poderão fazer o desenho de cada objeto ao lado de seu respectivo nome.

(Atividade adaptada, retirada do livro “ALP alfabetização: análise, linguagem e pensamento, de Maria Fernandes e Marco A. Hailer. São Paulo, ed. FTD, p. 101)

Conforme a evolução da criança no aprendizado da leitura e da escrita, vamos introduzindo novos temas e planejando novas formas de desenvolver essas competências.

Depois de trabalhar o texto oral e escrito, o reconto, a compreensão textual, podemos desenvolver uma atividade mais específica com as palavras, as sílabas, as letras do alfabeto de forma lúdica, seguindo o ritmo de aprendizagem dos alunos.

Quando estamos planejando nossas aulas, sempre temos curiosidade de perguntar ao colega de trabalho como ele faz para trabalhar pequenos textos explorando a letras do alfabeto, por exemplo. A troca de idéias é algo muito produtivo, porque podemos trocar experiências, comparar nosso trabalho com o do outro. Geralmente, o colega tem boas “dicas” a nos dar, principalmente de jogos.

Pesquisando Evidências 3

Converse com seus colegas de trabalho, na coordenação pedagógica ou em outro momento, pergunte a eles quais os jogos de aprendizado de leitura e de escrita que os alunos gostam mais? Se eles percebem que nos momentos lúdicos as crianças aprendem, ficam mais extrovertidas. Peça sugestões de jogos e fale sobre os jogos que Você trabalha em sala de aula, não só de língua materna, mas de matemática, ciências etc. Anote as “dicas” no seu fichário, pois Você pode precisar para seu planejamento.

Como estávamos conversando há pouco, podemos trabalhar temas específicos de língua materna, utilizando os jogos. E também sanar algumas dificuldades que os alunos possam ter em relação a um determinado tema que eles não conseguiram aprender de outra forma, utilizando diversas atividades lúdicas.

Atividade de estudo-9

Você costuma revisar conteúdos de língua materna que os alunos não conseguiram aprender, utilizando os jogos? Sim () não (). Justifique sua resposta. Caso Você faça a utilização de jogos para esse fim, dê um exemplo de como Você utiliza os jogos para revisar temas específicos.

A melhor forma de reconduzir a criança à aprendizagem daquilo que ela não aprendeu é utilizando os jogos. Assim, Você eleva a auto-estima da criança e ela pode tentar aprender de forma mais lúdica o que não conseguiu de modo tradicional, pois o jogo é um meio ativo de se aprender.



Vindo à sala de Aula 8

Para trabalhar um conteúdo mais específico, por exemplo: as sílabas, podemos recorrer ao “Dominó de sílabas”. Lembre-se o que estudamos nas unidades anteriores sobre a sílaba na unidade 6. Vamos trabalhar com variações desse tema.

- Monte com as crianças um dominó de sílabas. Para isso, utilize papel-cartão ou cartolina, canetas hidrográficas para escrever.

- Corte a cartolina ou o papel-cartão em fichas 5cm por 5cm.

- Escreva sílabas utilizando todas as letras do alfabeto.

Desenvolvimento do jogo:

- Forme duplas de alunos.

- Separe 12 fichas para cada aluno.

- Tire par ou ímpar para saber quem começa o jogo.

- Quem for o vencedor começa o jogo, colocando uma ficha sobre a mesa.

- O outro jogador deve encontrar uma ou mais fichas que completem uma palavra.

- O jogador que não conseguir formar uma palavra, recolhe para seu monte a última sílaba colocada sobre a mesa. E passa a vez para o outro apresentar uma nova sílaba.

- Ganha o jogo quem ficar com o menor número de fichas no monte ou quem terminar sem nenhuma ficha.

(Atividade retirada e adaptada, do livro “Criar e recriar alfabetização” de Andrea Filatro: São Paulo, Ediouro, p. 11).

Aprender a ler e a escrever é um processo gradativo. A criança vai aprendendo com mais intensidade à medida em que é favorecida com atividades interativas e quando tem contato mais freqüente com a escrita. Assim, se proporcionamos um contexto com bastante diversidade de atividades de leitura e de escrita, utilizando diversos gêneros textuais, com certeza, as crianças aprenderão com mais facilidade e prazer.

Os jogos são oportunidades interessantes de observação do desenvolvimento dos alunos. Você deve aproveitar essas situações para anotar na Ficha Desenvolvimento Individual suas observações a respeito de cada aluno. Essas anotações constituem subsídios para avaliação continuada.

Avançando na Prática 2

Organize para Você um caderno com várias atividades lúdicas de escrita e de leitura que Você possa utilizar em sala de aula, para trabalhar diversos temas/conteúdos de língua materna. É importante conhecer e dominar a estrutura básica do jogo para que Você possa utilizá-lo várias vezes, mas com textos diferentes e palavras novas, de acordo com o desenvolvimento da turma no decorrer do ano. Você pode ter registrado no seu caderno:

- Bingo
- Cruzadinha
- Caça-palavras
- Palavra secreta
- Dominó de sílabas
- Jogo de rimas
- Quebra-cabeça
- Força
- Batalha naval

Se Você fizer uma coletânea dos jogos dos cadernos de Teoria e Prática e dos AAAs do PRALER terá um caderno de fácil consulta, com inúmeras sugestões de trabalho.



Ao trabalhar com a atividade lúdica como recurso pedagógico, principalmente com a utilização de jogos, estamos propondo à criança uma situação-problema a ser resolvida. Essa situação será resolvida individualmente, ou em grupo, em parceria, com a participação de uma ou mais crianças. Na resolução de um problema, a criança encontrará uma solução de forma inteligente e criativa, elaborando hipóteses, pensando profundamente, atuando concretamente na construção de seus conhecimentos e do mundo que a cerca.

Vindo à sala de Aula 9

Para que as crianças possam resolver uma situação-problema no formato de jogo, trabalhando a cooperação em equipe, sugerimos a atividade de preencher lacunas do texto, em busca de seu sentido.

O ÚLTIMO GOLPE DE ALVINHO:

- 1) Quando o Alvinho queria conseguir alguma coisa da mãe dele, sabe o que ele fazia? Pois ele se atirava no chão, esperneava, gritava bastante.
- 2) E não era só com a mãe dele que ele fazia isso, não. Fazia com as tias, fazia com a avó, fazia até com a professora.
- 3) E todo mundo ficava morrendo de medo e fazia todas as vontades dele.

Até que um dia o Alvinho resolveu dar o mesmo golpe na turma.

4) Pois foi a última vez que o Alvinho fez isso.

Foi assim: a gente estava combinando uma partida de futebol.

5) Aí o Alvinho foi perdendo a paciência, foi ficando bravinho, bravinho, e então começou a gritar e se atirou no chão e começou a bater com os punhos e começou a espernear e prendeu a respiração e ficou roxinho, roxinho, como se fosse explodir.

6) Eu não sei que foi que teve a idéia primeiro. Acho que foi a Gabriela que se atirou no chão e começou a imitar o Alvinho.

Ela gritava, puxava os cabelos, fazia até pior que ele.

7) Então o Marcelo, o Catapimba, a Mariana, o Guaraná, a turma toda se atirou no chão e começou a berrar, a espernear e uns até prenderam a respiração e ficaram ainda mais roxinhos do que o Alvinho.

(ROCHA, Ruth. Aventuras de Alvinho: o último golpe de Alvinho. São Paulo: FTD, 1997).

Primeira parte

1) Escreva o texto no quadro e leia-o com as crianças.

2) Divida o texto em sete partes, e escreva cada parte em papel pardo com lacunas, conforme o exemplo abaixo.

Quando o Alvinho _____ conseguir alguma _____ da mãe dele, _____ o que ele fazia? Pois ele _____ atirava no _____, esperneava, _____ bastante.

3) Escreva as palavras que faltam em cada parte do texto em tirinhas de papel.

4) Coloque as palavras das lacunas, de cada parte, em um envelope. Daí serão sete envelopes.

5) Divida a turma em 7 grupos.

6) Cada grupo ficará com uma parte do texto, com lacunas, e o envelope de palavras para preencher as lacunas.

7) O grupo que conseguir preencher as lacunas primeiro, utilizando as palavras do envelope, ganhará o jogo.

Segunda Parte

Depois do momento do jogo, espere que os outros grupos terminem de montar os seus respectivos textos.

Peça que cada grupo leia seu texto. De preferência conforme a ordem estabelecida acima.

Peça às crianças que copiem o texto no caderno.

Crie um momento de discussão entre as crianças, abordando o tema do texto.

Sugestão: pode ser feita uma dramatização do texto **O último golpe de Alvinho**.

O objetivo do jogo é mostrar como as palavras dão sentido ao texto e que uma palavra depende da outra para formar um texto. Assim como nós precisamos uns dos outros para realizar muitas coisas em nossa vida. Por outro lado, mostre como não podemos ser egoístas para realizar as nossas vontades, desrespeitando as outras pessoas, como fazia o Alvinho.

Peça que as crianças descrevam oralmente a reação do Alvinho.

Com essa atividade, Você trabalhará a formação coerente do texto, discutindo o tema “desrespeito às pessoas para satisfazer as nossas vontades”.

O trabalho com os jogos possibilita a ampliação de atividades que Você pode desenvolver com os alunos. Com o jogo de preencher lacunas do texto, os alunos passaram por uma situação-problema, a de dar sentido ao texto, colocando as palavras no lugar certo.

Avançando na Prática 3

Você pode criar várias possibilidades de trabalhar temas/conteúdos, utilizando o jogo do Indo à Sala de Aula 9.

Por exemplo: formação de palavras, conteúdos gramaticais, concordância, pontuação, seqüência lógica do texto etc.

Vale ressaltar que, quando nos propusemos a trabalhar com atividades lúdicas, é necessário o nosso envolvimento e não somente querer que os alunos desenvolvam tais atividades sem a nossa participação.

Pensando assim, vamos deixar para Você mais uma atividade que poderá ser adaptada várias vezes para ser utilizada em sala de aula em diversos momentos.

Indo à sala de Aula 10

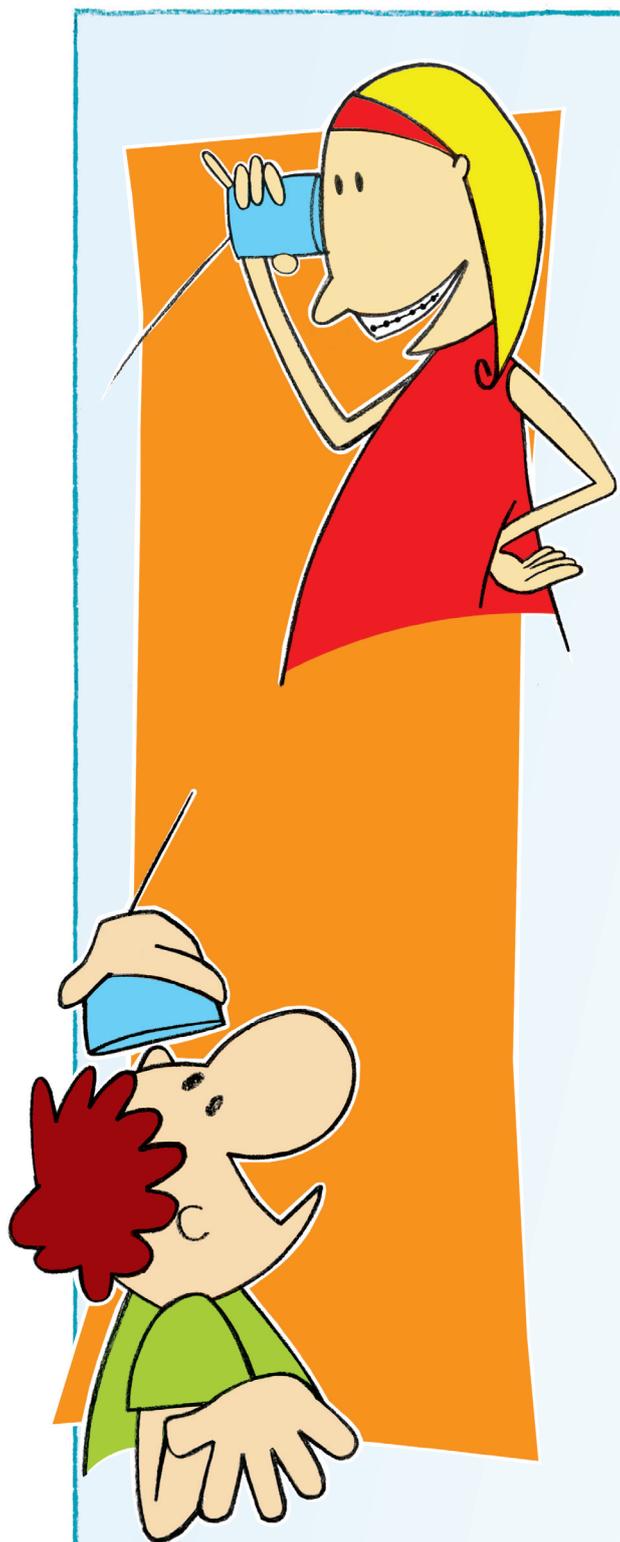
Para Você trabalhar a revisão de um tema específico ou a interpretação de um texto, o “Jogo do telefone” é uma atividade bastante criativa que pode ser desenvolvida nas séries iniciais e em outras séries. Também pode ser adaptado para outros fins, dependendo do seu interesse pedagógico.

Material:

garrafas de plástico (garrafa de refrigerante) e barbante.

Modo de confeccionar o telefone:

Corte duas garrafas no formato de copo, de aproximadamente 7 centímetros de altura. Fure as duas peças no centro e passe o barbante, de 2 metros, pelo orifício (buraco) e dê um nó no barbante pelo lado de dentro.



Desenvolvimento da atividade:

Explique às crianças que Você lerá um texto e que, após a leitura, alguns alunos poderão falar sobre o que entendeu do texto, conversando pelo telefone. Não é necessário que todos os alunos participem da atividade na mesma aula, pois os diálogos serão repetitivos. Participe Você também do diálogo, compondo par com um aluno.

Exemplo:

Texto

“ Tudo o que consumimos é embrulhado em papel ou plástico: é lixo que não sabemos onde pôr. Quanto mais consumimos, mais lixo fazemos. Mesmo onde o consumo é baixo, como em lugares pobres, afastados, de pouco comércio, um certo tipo de lixo vai chegando. Tampinhas, caixinhas, invólucro de bala. As havaianas vêm em saquinho de plástico. Em resumo, mesmo o consumo de baixo preço gera um lixo que fica aí, coalhando o mato, a mata, as beiras de rio, as praias.”

(MAUTNER, A. V. In: *Folha de S. Paulo*, fev. 2001. Folha Equilíbrio.)

Conversa ao telefone

Lucas: Alô, Débora! Aqui é Lucas. Você pode me explicar o que a professora ensinou hoje?

Débora: Ela falou que tudo o que a gente consome é embrulhado em papel ou plástico. O papel e o plástico vão para o lixo.

Lucas: o que mais a professora explicou?

Débora: Ela explicou que o lixo polui as matas e os rios, mas que o lixo pode ser reciclado.

A conversa ao telefone será transformada em uma representação teatral, dependendo do texto escolhido por Você.

As possibilidades de se trabalhar o lúdico como recurso pedagógico que conduza ao aprendizado significativo são muitas. Cabe a nós usar a criatividade e perceber que a formação da pessoa depende de um conjunto de aspectos.



Resumindo

Podemos pôr em prática vários aspectos do lúdico, trabalhando atividades mais complexas ou menos complexas no processo educacional.

Com a utilização de metodologias com características lúdicas, podemos trabalhar inúmeros temas/conteúdos nas diversas áreas do conhecimento.

A melhor forma de reconduzir a criança à aprendizagem daquilo que ela não aprendeu, é utilizando os jogos.

Ao trabalhar com a atividade lúdica como recurso pedagógico, principalmente com a utilização de jogos, estamos propondo à criança uma situação-problema a ser resolvida.

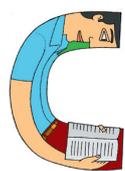
Uma mesma matriz básica de um jogo pode ser utilizada diversas vezes com conteúdos diferentes.



Leitura sugerida

LOPES, M. G. *Jogos na Educação: criar, fazer, jogar*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Nesse livro, a autora transforma jogos e passatempos em poderosos recursos de aprendizagem. Além disso, mostra como a criança pode planejar, preparar e fazer o próprio jogo. O livro é indicado para professores da pré-escola e de séries iniciais.



Texto Complementar

O JOGO E SUAS APLICAÇÕES

O jogo para a criança é o exercício, é a preparação para a fase adulta. A criança aprende brincando; é o exercício que a faz desenvolver suas potencialidades.

Os educadores se ocuparam durante muitos anos com os métodos de ensino, e só hoje a preocupação está sendo descobrir como a criança aprende. As mais variadas metodologias podem ser ineficazes se não forem adequadas ao modo de aprender da criança.

A criança sempre brincou. Independentemente de épocas ou de estruturas de

civilização, é uma característica universal; portanto, se a criança brincando aprende, por que então não ensinarmos da maneira que ela aprende melhor, de uma forma prazerosa para ela e, portanto, eficiente?

Já são conhecidos muitos benefícios de certos jogos. Porém, é importante que o educador, ao utilizar um jogo, tenha definidos objetivos a alcançar e saiba escolher o jogo adequado ao momento educativo. Enquanto a criança está simplesmente brincando, incorpora valores, conceitos e conteúdos. Os jogos que utilizamos na escola são, na grande maioria, jogos clássicos ou passatempos já bastante conhecidos, porém a novidade é o estudo feito sobre o aproveitamento no contexto educativo, explorando ao máximo esse momento com conhecimento das finalidades de cada jogo.

A proposta hoje é ir além do jogo, do ato de jogar para o ato de antecipar, preparar e confeccionar o próprio jogo antes de jogá-lo, ampliando desse modo a capacidade do jogo em si a outros objetivos, como profilaxia, exercício, desenvolvimento de habilidades, potencialidades e também na terapia de distúrbios específicos de aprendizagem. Com objetivos claros, cada atividade de preparação e confecção de um jogo é um trabalho rico que pode integrar as diferentes áreas do desenvolvimento infantil dentro de um processo vivencial. A criança tem pouco espaço para construir coisas, para confeccionar brinquedos.

“Numa sociedade de consumo, são, sem dúvida, infundáveis os apelos que chegam até as pessoas. (...) Como mercadoria, a TV vende todos os valores, de produtos de limpeza a idéias, sentimentos e atitudes” (Rezende, 1993, p. 7).

E como consumistas compramos a maioria delas. As crianças então gastam a maior parte de seu tempo livre diante da televisão e consomem os atraentes jogos e brinquedos eletrônicos. Não sobra tempo para criar, inventar e soltar a imaginação. A criança acaba por não ter oportunidade de conhecer alguns de seus potenciais criativos por falta de tempo e espaço disponíveis.

A oferta de brinquedos eletrônicos e os atraentes jogos e brinquedos à disposição no mercado desmerecem o artesanato, colocando no lugar da satisfação de criar o gosto pelo consumo exacerbado, trocando-se os valores entre o ter e o fazer.

A partir de um levantamento feito das causas mais freqüentes das dificuldades encontradas no processo ensino-aprendizagem, tanto da parte dos educadores como dos educandos, constatei que muitas crianças desconhecem seus potenciais porque não tiveram a oportunidade de experienciá-los, e, ao fazê-lo, aumentam a sua auto-estima. Como seres capazes de realizar, de inventar coisas com utilidade, conseguem dar valor a objetos que foram feitos por suas próprias mãos, incorporam alguns valores essenciais à vida.

Da parte dos educadores, podem passar conteúdos e realizar avaliações de forma mais atraente e motivadora, e, pela confecção de jogos, atingir diferentes objetivos simultaneamente.

Objetivos pedagógicos no contexto escolar e clínico

Reduzir a descrença na autocapacidade de realização

A criança tem poucas oportunidades, tanto na escola quanto em casa, para desenvolver sua capacidade criativa. Desse modo desconhece este seu potencial – quanto tudo lhe é apresentado pronto, como, por exemplo, jogos de computador, livros descartáveis e brinquedos que brincam sozinhos. Assim, não se constrói nada, não se arrisca experiências novas, deixando muitas vezes a criança sem confiança na sua capacidade de realização. Pela confecção de jogos, construir, criar, copiar, desenvolver planos, isto aumentará sua autoestima, revelando que é capaz, que pode usar o pronto, mas também pode fazer muitas outras coisas para si própria.

Diminuir a dependência – desenvolvimento da autonomia

O desenvolvimento da autonomia na criança é aspecto fundamental para a maturidade emocional e o equilíbrio entre o psíquico e o mental.

Alguns jogos têm como objetivo o desenvolvimento da autonomia da criança: poder arriscar-se, ter de fazer a sua parte sozinha e ser responsável por suas escolhas e atos.

Aprimorar a coordenação motora

Dedicados a pré-escolares e a algumas crianças das séries iniciais com alguma defasagem de coordenação motora fina, alguns jogos proporcionam a oportunidade do exercício motor, desenvolvendo assim essa habilidade tão importante para a alfabetização.

A manipulação de tesouras, de massa, as dobraduras, colagens, pinturas, desenhos, são elementos próprios para este trabalho.

Desenvolver a organização espacial

A organização espacial é uma dificuldade que algumas crianças demonstram ao realizar certas atividades que exijam cálculo mental do espaço disponível. Esta habilidade tem relação com todo o seu espaço, seja interno ou externo. A criança não tem cálculo de distância e posicionamento dos objetos no espaço; desse modo, é desastrada, cai muito, derruba as coisas, esbarra em tudo, não consegue manter seus objetos em ordem e não consegue ordenar fatos em uma seqüência lógica dos acontecimentos. Em geral, sua narrativa é confusa e desconexa.

Aumentar a atenção e a concentração

A falta de atenção e concentração é um forte componente dos distúrbios de aprendizagem; muitas crianças não conseguem concentrar sua atenção em determinadas tarefas. Os motivos são muito variáveis, no entanto, um dos mais comuns é o desinteresse pela atividade proposta. Para isso, a sensibilização prévia pode motivar a criança e despertar o interesse para a atividade na qual se concentrará. É possível exercitar essa habilidade por meio de tarefas, para que a criança se acostume a trabalhar com a atenção seletiva como ato volitivo. As atividades minuciosas, com peças e espaços pequenos para pintar, colar, recortar, ou a visualização de objetos diferentes dentro de um conjunto, podem auxiliar no desenvolvimento da atenção.

(LOPES, M. G. *Jogos na educação: criar, fazer, jogar*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001, páginas 35-43. Texto adaptado.)



Bibliografia

- PIMENTEL, F. e RABELO, V. 268 Jogos infantis. Rio de Janeiro: Villa Rica.
- REVERBEL. O. Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão. São Paulo: Scipione, 2002.
- RIBEIRO, L. e PINTO, G. O real do construtivismo. Vol. 3. Belo Horizonte.
- ARAÚJO, C. M. *Psicopedagogia*. Vol. 4. Brasília: Programa Gestar/Fundescola/Mec, 2002.



Respostas das atividades de estudo

Atividade de estudo 1

Brincadeiras de Infância
Cantiga de roda
Pique-esconde

Queimada
Amarelinha
O comentário é pessoal.

Atividade de estudo 2

A atividade lúdica promove o desenvolvimento de muitas habilidades de leitura, escrita, socialização, interação e outros aspectos.

Atividade de estudo 3

Atividades lúdicas

habilidades

Cantiga de roda

Comunicação oral através da pronúncia, entonação e memorização.

Quebra-cabeça

Coordenação motora fina, colagem, montagem, desenvolvimento da linguagem, ordenação etc.

Jogo ortográfico

Desenvolvimento do raciocínio.

Mico alfabético

Memorização, socialização, percepção.

Atividade de estudo 4

A atividade lúdica é um recurso pedagógico para o processo educacional na alfabetização. Promove o desenvolvimento de muitas habilidades de leitura, escrita, socialização, interação e outros aspectos. Os jogos são ótimas opções de recursos lúdicos, além de contribuir para o desenvolvimento intelectual das crianças. Quando o professor insere no seu planejamento pedagógico atividades lúdicas, deve também formular meio para conduzir, avaliar e criar um contexto de aprendizagem em que o aluno não se torne um agente passivo e sim sujeito ativo do contexto educacional.

Atividade de estudo 5

A resposta é pessoal, mas vamos fazer uma sugestão de um jogo de sentido muito conhecido.

Cabra-cega

Material: um lenço.

Formação: criança em círculo, dentro do qual fica uma de olhos vendados (a cabra-cega).

Desenvolvimento: às crianças da roda perguntarão:

Cabra-cega, de onde vieste?

Do moinho de vento.

Que trouxeste?

Fubá e melado.

Dá-nos um pouquinho?

Não.

Então afasta-te.

As crianças deixarão as mãos e, espalhadas pelo campo, fugirão à cabra-cega, desafiando-a por vezes. Esta, ouvindo-as, tentará pegá-las. Quando conseguir tocar alguma, tirará a venda e escolherá um substituto para reiniciar o jogo.

(PIMENTEL, F. e RABELO, V. 268 Jogos infantis. Rio de Janeiro: Villa Rica, p. 95).

Atividade de estudo 6

Para quem? Turma de alfabetização

O que? Pare já – formação de palavras

Para que? Treinar o raciocínio, trabalhar a leitura e a escrita de nomes.

Objetivos: Treinar o raciocínio.

Trabalhar a leitura e a escrita de nomes.

Como fazer? Escolha um tema e indique uma letra, por exemplo:

Animais com M

Frutas com F

Comida com S

Divida a turma em grupo.

Com o alfabeto individual, o grupo tentará formar o maior número de palavras começadas com a letra escolhida.

Quando Você disse PARE JÁ , vence o grupo que tiver formado o maior número de palavras.

Material: Fichas do alfabeto ou de sílabas.

Como produzir o jogo: Utilizar papel-cartão ou cartolina e pincel atômico.

Observação: Você pode contar uma história e as crianças montarão o nome das personagens, utilizando as fichas. Ou ainda um aluno assume o lugar do professor, escolhendo o tema. Você é quem vai formar as palavras.

Atividade de estudo 7

- 1) Conhecer deveres
- 2) Conhecer direitos
- 3) Trabalhar limites individuais e do grupo
- 4) Respeitar normas
- 5) Respeitar o momento da participação do outro
- 6) Dividir o espaço social
- 7) Aprender a trabalhar em equipe

Atividade de estudo 8

A atividade lúdica é um recurso pedagógico para o processo educacional na alfabetização.

Os jogos não são apenas uma forma de entretenimento para gastar energia das crianças.

Com os jogos, as crianças desenvolvem muitas habilidades.

Sessão Presencial Coletiva 16

O objetivo dessa oficina é experienciar o lúdico na confecção de jogos e na aplicação dos mesmos e promover um contexto de interação no formato de oficina de criação.

Duração: 3h

Material utilizado na oficina: (cartolina, folha de papel pardo, pincel, lápis de cor, revistas e jornais usados, tinta guache, papel cartão, cola, tesoura, giz de cera, caixinhas de fósforo vazias, caneta hidrográfica, bola etc)

Etapa 1

Comentar e discutir a Lição de Casa (Investigação da prática).

Etapa 2

Levar para a oficina os seguintes textos escritos em folha de papel pardo e afixar os cartazes na parede ou na lousa. Os textos são uma opção para a criação de jogos.

TEXTO 1

O GALO E A PÉROLA

Um galo estava ciscando, procurando o que comer no terreiro, quando encontrou uma pérola. Ele então pensou:

- Se fosse um joalheiro que te encontrasse ia ficar feliz. Mas para mim uma pérola de nada serve; seria muito melhor encontrar algo de comer.
- Deixou a pérola onde estava e se foi, para procurar alguma coisa que lhe servisse de alimento.

TEXTO 2

O tempo perguntou pro tempo
Quanto tempo o tempo tem.
O tempo respondeu pro tempo
Que o tempo tem tanto tempo
Quanto tempo o tempo tem.

TEXTO 3

Quebre e requebre
E torne a requebrar!
Quitibum, quitibum!

Quantos quilos tem você?
Tenha os quilos certos:
Nem mais um, nem menos um!
Quebre e requebre
E torne a requebrar,
Tudo o que quiser
O Q lhe vai dar!

Sou o Q de quintal – tome todas as frutas!
Sou o Q da quintanda – leve o que quiser!
Sou o Q de queijo fresco e salgado,
Queijo branco e amarelo,
E redondo e quadrado,

-coma de um qualquer!
Quitibum! Quitibum!

Quebre e requebre,
E, se já requebrou,
Diga o quitute
De que mais gostou!
“Eu fui à Quitandinha,
Trouxe legumes e verdura,
Fui ao fundo do quintal
E comi fruta madura.
Veio o que me deu Queijo
De todas as qualidades,
Ora viva a fartura
Com as suas variedades!

Pois se está contente,
Querido,
Ponha-se a dançar!
Se está com frio, tome qualquer coisa quente,
Não fique assim quieto
Quebre e requebre
E torne a requebrar!

(MEIRELES, C & CASTRO J. *A festa das letras*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.)

Etapa 3

Dividir a turma em vários subgrupos.

Etapa 4

O representante de cada subgrupo copiará o texto em uma folha de papel.

Etapa 5

Cada subgrupo criará um jogo a partir de um dos textos sugeridos.

Etapa 6

Cada grupo escolherá um participante para apresentar o jogo que foi produzido.

PROGRAMA DE APOIO A LEITURA E ESCRITA
PRALER

DIPRO / FNDE / MEC

AUTORES

Lucília Helena do Carmo Garcez

Doutora em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP

Professora Titular Aposentada - Instituto de Letras
Universidade de Brasília/UnB

Rosineide Magalhães de Sousa

Doutora em Lingüística
Universidade de Brasília/UnB

Stella Maris Bortoni-Ricardo

Pós-Doutora em Etnografia Educacional
Universidade da Pennsylvania

Professora Titular - Lingüística - Faculdade de Educação
Universidade de Brasília/UnB

Tatiana Figueiredo Nunes de Oliveira

Mestre em Educação
Universidade de Framingham - Massachussetts

**PROGRAMA DE APOIO A LEITURA E ESCRITA
PRALER**

DIPRO / FNDE / MEC

Diretora de Assistência a Programas Especiais - DIPRO

Ivone Maria Elias Moreyra

Chefe da Divisão de Formulação e Implementação - DIFIM

Débora Moraes Correia

EQUIPE EDITORIAL

Organização

Wilsa Maria Ramos

Ilustrações

Fernando Lopes

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica e Capa

Tatiana F. Rivoire